

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Natália Almeida Cury

Tendências de Educação Ambiental presentes na trajetória de vida: um estudo
autoetnográfico

Uberlândia

2019

Natália Almeida Cury

Tendências de Educação Ambiental presentes na trajetória de vida: um estudo
autoetnográfico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a aprovação na disciplina
Iniciação à Pesquisa do Curso de Ciências
Biológicas - Bacharelado da Universidade
Federal de Uberlândia.

Orientadora: Profa. Dra. Ariádine Cristine de
Almeida

Uberlândia

2019

Natália Almeida Cury

Tendências de Educação Ambiental presentes na trajetória de vida: um estudo
autoetnográfico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a aprovação na disciplina
Iniciação à Pesquisa do Curso de Ciências
Biológicas - Bacharelado da Universidade
Federal de Uberlândia.

Uberlândia, 06 de dezembro de 2019.

Prof.^a Dr.^a Ariádine Cristine de Almeida

Prof.^a Dr.^a Francielle Amâncio Pereira

Prof. Dr. Melchior José Tavares Júnior

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e meu pai por terem me dado a vida, por todo amor, dedicação, paciência, educação, alimentação, cuidado, suporte e apoio financeiro que me permitiram fazer tudo o que eu já fiz, aprender tudo o que aprendi e ser quem e o que sou hoje.

À minha ex-orientadora Prof.^a Francielle por ter despertado a ideia de desenvolver este estudo, por ter se disposto a fazer parte da minha banca e por todas as contribuições para a finalização do trabalho.

À minha orientadora atual Prof.^a Ariádine por ter se prontificado a me orientar em um tema não muito familiar, por ter permitido que o processo de escrita deste trabalho fosse leve e rápido, pela simpatia e por todas as sugestões e correções.

Ao Prof. Melchior por ter aceitado fazer parte da minha banca, por todas as sugestões de referências, alterações e esclarecimentos para a finalização do meu estudo.

Aos técnicos da coordenação do curso de Ciências Biológicas por terem agendado a sala para a minha defesa, por realizarem minhas matrículas todo semestre, esclarecer dúvidas e resolver diversos problemas.

À Patrícia e Yara, técnicas da biblioteca, por terem me auxiliado com a formatação do trabalho.

A tod@s amig@s da Unesp Sorocaba, às companheiras de república e aos bons professores e professoras que tive nesta universidade.

Às professoras e professores que tive no ensino básico.

À equipe do Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba por terem permitido que eu fizesse o voluntariado e a tod@s amig@s que trabalharam comigo lá.

Ao Eridani e Tulasi, por terem se permitido oferecer a vivência no sítio Baru de forma tão amorosa e aberta, ao Órion pelos ensinamentos em Ayurveda, à Aline por ter se tornado uma amiga que me ensinou tanto e a todos os que participaram desta vivência com carinho e disposição.

Ao Rapha por sempre abrir o sítio UOAEI e oferecer vivências no parque do Zizo, reunindo tantas pessoas incríveis e trabalhando com agricultura biodinâmica, trazendo uma visão espiritual na relação com a terra e com o outro e fazendo diferença na vida de tanta gente e a tod@s amig@s que compartilharam um tempo comigo neste sítio, sempre ensinando tanto.

Aos professores e professoras do Instituto de Biologia da UFU, que sempre trazem pontos de vista críticos sem doutrinação, em especial à Prof.^a Daniela Franco que sempre incentivava os estudantes a escreverem textos reflexivos e lerem na aula de Ciências e Mídias.

A tod@s @s bolsonaristas desequilibrados que tentaram me ofender, pois me incentivaram a estudar, pesquisar e aprofundar mais sobre diversos assuntos que eu conhecia superficialmente ou não tinha interesse em saber, a aprimorar minha capacidade de comunicação, a participar de palestras, cursos e vivências e que foram inspirações para eu escrever músicas e poesias.

A tod@s amig@s que me apoiaram em tais discussões, acrescentando com informações e me defendendo.

Ao namorado Luciano por todas as conversas, apoio, por me mostrar diferentes pontos de vista, pela sensibilidade e empatia.

Ao meu primo Daniel Cury por sempre me ajudar a ver o que eu não estava vendo, por ter contribuído na formação do meu caráter, pelas sugestões de referências e ajuda na reta final com dicas para a apresentação.

Ao meu irmão Walter por todas as conversas construtivas, por sempre me mostrar outro lado dos mesmos assuntos e por ser companhia em festivais.

À amiga Aline Morais pelo apoio tanto no início quanto no final do processo de escrita deste trabalho, por todas as conversas produtivas, por sempre ser uma companhia agradável e de mente aberta e pela companhia nas viagens para Terra Ronca e Chapada dos Veadeiros.

À amiga Mariana por sempre me ajudar trazendo reflexões com solidez e direcionamento, por confiar em mim aceitando me acompanhar em diversas aventuras e por, juntamente ao seu pai, ter me acolhido quando eu precisava dormir em Uberlândia e durante um dos semestres em que morei lá.

À amiga Juliana pela sensatez, por me mostrar diferentes formas de amor e respeito ao próximo e aos animais, por, desde criança, ser uma pessoa que se importa com a questão ambiental e age, pelo dia inesquecível em que tiramos lixo de uma represa enquanto passeávamos de pedalinho aos 7 anos de idade e por ter sido excelente companhia no semestre em que moramos juntas em Uberlândia.

À amiga Hellen por, desde a infância, fazer diversos tipos de artes comigo, pelo livrinho que escrevemos juntas, por ter dirigido as diversas peças de teatro que fazíamos na escola, por valorizar o que eu produzo, pelo senso crítico diferenciado, pela sinceridade e por ter feito um curso de meditação comigo.

À Gabriela por ter sido a inspiração para o livrinho comentado anteriormente, por todas as cartas que escrevíamos uma para a outra e que estimularam nossa escrita, pela coragem de participar das discussões no período eleitoral que começaram a acontecer na minha página do *Facebook* e por falar um pouco de espiritismo conosco desde criança.

A tant@s artistas e músic@s que me inspiraram.

Aos professores e professoras de canto, violão, piano, teclado, desenho e língua estrangeira e a tod@s @s amig@s que me incentivaram a cantar.

À mãe natureza, por sempre me acalmar, ensinar, repor minhas energias, ajudar a centrar, refletir com mais clareza e a me recompor.

Aos professores de terapias holísticas, yoga e meditação.

À amiga Alice por ser companhia em diversos eventos transformadores, por todas as conversas profundas, ensinamentos, indicações de filmes, pelos pontos de vista libertadores e por sempre me hospedar em Ubatuba.

À amiga Vivian por ter sido a primeira pessoa que me ensinou a dirigir na estrada, por sempre me ensinar tanto, pela criticidade, pelos cursos e vivências que fizemos juntas e por todas as vezes que me hospedou em São Paulo.

À amiga Katiana pela autenticidade, liberdade de pensamento, sinceridade, carinho, por ter tornado mais leve os diversos problemas pelos quais passamos na universidade, por todas as viagens e aventuras que fizemos juntas e pelas vezes que me hospedou em São Paulo.

À amiga Raquel por toda ajuda que me ofereceu na universidade, por tudo o que já me ensinou e por todas as vezes que me hospedou em Sorocaba.

Aos organizadores e palestrantes de diversos eventos e cursos que participei.

A tod@s amig@s que me acompanham e que conheci em diversas viagens, em especial Guilherme, Nadine, Tiago e Bogh, que me ensinam tanto.

A tod@s amig@s de Araguari que “caçavam” cachoeiras comigo.

À Lana por todos os ensinamentos, por ter mostrado minha música em sala de aula para seus estudantes e pelo engajamento em prol dos animais, dos direitos humanos e da Terra.

Às pessoas que trabalharam comigo na Embrapa hortaliças, no Projeto Tamar de Ubatuba, na Dersa e no PETAR.

A tod@s amig@s da Biologia/UFU.

À tia Nice e ao Cabrera por serem um suporte do contra na família e por me hospedarem durante dois meses em Brasília para a realização do meu estágio na Embrapa.

À tia Heloísa (in memoriam) pela influência que teve nos meus estudos, deixando tantos livros de Biologia, os quais utilizei durante a graduação, e por ter sido uma professora digna de homenagens enquanto viveu.

Às minhas avós Dinorá e Olga, meus avôs João e Munir, todos in memoriam, e a todos os meus ancestrais que construíram minha família e permitiram que todos estivéssemos aqui hoje, talvez em condições melhores que as que eles viveram.

Ao tio Egídio, tia Leda (in memoriam) e Lazineira por terem me auxiliado quando morei em Sorocaba.

Ao meu irmão Marcel por todo apoio que já me deu, por me incentivar a continuar meus estudos e pela existência da minha sobrinha Maria Vitória que traz a energia da infância e alegria para a família.

Aos tios e tias, ti@s-avós e prim@s que contribuíram no meu desenvolvimento e na minha formação.

Ao dr. Romes (in memoriam) e D.^a Elza por terem me hospedado em São Paulo durante meu estágio.

À Valquíria, que garantiu meu alimento enquanto eu passava horas no computador estudando, pesquisando e escrevendo.

A todas as mulheres que cuidaram de mim e dos meus irmãos enquanto meus pais trabalhavam.

Aos vegan@s ativistas que conheci nos meus caminhos e me ensinaram sobre a filosofia de vida do veganismo.

A tod@s professores da Pós-graduação em Perícia, Auditoria e Gestão Ambiental, em especial à professora de Educação Ambiental Mônica Simons, e aos colegas deste curso.

A tod@s terapeutas e consteladoras familiares que me auxiliaram no meu processo de autoconhecimento e autocuidado.

Ao Pérsis por me lembrar de relaxar e brincar enquanto escrevia este trabalho e por ser companhia quase constante.

Ao Lilico e Tonho por, há tantos anos, fazerem parte do desenvolvimento da minha personalidade, por trazerem paz, inocência, alegria e senso de responsabilidade.

RESUMO

Existem diferentes visões sobre meio ambiente e Educação Ambiental (EA), conceitos que passaram a ter diversas interpretações conforme o contexto político, histórico, cultural, econômico, educacional e social, permitindo a identificação de inúmeras correntes ou tendências de EA. O objetivo deste estudo foi descrever e refletir o processo formativo e de autoconhecimento vivenciado pela autora em experiências inseridas no contexto da EA e identificar tendências de EA marcantes em cada etapa, a fim de compreender como elas contribuíram na construção do olhar sobre meio ambiente e EA. A metodologia utilizada foi a autoetnográfica e, além da escrita de um memorial, foram expostas fotografias, mapas e documentos autorais, como poesias, desenhos e músicas. Foram escolhidas cinco experiências: a graduação em Engenharia Ambiental, iniciada em 2007 e concluída em 2012, um trabalho voluntário em um Parque Estadual, realizado em janeiro de 2013, uma vivência permacultural realizada em março de 2013, um retiro espiritual realizado em outubro de 2013 e a escrita de músicas e poesias em 2018 e 2019. A partir da análise crítica de tais experiências, foram identificadas as tendências conservadora, pragmática e crítica. O estudo permitiu a compreensão das diferentes tendências de EA, seus aspectos políticos e complexidades, demonstrando a importância de educadores ambientais estarem constantemente abertos a se desconstruírem e reconstruírem a partir de uma visão multidisciplinar, autocrítica e crítica da realidade. As tendências marcantes de EA identificadas permitiram compreender como elas contribuíram na construção do olhar da autora sobre meio ambiente e EA ao longo de seu processo formativo, o qual é constante. A relevância deste trabalho foi, além de permitir uma compreensão ampla do que realmente é EA, perceber que muitas abordagens geralmente focam mais em questões naturais e técnicas, porém é importante abordar também questões socioculturais.

Palavras-chave: Tendências de Educação Ambiental. Correntes de Educação Ambiental. Autoetnografia. Autobiografia.

ABSTRACT

There are different views about environment and Environmental Education (EE), concepts that have passed through several interpretations, according to political, historic, cultural, economic, educational and social context, allowing the identification of several trends or tendencies of EE. The aim of this study was to describe and reflect the formative and self-knowledge process that the author lived in experiences inserted in the context of EE and identify trends of EE remarkable in each stage allowing understanding how they contributed on the building of the vision about environment and EE. The chosen method was the autoethnographic, besides the writing of memorial and exposing pictures, maps and authoral documents, like poetries, drawings and songs. Five experiences were chosen: the graduation on Environmental Engineering, started on 2007 and finished on 2012, a volunteering in a State Park, in January/2013, a permacultural experience in March/2013, a spiritual retreat in October/2013 and the writing of poetries and songs from 2018 to 2019. After the critical analysis of those experiences, the conservative, pragmatic and critic trends were identified. This study allowed the comprehension of different trends of EE, its political aspects and complexity, showing the importance of environmental educators being constantly opened to deconstructing and reconstructing themselves, by a multidisciplinary, self-critical and critical vision about reality. The significant trends of EE identified allowed understanding how they contributed on the author's building of vision about environment and EE during her formative process, which is constant. The relevance of this study was, besides allowing a broad understanding of what EE really is, realize that many approaches usually focus more on natural and technical issues, but it is also important to broach socio-cultural issues.

Keywords: Environmental Education trends. Environmental Education tendencies. Autoethnography. Autobiography.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CONTATO DA AUTORA COM O TEMA DA PESQUISA	18
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	22
3.1 Histórico da Educação Ambiental	22
3.2 Tendências em Educação Ambiental	25
3.2.1 Tendência conservadora	28
3.2.2 Tendência pragmática	30
3.2.3 Tendência crítica	31
4 METODOLOGIA.....	33
4.1 Autobiografia	33
4.2 Autoetnografia	33
4.3 Memorial	34
4.4 Escolha de experiências da autora e identificação de tendências de EA marcantes ..	35
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	36
5.1 Vida acadêmica - a graduação em Engenharia Ambiental	36
5.2 Vida na floresta – o trabalho voluntário no Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba	46
5.3 Vida permacultural – a vivência no Sítio Baru.....	59
5.4 Vida espiritual – o Festival UOAEI da Justinada em Outubro – FUJO	67
5.5 Vida de “artista” – a arte como forma de protesto	76
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICE A – POESIAS, FOTOGRAFIAS E DESENHOS	99
APÊNDICE B – LETRAS DE MÚSICAS.....	153

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ciclovía em Sorocaba.....	37
Figura 2 – Parque do Paço Municipal da Prefeitura de Sorocaba.....	37
Figura 3 – Visita ao Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR).....	40
Figura 4 – Visita técnica à Estação Ecológica de Angatuba.....	40
Figura 5 – Visita técnica à Empresa Metropolitana de Águas e Energia S. A. (EMAE).....	40
Figura 6 – Visita técnica ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE).....	40
Figura 7 – Visita técnica à Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (SABESP).....	40
Figura 8 – Imagem de satélite da área do Parque Estadual da Serra do Mar - Núcleo Picinguaba (Ubatuba/SP).....	47
Figura 9 – Trilha fluvial no manguezal.....	49
Figura 10 – Voluntários na Praia da Fazenda.....	50
Figura 11 – Voluntários na Praia Brava da Almada.....	50
Figura 12 – Centro de Visitantes do Parque Estadual da Serra do Mar - Núcleo Picinguaba.....	51
Figura 13 – Trilha sensorial.....	52
Figura 14 – Posto de trabalho na praia da Fazenda.....	52
Figura 15 – Placas de identificação de área em recuperação.....	53
Figura 16 – Mural "Do bicho ao lixo".....	53
Figura 17 – Caranguejos na praia da Fazenda.....	57
Figura 18 – Golfinho machucado encontrado na praia da Fazenda.....	57
Figura 19 – Jararaca.....	58
Figura 20 – Trilha de terra inundada.....	58
Figura 21 – Casa principal do sítio Baru.....	61
Figura 22 – Milho crioulo.....	62
Figura 23 – Brotos de girassol.....	62
Figura 24 – Processo de bioconstrução de um pequeno lago.....	63
Figura 25 – Lago pronto.....	63
Figura 26 – Plantando na horta orgânica.....	64
Figura 27 – Casa principal do sítio UOAEI.....	70
Figura 28 – Decoração do sítio.....	70
Figura 29 – Represa e APP do sítio UOAEI.....	70

Figura 30 – Mosaico com louças quebradas.....	71
Figura 31 – Fogueira.....	72
Figura 32 – Processo de dinamização do preparado biodinâmico.....	73
Figura 33 – Parque do Zizo.....	74

LISTA DE SIGLAS

EA	Educação Ambiental
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
TAMAR	Projeto Tartaruga Marinha
PANCs	Plantas alimentícias não convencionais
Embrapa	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Rea	Rede de Educação Ambiental
ONU	Organização das Nações Unidas
PIEA	Programa Internacional de Educação Ambiental
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
FNMA	Fundo Nacional de Meio Ambiente
PRONEA	Programa Nacional de Educação Ambiental
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MMA	Ministério do Meio Ambiente
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
CNMA	Conferência Nacional do Meio Ambiente
Secadi	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
Cieas	Comissões Interinstitucionais de Educação Ambiental
Comvida	Comissões de Meio Ambiente e Qualidade de Vida
Encea	Estratégia Nacional de Educação Ambiental e Comunicação em Unidades de Conservação
PEAMSS	Programa de Educação Ambiental e Mobilização Social em Saneamento
PEAAF	Programa de Educação Ambiental e Agricultura Familiar
EducaRes	Estratégia de Educação Ambiental e Comunicação Social na Gestão de Resíduos Sólidos
PNJMA	Plano Nacional de Juventude e Meio Ambiente
ANPPEA	Articulação Nacional de Políticas Públicas de Educação Ambiental

PESM-Npic	Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba
INPE	Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
UCs	Unidades de Conservação
FUJO	Festival UOAEI da Justinada em Outubro
UOAEI	Unidade Onto-Agrícola Eco-Integral
APP	Área de Preservação Permanente

1 INTRODUÇÃO

Imaginemos a seguinte cena: pessoas de diferentes idades e áreas de formação estão reunidas em uma sala e, de repente, alguém pergunta: “O que é meio ambiente?”. Inicia-se então uma competição para ver quem tem a melhor resposta, sem nunca entrarem em um consenso. Uma pessoa literal responde que meio ambiente é metade do ambiente e o piadista do grupo completa: “é meio ambiente porque metade dele já foi destruída!”. Já a maioria das crianças desenha Sol, nuvens, aves, árvores, flores, entre outros, pois tendem a apresentar uma visão mais naturalista do que é meio ambiente, além de não considerarem o ser humano, incluindo elas mesmas, como parte deste (TELLES; SILVA, 2012). A dona da casa se lembra do dicionário Aurélio empoeirado na estante e responde em alto e bom tom a todos: “Meio ambiente é o conjunto dos fatores físicos, químicos e bióticos que agem sobre um ser vivo ou uma comunidade ecológica e podem determinar sua sobrevivência.” (FERREIRA, 1993). O advogado do grupo recorre ao Artigo 3º da Política Nacional de Meio Ambiente (BRASIL, 1981), que define meio ambiente como “o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”. A adolescente, sempre sintonizada em seu celular, digita na página de pesquisa Google “o que é meio ambiente” e encontra aproximadamente 279.000.000 resultados para a sua pesquisa, então desiste de responder, pois conclui que as respostas para essa pergunta podem ser muito subjetivas e, por isso, nunca chegará a uma conclusão conveniente para todos.

A forma como o ser humano vê o meio ambiente pode se modificar ao longo dos anos, com base em suas próprias experiências nos mais variados contextos em que está inserido. Desta forma, cada pessoa, sendo única, possui sua própria forma de interpretar o espaço, existindo, conseqüentemente, percepções diferentes e múltiplas de um mesmo objeto (OLIVEIRA, 2006). O indivíduo, durante toda a sua vida, adquire conhecimentos que são construídos pela interação com outras pessoas e com o ambiente, sendo que suas ações permitem a reorganização constante deste meio (OLIVEIRA et al., 2009).

Assim, muitas pessoas podem alterar seus comportamentos conforme se sensibilizam com as questões ambientais, tornando-se capazes de mudar seus valores para tornarem-se sujeitos ecológicos, agindo de forma mais responsável e cuidadosa com o meio e o outro (CARVALHO, 2013). Trata-se de um processo formativo constante que pode ocorrer tanto na

educação não formal¹ (WILLE, 2005) e informal² (WILLE, 2005; GOHN, 2006), quanto na educação formal³ (WILLE, 2005; GOHN, 2006; CARVALHO, 2013). Para Isabel Carvalho (2013), o ambiente escolar tem o potencial de formar identidades ecológicas ou predatórias de acordo com os princípios que influenciam neste espaço. Infelizmente a educação formal tradicional não tem sido ambiental, por isso, a Educação Ambiental (EA) surge como um complemento (BRÜGGER, 1994). Mas, afinal, o que é Educação Ambiental?

De acordo com o art. 1º da Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 1999), trata-se dos “[...] processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente.”

A Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, estabelece as diretrizes curriculares nacionais para a EA, definindo-a como:

[...] uma dimensão da educação e atividade intencional da prática social, que deve imprimir ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, visando potencializar essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental (BRASIL, 2012, p. 2).

Reigota (2008) entende a EA como uma educação política que deve buscar uma nova aliança entre seres humanos e natureza, preparando as pessoas para reivindicarem e construírem uma nova realidade, baseada na justiça social, cidadania global, autogestão e ética, tanto nas relações entre seres humanos quanto nas relações com o meio natural, alcançando uma sobrevivência digna para todos. Brügger (1994) diz que EA é uma mudança profunda de valores e visão de mundo que contribuirá para conscientizar a sociedade para reverter ou, ao menos, amenizar os problemas ambientais. Munhoz (2004, p. 145) compreende a EA como “[...] um processo permanente de ampliação da consciência de ser parte da Terra e sentir-se em casa, desenvolvendo uma cidadania planetária e cósmica.”

E para Storey (1998, p. 66), EA é:

[...] um processo no qual os indivíduos tomam consciência do seu meio ambiente, seja natural ou construído, e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação em busca da prática social a fim de encontrar soluções para os problemas socioambientais e melhorar as relações entre os seres humanos e a natureza e os seres humanos entre si.

¹ Praticada intencionalmente de forma pouco estruturada sem seguir uma formalização (WILLE, 2005).

² Desenvolvida em diversos ambientes, individualmente ou em contextos de socialização e manifestações culturais (WILLE, 2005; GOHN, 2006).

³ Praticada em instituições de ensino regulares seguindo diretrizes curriculares (WILLE, 2005; GOHN, 2006).

Assim, existem múltiplas visões, conceitos e formas de se praticar a EA, levando ao surgimento de diferentes tipologias e tendências ou correntes de EA, as quais podem inspirar e influenciar na construção dos sujeitos ao longo da vida, os quais podem percorrer diferentes caminhos capazes de levar a reflexões e mudanças de conduta (SAUVÉ, 2008; SATO; CARVALHO, 2008). Para Sato e Carvalho (2008), é impossível conhecer todos os caminhos que influenciam no processo formativo de educadores ambientais, já que se trata de um processo demorado, infundável e heterogêneo em que o sujeito interage com o mundo, podendo se reconstruir constantemente (CARVALHO, 2008).

Neste âmbito, o objetivo do presente estudo foi descrever e refletir o processo formativo e de autoconhecimento vivenciado pela autora em experiências inseridas no contexto da Educação Ambiental, revelando as tendências de EA presentes ao longo desta trajetória.

2 CONTATO DA AUTORA COM O TEMA DA PESQUISA

Nasci e cresci em um município do Triângulo Mineiro chamado Araguari/MG.

Desde a infância sempre fui muito ativa: fazia aulas de piano, dança, desenho, inglês, natação. Adorava escrever e desenhar e minhas poesias e desenhos na escola deixavam clara a admiração que eu tinha pela natureza. Lembro-me de revoltar-me com o lixo jogado no chão desde os meus sete anos, quando comecei a fazer brinquedos e artesanatos com sucata.

Aos 16 anos, quando comecei a ser pressionada para escolher um curso de graduação, tive dúvidas sobre qual escolher. Queria colaborar de alguma forma na área ambiental, por isso considerei a possibilidade de me graduar em Geografia, porém a vontade de trabalhar com a arte também despertava meu interesse. Meus testes vocacionais sempre me deixavam mais confusa, sugerindo trabalhar em diferentes áreas.

Cercada por uma mãe e diversas tias que exerciam a profissão de professoras, talvez por perceber as dificuldades delas ao levarem provas para corrigir em casa, onde imprimiam vários materiais para levar para a escola, pelo impacto que foi a minha mãe ter desenvolvido problemas nas pregas vocais por ter que falar alto em sala de aula⁴, não quis optar naquele momento por cursos de Licenciatura, já que o pavor de entrar em uma sala de aula como professora e ser desrespeitada era maior do que qualquer interesse pela área da educação.

A única certeza que eu tinha era a de que eu gostaria de morar longe de Araguari para aprender a ter autonomia, por isso eu precisava escolher um curso que não era oferecido pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), instituição de ensino superior público mais próxima de Araguari. Apesar de não ter afinidade com Exatas, decidi prestar vestibular para Engenharia Ambiental, um curso que, na época, não era oferecido pela UFU, e que poderia me trazer um retorno financeiro fazendo algo positivo para ajudar o meio ambiente.

Fui aprovada em Engenharia Ambiental na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – campus Sorocaba, onde estudei de 2007 a 2012. Já no primeiro semestre, quando as aulas de cálculo não faziam sentido nenhum para mim, quis desistir do curso. No entanto, meu pai e alguns familiares e amigos disseram que meu incômodo era devido aos conteúdos básicos dos primeiros semestres do curso e que, posteriormente, eu iria começar a gostar das disciplinas específicas da área ambiental.

⁴ Professores, devido à necessidade de falarem por um período prolongado e, muitas vezes, elevarem a voz, constituem um grupo com altos índices de patologias das pregas vocais (SOUZA et al., 2011).

No entanto, no terceiro ano desta graduação, fiz orientação profissional com uma terapeuta, que me mostrou que um caminho possível e menos desagradável seria cursar Ciências Biológicas. Fiz minha matrícula então em um cursinho preparatório para o vestibular, porém não tive paciência em permanecer em tal curso por mais de um mês. Como já estava na metade da graduação em Engenharia Ambiental, insisti em continuar nesta até a conclusão do curso, tendo contato com a Biologia através dos eventos e cursos de campo que participei. Foram diversas atividades extracurriculares em outras instituições de ensino, como semanas da Biologia, simpósios de ecossistemas aquáticos, além de cursos práticos de ecologia, mergulho, sobrevivência na selva, entre outros.

Em 2013, alguns meses após minha colação de grau na UNESP, a UFU abriu processo seletivo para portadores de diploma⁵, no qual fui aprovada. Então iniciei minha graduação em Ciências Biológicas, e, como os dois cursos têm similaridades, consegui dispensa de 15 componentes curriculares cursados na Engenharia Ambiental.

No mesmo período, insatisfeita com a realidade política, econômica, profissional, social e cultural em que me encontrava, resolvi buscar experiências que realmente me transformassem, quebrassem paradigmas, destruíssem meus preconceitos e modificassem minha forma de ver o mundo. Quando as respostas que recebi dentro da cultura em que vivia já não eram mais suficientes e, na verdade, pareciam absurdas, incoerentes e às vezes até mesmo cruéis, o impulso para buscar respostas fora do meu ambiente de costume foi muito forte. Busquei locais onde o ser humano tem um relacionamento diferente com a natureza e com seus semelhantes.

Participei de vivências de permacultura⁶, agricultura biodinâmica⁷, agroecologia⁸, mutirões de plantio e de bioconstrução⁹, fiz trabalho voluntário em parques estaduais e no Projeto Tamar¹⁰, onde atendia o público trabalhando diretamente com EA, além de estagiar com

⁵ Pessoas diplomadas em cursos de graduação (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, 2011).

⁶ Movimento de autossuficiência e integração harmoniosa entre pessoas e paisagem que segue princípios ecológicos e éticos, como cooperação, cuidado com a Terra, cuidado com as pessoas e distribuição dos excedentes, unindo práticas agrícolas indígenas e tradicionais com a ciência moderna, para trazer segurança alimentar, moradia, energia e bem-estar, com sustentabilidade e equilíbrio ecológico (HENDERSON, 2012).

⁷ Modelo de agricultura que une ciência e espiritualidade na relação do ser humano com o solo, as plantas, os animais, outros seres humanos e o cosmos, tratando as fazendas ou sítios como organismos e utilizando preparados que vivificam o solo, ou seja, misturas de cristais, esterco de vaca e plantas medicinais (SIXEL, 2003).

⁸ Ciência e agricultura alternativa baseada em conceitos ecológicos, agrônômicos e conhecimentos tradicionais, que permite o manejo de ecossistemas agrícolas da forma mais sustentável e equilibrada possível (JACINTHO, 2007).

⁹ Estilo de construção que causa menos impactos ambientais negativos, utilizando recursos locais e buscando a sustentabilidade na geração de energia e resíduos, uso racional e reaproveitamento da água, além de um equilíbrio ecológico, adaptando-se ao clima (HENDERSON, 2012).

¹⁰ Projeto de pesquisa, conservação e proteção das cinco espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no litoral brasileiro (PROJETO TAMAR, 2018).

plantas alimentícias não convencionais (PANCs)¹¹ na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa. Fiz diversas viagens para conhecer os diferentes biomas¹² e povos do Brasil, comecei a fazer trilhas, travessias¹³ e a procurar cachoeiras em Araguari/MG.

Em paralelo a esses cursos, estágios e viagens, comecei a me interessar por espiritualidade e meditação¹⁴. Fiz cursos de terapias holísticas¹⁵ e participei de retiros espirituais¹⁶ em locais cercados pela natureza, onde passei a ter um contato diferente e mais profundo com a mesma e com as pessoas. Fiz a opção por parar de comer carne, conheci um tipo de alimentação chamada crudivorismo¹⁷, comecei a aprender sobre autocura¹⁸ e até fiz curso de comunicação telepática com animais¹⁹. Aprendi sobre a possibilidade da influência dos astros no crescimento dos vegetais²⁰, vi indígenas que conversavam com as plantas, falavam sobre os espíritos das árvores e dos rios e espantavam a chuva com reza²¹.

Em 2018, uma força criativa interna pulsava dentro de mim pedindo para resgatar meus dons artísticos e, assim, voltei a escrever poesias e músicas e a desenhar com mais intensidade. Além disso, o contexto político exigiu que eu voltasse a estudar questões sociológicas, as quais, apesar de gostar, eu havia deixado de lado desde que ingressei na minha primeira graduação. Discussões políticas serviram de inspiração para muitas criações artísticas. A partir do momento

¹¹ Espécies de plantas com potencial alimentício que, por não serem amplamente conhecidas e não terem seu uso culinário difundido em larga escala, podem ser erroneamente vistas apenas como plantas daninhas (KINUPP, 2007)

¹² Área com um padrão homogêneo de ambiente, definido por tipo de vegetação, influência climática, solo e altitude (COUTINHO, 2006).

¹³ Caminhadas de nível de dificuldade elevado que podem durar vários dias, exigindo pernoite em barracas ou alojamentos (ENNES, 2013).

¹⁴ Prática de focalização da atenção em que não se deve dar atenção aos pensamentos que vêm à mente, a qual tem o potencial de reduzir estresse e ansiedade e, a longo prazo, atuar sobre a personalidade (MENEZES; DELL'AGLIO, 2009).

¹⁵ Prática terapêutica considerada alternativa, integrativa ou complementar que possui uma visão holística do ser humano, servindo-se de várias técnicas que auxiliam no autoconhecimento, equilíbrio mental e energético e na promoção do bem-estar (MARTYNETZ; SERBENA, 2012).

¹⁶ Lugar ou tempo de recolhimento para exercícios espirituais (FERREIRA, 1993).

¹⁷ Tipo de alimentação em que os alimentos são consumidos crus, germinados, secos ou preparados até uma temperatura de no máximo 40°C, pois acredita-se que o alimento exposto a temperaturas mais altas pode ter suas enzimas destruídas, reduzindo o potencial nutricional e aumentando os gastos energéticos para a digestão (FIORI, 2010).

¹⁸ Tratamento que acredita na capacidade inata do indivíduo de se curar, sendo responsável por sua própria cura através do autoconhecimento, amor próprio, espiritualidade, controle de pensamentos e desejos (MORAES, 2017).

¹⁹ Admite-se que existe uma subconsciência animal com as mesmas capacidades paranormais da subconsciência humana, permitindo manifestações metapsíquicas entre seres humanos e animais (BOZZANO, 2007).

²⁰ De acordo com Schleier et al. (2016), existem teorias que acreditam que a Lua, o Sol e os planetas do Sistema Solar podem influenciar nas taxas de germinação de sementes, crescimento das plantas, amadurecimento de frutos, rendimento e qualidade de hortaliças.

²¹ Narrativas correspondentes à cosmovisão de algumas culturas e povos indígenas podem ser vistas dentro da racionalidade ocidental globalizante e técnica como mitologias ou folclore, no entanto, tais povos têm uma forma diferente de viver, ver o mundo e dar sentido à vida, sendo capazes de estabelecer uma relação orgânica e espiritual com a Terra, perceber espíritos da natureza e ter experiências consideradas mágicas, como, por exemplo, fazer chover (KRENAK, 2019).

em que comecei a divulgar minhas poesias e músicas, vi a importância delas e o quanto poderiam ser instrumentos eficientes para se trabalhar com EA.

A primeira vez que tive contato com EA foi na graduação em Engenharia Ambiental com a equipe da Rede de Educação Ambiental (Rea), um grupo formado por estudantes desta graduação que trabalhava em escolas e oferecia oficinas de EA. Posteriormente cursei um componente curricular chamado Educação Ambiental, assisti palestras sobre o tema, fiz um curso de campo voltado para esta área, além de diversas trilhas em parques estaduais em que os guias falavam deste tema, participei de algumas oficinas e vivências, fiz alguns estágios em que trabalhei com EA no atendimento ao público e também fiz um curso de multiplicadores ambientais, o qual abordou diversas tendências.

Assim, minha visão sobre meio ambiente e EA passou por inúmeras e inesperadas transformações. Paradigmas foram quebrados, comportamentos alterados, críticas foram levantadas, principalmente autocríticas. Ao longo deste processo de aprendizado e autoconhecimento, diante de tantos questionamentos e vivências, seria impossível continuar com as mesmas opiniões e atitudes. Toda a minha busca por um modelo de vida diferente me fez perceber que o tempo todo eu vinha repensando minha visão a cada nova experiência. Meus caminhos foram se encaixando enquanto eu transitava dentro das diferentes tendências de EA: não bastava eu ter apenas o conhecimento técnico sobre meio ambiente, eu queria conhecê-lo na prática e vivenciá-lo. Mas isso ainda não era suficiente, eu precisava sentir o ambiente, conectar-me com ele e sentir-me parte dele.

A partir de todas as experiências que eu tive e como minha visão sobre EA e meio ambiente foi mudando ao longo do tempo, surgiu a ideia de fazer um estudo autoetnográfico para conhecer e analisar as diferentes tendências de EA marcantes em cada etapa do meu desenvolvimento. Tal estudo contribuiu no meu autoconhecimento e se constituiu como mais uma etapa do meu processo formativo, o qual, provavelmente, não terá fim.

O presente estudo, portanto, foi desenvolvido a partir da narrativa histórica e reflexiva de experiências relacionadas à EA vividas pela autora, evidenciando as tendências de EA que estiveram mais presentes em cada fase de sua vida e como elas influenciaram em suas visões e comportamentos ambientais.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 Histórico da Educação Ambiental

De acordo com Colesanti e Nehme (2007, p. 9), “[...] nós somos o resultado de toda a história humana que nos antecedeu.” por isso é importante estudar o histórico da EA para compreender como ocorreram as diferentes mudanças na visão sobre a mesma e sobre meio ambiente.

O livro *Primavera Silenciosa*, escrito por Rachel Carlson e lançado em 1962, falava da influência do uso de pesticidas sobre plantas, animais e saúde humana e foi considerado o fundador do movimento ambientalista moderno (BONZI, 2013). Infelizmente, na mesma década em que a escritora morreu de câncer de mama após sua luta contra o uso de pesticidas em práticas agrícolas, o Brasil iniciou o uso massivo de agrotóxicos, que aumentou consideravelmente nas décadas seguintes, tornando-se, atualmente, o maior consumidor de agrotóxicos do planeta (BORSOI et al., 2014). Apesar disso, os anos 1960 foram memoráveis pela criação de leis e órgãos de proteção ambiental e pelos movimentos de contracultura, liderados por *hippies*, feministas, estudantes e pacifistas que criticavam a sociedade do consumo e defendiam uma vida mais conectada com a natureza (SARAIVA, 2011). Nessa década, o Brasil criou o Estatuto da Terra com fins de execução da Reforma Agrária e promoção da Política Agrícola (BRASIL, 1964), instituiu o Código Florestal de 1965 (BRASIL, 1965), criou o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal para formular a política florestal, proteger e conservar os recursos naturais renováveis do país (BRASIL, 1967) e também foi criada a Lei nº 5197/1967 de proteção à fauna e instituídas reservas indígenas, parques nacionais e reservas biológicas (NASCIMENTO, 2012).

Em 1968 foi divulgado o relatório “Limites do Crescimento” pelo Clube de Roma, um grupo de cientistas que alertou o mundo sobre os riscos da exploração dos recursos não renováveis (NASCIMENTO, 2012), a necessidade de mudança de objetivos e valores sobre reprodução humana e consumo. No mesmo ano, o Brasil defendia o progresso a qualquer custo, permitindo a poluição do ambiente por empresas multinacionais em prol do crescimento econômico (REIGOTA, 2008).

Em 1972 foi realizada a Primeira Conferência Mundial de Meio Ambiente Humano em Estocolmo. Nessa ocasião, a Organização das Nações Unidas (ONU) atribuiu à EA “[...] um papel estratégico na superação da crise ambiental”, recomendando o treinamento de educadores

ambientais para alcançar tal objetivo (TELLES; SILVA, 2012). Em 1975, ocorreu o Seminário Internacional de Educação Ambiental em Belgrado (Iugoslávia), que resultou em um Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA) e na Carta de Belgrado, documento que estabeleceu metas e objetivos da EA (CARVALHO, 2001). A Carta de Belgrado define como meta da EA:

[...] formar uma população mundial consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas associados e que tenha conhecimento, aptidão, atitude, motivação e compromisso para trabalhar individual e coletivamente na busca de soluções para os problemas existentes e para prevenir novos (CARTA..., 1975, p. 2).

Em 1977 ocorreu a Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental em Tbilisi (antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS), que resultou em recomendações para a EA, considerando, além de aspectos biológicos, questões político-econômicas e socioculturais, reforçando o papel da EA na construção de valores e formação de cidadãos ativos (LAYRARGUES, 2000).

No Brasil, em 1981, foi criada a Política Nacional de Meio Ambiente com o objetivo de preservar, melhorar e recuperar a qualidade ambiental propícia à vida (BRASIL, 1981) e em 1987 foi publicado o relatório “Nosso futuro comum”, que estabeleceu o conceito de “Desenvolvimento Sustentável”, um modelo de desenvolvimento que considera as necessidades das futuras gerações, utilizando os recursos ambientais de forma mais respeitosa (ORTEGA, 2007). Nesse mesmo ano, foi firmado o Protocolo de Montreal, proibindo produtos com clorofluorcarbono devido ao risco de destruição da camada de ozônio (NASCIMENTO, 2012) e, em 1988, foi promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil, que incumbiu ao Poder Público a promoção da EA e a conscientização para a preservação (BRASIL, 1988). Em 1989 foi criado o Fundo Nacional de Meio Ambiente (FNMA), que passou a financiar diversas ações de EA (BRASIL, 2018).

A década de 1990 foi marcada por um grande impulso na consciência ambiental, principalmente devido à Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – Rio 92, que gerou a Agenda 21, assinada por 179 países, com um plano de ação para alcançar a sustentabilidade (TELLES; SILVA, 2012), o Tratado sobre a Educação Ambiental para as Sociedades Sustentáveis (REIGOTA, 2008) e também a Carta da Terra, que diz que “[...] devemos reconhecer que somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum [...]” e que “[...] devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz [...]” (BRASIL, 2000), além da criação de diversas redes de

EA no Brasil (BRASIL, 2018). A partir de então, aumentou a preocupação com a racionalização do uso de energia e recursos naturais, a reciclagem e reutilização de resíduos e o consumo responsável. Logo, as empresas passaram a reduzir seus impactos ambientais, modificando os processos produtivos e tecnologias utilizadas, buscando não só estar dentro da lei ambiental, mas também adquirir certificações ambientais (NASCIMENTO, 2012). Em 1994 foi criado o Programa Nacional de Educação Ambiental (Pronea), executado pela Coordenação de Educação Ambiental do Ministério da Educação e Cultura (MEC), Ministério do Meio Ambiente (MMA) e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Tal programa foi criado para capacitar gestores e educadores, desenvolver ações educativas, instrumentos e metodologias para a execução da EA em território nacional (BRASIL, 2018).

Em 1997 ocorreu a Convenção do Clima, que teve como resultado o Protocolo de Kyoto, um tratado feito por países que se comprometeram a reduzir o lançamento de gases de efeito estufa na atmosfera. No entanto, os Estados Unidos, maiores emissores desses gases, recusaram assinar o Protocolo (CONTI, 2005). No mesmo ano foi instituída a Política Nacional de Recursos Hídricos no Brasil (BRASIL, 1997) e ocorreu a Conferência Nacional de Educação Ambiental, que resultou na Carta de Brasília para a EA (BRASIL, 2018). Em 1998 foi sancionada a Lei de Crimes Ambientais brasileira (BRASIL, 1998) e em 1999 foi instituída a Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 1999).

Em 2000 foi instituído o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) (BRASIL, 2000) e em 2001 foram sancionadas no Brasil a Política Nacional de Conservação e Uso Racional de Energia (BRASIL, 2001) e o Estatuto da Cidade, que regula o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo e do equilíbrio ambiental e garante o direito a cidades sustentáveis (BRASIL, 2001). No ano seguinte, ocorreu em Johannesburgo (África do Sul) a Conferência Rio+10 para avaliar os resultados obtidos após a Rio-92. O evento foi considerado um insucesso para alguns, apesar de ter permitido a participação ativa dos africanos que expuseram as questões ambientais do continente, como pobreza extrema, analfabetismo, poluição, muitas pessoas com HIV e guerras civis (REIGOTA, 2008).

Em 2003 ocorreu a I Conferência Nacional do Meio Ambiente (CNMA), que gerou um documento com recomendações para a EA, com continuação nos anos seguintes (BRASIL, 2018). Em 2004 foi criada a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secadi), que deu à Coordenação Geral de Educação Ambiental mais fortalecimento no MEC e no ensino municipal e estadual, pois passou a estar presente em escolas do campo e escolas

indígenas (BRASIL, 2018). Em 2007 o IBAMA se dividiu e foi fundado o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio (BRASIL, 2018). No período de 2007 a 2017, diversas leis ambientais foram aprovadas no Brasil, algumas representando um grande avanço em questões importantes, como a Política Nacional de Resíduos Sólidos, Política Nacional sobre Mudança do Clima, bem como outras apresentando um retrocesso e despertando um descontentamento por parte de grupos ambientalistas e cientistas, como o Novo Código Florestal (POTT; ESTRELA, 2017). Além disso, foram criadas Comissões Interinstitucionais de Educação Ambiental (Cieas) nos estados brasileiros, coletivos educadores, Comissões de Meio Ambiente e Qualidade de Vida (Comvida), redes de EA, fóruns e conferências de meio ambiente e EA, fomento de pesquisa, Estratégia Nacional de Educação Ambiental e Comunicação em Unidades de Conservação (Encea), Programa de Educação Ambiental e Mobilização Social em Saneamento (PEAMSS), Programa de Educação Ambiental e Agricultura Familiar (PEAAF), Estratégia de Educação Ambiental e Comunicação Social na Gestão de Resíduos Sólidos (EducaRes), Programa Juventude e Meio Ambiente (BRASIL, 2018).

Em 2012 ocorreu a Rio+20, evento no qual não se teve progressos importantes com relação às conferências anteriores (POTT; ESTRELA, 2017), apesar de ter lançado a Rede Planetária de Educação Ambiental. Foram aprovadas no mesmo ano as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EA e o IBAMA aprovou Instrução Normativa que trata da EA nos processos de licenciamento ambiental (BRASIL, 2018). Em 2014 foi apresentado pela ONU o relatório “O caminho para a dignidade até 2030: acabando com a pobreza, transformando todas as vidas e protegendo o planeta” (POTT; ESTRELA, 2017) e, em 2015, foi criado o Plano Nacional de Juventude e Meio Ambiente (PNJMA) e a Articulação Nacional de Políticas Públicas de Educação Ambiental (ANPPEA) (BRASIL, 2018).

Atualmente, o anti-ecologismo está cada vez mais forte no Brasil, trazendo retrocessos ambientais provenientes da política ambiental pública, cujos interesses econômicos se sobressaem aos ecológicos (LAYRARGUES, 2017).

3.2 Tendências em Educação Ambiental

De acordo com Reigota (2008), a noção de meio ambiente mudou dos anos 1970 para os anos 1990, sendo que antes considerava-se a relação ser humano-natureza e, posteriormente, passou-se a considerar o desenvolvimento econômico sustentável. No que diz respeito à EA

não poderia ser diferente, passando a ter várias interpretações ao longo dos anos, levando a variadas formas de praticá-la em diferentes locais e por distintos meios (REIGOTA, 1998). No início, buscou-se uma explicação generalista sobre o que era EA (LAYRARGUES; LIMA, 2011), mas, posteriormente, surgiram várias proposições de EA com diferentes objetivos e inseridas no contexto informal ou formal, abrangendo o ensino básico e superior (BRÜGGER, 1994).

Pesquisadores como Paula Brügger, Philippe Layrargues, Gustavo Lima, Marcos Reigota, Deborah Munhoz, José Quintas, Christine Storey, Marcos Sorrentino, Carlos Loureiro, Isabel Carvalho e Lucie Sauvé defendem a existência de inúmeras correntes ou tendências de Educação Ambiental. É importante entendê-las sem cair na simplificação da classificação e no estranhamento do outro incentivado por disputas ideológicas (LAYRARGUES; LIMA, 2011), estabelecendo um diálogo entre elas a partir da compreensão de cada uma, sendo impossível reduzir todas essas diferentes visões em apenas uma tendência de EA (CARVALHO, 2004).

Conforme Sauvé (2008), diversas proposições podem estar incluídas em uma mesma tendência e uma proposição pode estar presente em duas ou mais tendências, além do que, algumas correntes possuem similaridades. De acordo com Layrargues (2004), afirmar que se trabalha com EA tornou-se algo vago devido à diversidade de abordagens, criando fronteiras mal demarcadas e segmentárias que podem ter se tornado tentativas de dominação política e interpretativa (LAYRARGUES; LIMA, 2011). Já para Reigota (1998), a multiplicidade de tendências em EA é positiva e é um aspecto forte no Brasil, além de estar em constante renovação.

Brügger (1994) separa a EA em dois grupos principais: (1) o que considera as questões histórico-sociais e desconsidera os conhecimentos técnicos e o elemento natural e (2) o que vê a questão ambiental apenas pelo ponto de vista natural e técnico. Esta separação decorre da histórica fragmentação do conhecimento entre Humanas, Exatas e Biológicas (BRÜGGER, 1994).

Já Sorrentino (1997) notou a existência de quatro correntes de EA: conservacionista, educação ao ar livre, gestão ambiental e economia ecológica. Todas englobam questões biológicas, espirituais, culturais, políticas e econômicas que levam a um objetivo em comum, o qual pode ser a interseção delas, como observado pelo próprio autor: “[...] contribuir para a conservação da biodiversidade, para a autorrealização individual e comunitária e para a autogestão política e econômica, através de processos educativos/participativos que promovam a melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida.” (SORRENTINO, 1997, p. 1).

Diferentemente, Lima (2002) divide os tipos de aprendizado em adaptativos/quantitativos, presentes em uma tendência instrumental; reflexivos/integradores, presentes em uma tendência emancipatória, além de enquadrar a educação para a sustentabilidade em uma tendência neoconservadora ou conservadorismo dinâmico. O pesquisador esclarece que, desde a década de 1990, a EA no Brasil vem tentando vencer a herança naturalista, reducionista, conservacionista, ingênua e conservadora por meio do ensino, pesquisa e práticas críticas e integradoras de EA.

Já Loureiro (2004) parte de dois focos: o conservador e o revolucionário ou emancipatório. Enquanto a tendência conservadora utiliza a Ecologia como base para trazer mudanças comportamentais dos sujeitos, sem questionar questões históricas e políticas (LAYRARGUES; LIMA, 2011), a tendência emancipatória foca na crítica, autocrítica, ética ecológica e sustentabilidade da vida, focando na revolução dos sujeitos e atuação reflexiva em comunidade (LOUREIRO, 2004) a partir de questionamentos sobre o modelo econômico e político vigente (REIGOTA, 2008).

Sauvé (2008) identificou quinze correntes de EA, algumas mais tradicionais, como naturalista, conservacionista, resolutiva, sistêmica, científica, humanista e moral/ética e outras mais modernas, como holística, biorregionalista, praxica, crítica, feminista, etnográfica, da ecoeducação e da sustentabilidade, as quais possuem suas particularidades e convergências, podendo, afinal, se enquadrarem dentro de apenas duas ou três tendências.

Por fim, Layrargues e Lima (2011) dividem a EA em três macrotendências que incorporam uma variedade de correntes político-pedagógicas: conservadora, pragmática e crítica. A macrotendência conservadora inclui as correntes conservacionista, comportamentalista, da alfabetização ecológica e do autoconhecimento, enquanto que a macrotendência pragmática incorpora a educação para o desenvolvimento sustentável e para o consumo sustentável. Já a macrotendência crítica abrange as correntes transformadora ou emancipatória, educação ambiental popular e gestão ambiental (LAYRARGUES; LIMA, 2011).

Assim, para a realização deste estudo, foi adotada a tipologia de Layrargues e Lima (2011), com o objetivo de identificar as tendências de EA que influenciaram na trajetória de vida da autora.

3.2.1 Tendência conservadora

A tendência conservadora se baseia no ensino de Ecologia para gerar mudanças comportamentais nos sujeitos, esperando que eles retenham a informação transmitida, compreenda-a e, a partir daí, ocorra uma transformação pessoal (GUIMARÃES, 2004; LAYRARGUES; LIMA, 2011). Desta forma, para tentar solucionar a crise ambiental, utiliza as mesmas bases antropocentristas²², cartesianas²³ e fragmentadas que levaram a ela, ou seja, conserva a realidade dentro dos interesses capitalistas e coloca a natureza separada da sociedade e a humanidade como dominadora e exploradora da natureza, formando uma sociedade hierarquizada na qual prevalecem individualismo, intolerância, competição, solidão e violência, que refletem o desamor e a dificuldade de se relacionar com outras pessoas e com o meio (GUIMARÃES, 2004). Assim, os seres humanos são vistos de forma generalista e abstrata, como causadores e vítimas dos problemas ambientais (LAYRARGUES; LIMA, 2011).

Programas de coleta seletiva são exemplos tradicionais desta tendência, que foca na reciclagem sem questionar o consumismo (LOUREIRO, 2004), priorizando ações individuais que mudam comportamentos na esfera doméstica e privada (LAYRARGUES; LIMA, 2011). Desta forma, sua capacidade de causar significativas mudanças socioambientais e transformações culturais amplamente expressivas é insuficiente, já que trata de transformações comportamentais rasas, sem que os indivíduos ou grupos questionem conflitos de interesses políticos, padrões, dogmas e relações de poder, reforçando a exclusão social e o ensino reprodutivista (LOUREIRO, 2004; LAYRARGUES & LIMA, 2011).

A tendência conservadora aborda questões como biodiversidade, Unidades de Conservação (UC), biomas, ecossistemas e ecoturismo (LAYRARGUES; LIMA, 2011). No ecoturismo, as trilhas são caminhos que permitem aos visitantes se reaproximarem da natureza e se encantarem por ela, causando o menor dano possível ao ambiente (LACERDA, 2017), sendo capaz de trazer um mundo novo para pessoas urbanas desequilibradas, desarmonizadas, angustiadas, inseguras, ansiosas, que, através dos desafios inesperados, relacionados ao medo do frio, do calor, dos animais, da altura, da mata, do desconforto, podem desenvolver reflexões e percepções sobre o mundo e sobre si mesmas, reconectando-se com a liberdade, a ruptura, o inesperado, a sensibilidade natural, o relaxamento e o instinto de sobrevivência,

²² Forma de ver o Universo a partir de valores e experiências humanas, tratando o homem como único referencial (FERREIRA, 1993).

²³ Relativas à doutrina de René Descartes que prioriza o racionalismo e dualismo, o qual vê o mundo estabelecendo dois princípios opostos, como bem e mal, espírito e matéria, entre outros (FERREIRA, 1993).

conscientizando-se de suas capacidades e fraquezas, questionando valores, padrões de comportamentos e visões (CASCINO, 1998; NEIMAN; MENDONÇA, 2000). Assim, vivências com ecoturismo podem ser acontecimentos muito valiosos na transformação de seres humanos e fontes de conhecimento prático, que consideram a dinâmica terrestre e a real sustentabilidade na construção da educação, tendo o potencial de mudar o comportamento das pessoas com o ambiente e os seres (LIMA, 2012).

Para Layrargues e Lima (2011), as correntes conservacionista, comportamentalista, alfabetização ecológica e autoconhecimento se enquadram na tendência conservadora.

Na corrente conservacionista as áreas naturais e a biodiversidade devem ser mantidas intactas e separadas da sociedade (LOUREIRO, 2004). Jargões como “conhecer para preservar” ou “conhecer para amar, amar para preservar” fazem parte desta corrente, a qual defende que a conscientização ecológica e o despertar de uma nova relação entre seres humanos e natureza serão alcançados através do ensino de Ecologia e o contato com a natureza (LAYRARGUES; LIMA, 2011). Assim, há uma interligação entre conservadorismo e conservacionismo, já que focam na questão ecológica e ignoram questões históricas e culturais, reduzindo a amplitude da crise ambiental ao uso de tecnologias verdes e ao desenvolvimento sustentável (LAYRARGUES; LIMA, 2011).

O conservacionismo também pode ser identificado em algumas legislações ambientais brasileiras que, muitas vezes, priorizam a proteção de ecossistemas e espécies sem considerar questões sociais, e na criação de UCs de proteção integral, como parques nacionais, cuja inspiração foi o modelo estadunidense que visava preservar os recursos naturais sem intervenção humana (SANTILLI, 2005). Além disso, foca na racionalidade do uso dos recursos naturais, com os ecossistemas e os sistemas gerenciados por seres humanos funcionando de forma eficiente, a partir de instruções técnicas que não geram discussões sobre a raiz do problema (BRÜGGER, 1994).

Ademais, a Alfabetização Ecológica é considerada uma vertente da tendência conservadora por não questionar a estrutura social vigente de forma global, mas apenas setorial (LAYRARGUES; LIMA, 2011). Esta corrente entende que a forma como os ecossistemas funcionam e mantêm a vida é a base da concepção de sociedades sustentáveis, por isso propõe ensinar valores que seguem o pensamento sistêmico e ecológico, estimulando o aprendizado com a natureza (CAPRA, 1990; FARIA; SILVA, 2012). Portanto, baseia-se na conjunção sistêmica de princípios morais humanos com o saber dos princípios ecológicos básicos: interdependência, ciclagem, parceria, coevolução, flexibilidade, diversidade, cooperação,

equilíbrio dinâmico, reciclagem, ciclos ecológicos, fluxo de energia e redes (MUNHOZ, 2004; LAYRARGUES; LIMA, 2011).

A corrente da alfabetização ecológica segue os princípios da ecologia pessoal, ecologia social e ecologia profunda (MUNHOZ, 2004). De acordo com Munhoz (2004), os seres humanos possuem um ambiente interno que se conecta com a Terra e o Universo, demonstrando a existência de uma rede interdependente. Esta relação com o próprio interior é a ecologia pessoal, um compromisso com a própria vida e a paz consigo, que pode ser alcançada por meio da desintoxicação mental, física, emocional e espiritual, através da alimentação saudável, prática de atividade física, sono adequado, músicas que aumentam a vitalidade do corpo, visto como nossa primeira casa, proatividade e criatividade, o que refletirá nas relações com o exterior, que é a casa comum a todos, ou seja, a Terra, e as relações interpessoais, fazendo com que tenhamos paz e cuidado uns com os outros (ecologia social) e paz e união com a natureza (MUNHOZ, 2004). Como nada está separado, existe uma reação em cadeia daquilo que se passa dentro de cada indivíduo, refletindo externamente; as emoções interferem nos pensamentos, ideias e anseios, que interferem na saúde física, afetando relacionamentos e, conseqüentemente, afetando a sociedade e o relacionamento da mesma com o meio ambiente (MUNHOZ, 2004).

Outrossim, a ecologia social inclui solidariedade, diálogo, solução pacífica dos conflitos, respeito às diferenças, dedicação às causas ligadas à justiça social e à conquista de uma vida digna para todos, escolhendo ter o essencial, consumindo de forma consciente (MUNHOZ, 2004). Além disso, existe também a ecologia profunda, uma consciência espiritual que vê o espírito humano conectado ao cosmo (CAPRA, 1990) e foca no biocentrismo, ou seja, adota uma visão de mundo não-antropocêntrica e não-especista²⁴, que reconhece a importância de todas as formas de vida, mesmo que não tenham valor ou utilidade para a humanidade (BRÜGGER, 2009). O mundo é visto como “uma rede de fenômenos indissolúvelmente interligados e interdependentes”, da qual os humanos fazem parte, já que participam dos ciclos naturais e dependem da natureza para sobreviver (CAPRA, 1990, p. 1).

3.2.2 Tendência pragmática

Também chamada “ecologismo de mercado” ou “ambientalismo de resultados”, a tendência pragmática é comportamentalista, individualista e técnico-científica, focando na

²⁴ Especismo é o ato de discriminação praticado por humanos contra outras espécies, admitindo crueldades contra não humanos que seriam inadmissíveis se praticadas contra humanos (SILVA, 2009).

redução dos impactos ambientais dentro do sistema capitalista, ou seja, ajusta o manejo dos recursos naturais ao desenvolvimento econômico, demonstrando a importância de se investir em tecnologias limpas e atender à política ambiental (CRESPO, 1998; LAYRARGUES; LIMA, 2011). Desta forma, a mudança individual de hábitos é priorizada e vai além da coleta seletiva e cuidado com os resíduos, focando também no consumo sustentável, que inclui a economia de água e energia, créditos de carbono, produtos com rotulagem verde²⁵, uso de tecnologias limpas e redução da pegada ecológica²⁶, podendo ser vista como uma forma de compensação para amenizar os problemas ambientais gerados pela obsolescência programada²⁷, uso de descartáveis e consumismo (LAYRARGUES; LIMA, 2011).

Desta forma, a tendência pragmática é urbano-industrial e foca nas questões que envolvem a exploração dos recursos naturais para produção e consumo sem oferecer um olhar crítico para questões políticas, culturais, econômicas, ecológicas e sociais, enxergando o meio ambiente como os recursos naturais sobre-explorados e ameaçados, não priorizando o contato com a natureza, portanto distancia-se da visão ecológico-conservacionista (LAYRARGUES; LIMA, 2011). Ainda assim, pode ser considerada uma tendência conservadora moderna que se adequou às novidades tecnológicas e mercadológicas, trazendo mudanças superficiais, comportamentais e tecnológicas, limitadas ao capitalismo de mercado e ajustadas ao neoliberalismo, sendo, portanto, uma visão despolitizada que não questiona as bases que criaram a crise ambiental ou as consequências dela, talvez por acreditar que a ciência e a tecnologia são neutras (LAYRARGUES; LIMA, 2011).

3.2.3 Tendência crítica

Sob influências sociológicas e políticas, a tendência crítica reconhece a necessidade de se buscar uma nova sociedade, trazendo reformas multidimensionais na cultura, ética, política e educação a partir do questionamento das bases que levam à dominação humana, desigualdade

²⁵ A rotulagem verde ou ambiental pode estar presente em rótulos, selos ou embalagens para designar um produto que causa menos impactos ambientais negativos, utilizando alguns símbolos ou termos como “reciclável”, “biodegradável”, “orgânico”, “reciclado”, entre outros. Trata-se de uma estratégia de marketing que, muitas vezes, pode iludir os consumidores com informações duvidosas ou sem credibilidade, já que, em muitos casos, podem ser feitas autodeclarações sem necessidade de verificação por órgãos reguladores (NAKAHIRA; MEDEIROS, 2009).

²⁶ Ferramenta que calcula o impacto ambiental gerado por atividades humanas para atender o estilo de vida de cada indivíduo, considerando demandas de áreas e recursos naturais, geração de resíduos, consumo energético, emissão de gases, entre outros (CIDIN; SILVA, 2004).

²⁷ Utilizada estrategicamente por muitas empresas para estimular o consumo, a obsolescência programada diminui a vida útil dos produtos, gerando demandas de compra constantemente, além de uma grande quantidade de resíduos (CONCEIÇÃO et al., 2014).

social e desequilíbrios ambientais do sistema de acumulação capitalista, adotando um debate amplo que inclui justiça ambiental, democracia, emancipação, participação, cidadania e transformação social (LAYRARGUES; LIMA, 2011). Assim, esta tendência visa formar sujeitos ecológicos autônomos e livres a partir de uma visão crítica da realidade, capazes de mudar valores e estilos de vida (CARVALHO, 2004), ressignificando a visão sobre política e politizando a vida cotidiana, incluindo questões identitárias e valorizando as crenças e individualidade de cada um (LAYRARGUES; LIMA, 2011).

Desta forma, o aprendizado é reflexivo e integrador, incentivando a crítica, autocrítica, autonomia e criatividade que levam a mudanças individuais e coletivas (LIMA, 2002), portanto a responsabilidade com o mundo vem com a autorresponsabilidade consigo, com as pessoas e com a natureza, de forma desierarquizada. Além disso, a prática educativa vê a conexão entre indivíduos e sociedade e não foca apenas no indivíduo ou coletivos, rejeitando a ideia de que a soma das ações individuais leva à mudança ambiental necessária (CARVALHO, 2004).

A macrotendência crítica inclui as correntes transformadora ou emancipatória, educação ambiental popular e gestão ambiental (LAYRARGUES; LIMA, 2011).

A corrente transformadora deve demonstrar a noção de pertencer à natureza e à sociedade, que é uma construção da espécie humana, analisar os contextos e aprofundar nas origens e consequências da exploração humana, levantando questionamentos sobre cultura, ética, padrões de vida, certezas dogmáticas e absolutas, política, economia, educação, religiões, desigualdade social, saúde, justiça, questões sexuais, étnicas e morais, competitividade, oportunismo, corrupção, ganância, violência e privilégios, quebrando paradigmas com criatividade, inovação e diálogo com a ciência, cultura e arte, para estabelecer uma triangulação entre pessoas, sociedade e natureza capaz de superar a dominação e o controle que dificultam a conquista do máximo potencial humano e a ação livre, consciente e democrática (LOUREIRO, 2004; REIGOTA, 2008; STOREY, 1998).

Assim, trata-se de uma corrente centrada na ética ecológica e na sustentabilidade da vida, visando revolucionar sujeitos, os quais devem conhecer não só a problemática ambiental global, mas também seus direitos e deveres, para tornarem-se aptos a atuarem em suas comunidades a partir da libertação da subordinação política e econômica, respeitando a diversidade e as subjetividades, sem priorizar o todo acima das partes e nem fragmentar o todo isolando as partes, já que eles se complementam (LOUREIRO, 2004; REIGOTA, 2008).

4 METODOLOGIA

4.1 Autobiografia

Autobiografia é um processo de narrativa da história de uma pessoa, onde são relatadas as experiências de vida e caminhos que percorreu, além dos aprendizados e transformações, demonstrando sua autoformação (CAVALCANTE et al., 2017). Tal técnica pode ser desenvolvida por meio de narrativas escritas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários e documentos em geral que demonstram uma realidade construída por meio de experiências holísticas que geram um constante processo de autoconhecimento (ABRAHÃO, 2003).

A pesquisa autobiográfica tem sido utilizada há mais de 30 anos no campo educacional brasileiro em estudos sobre a vida de professores, trazendo a subjetividade para o campo das pesquisas científicas e a importância da recuperação de memórias para a evolução da educação (BAHIA, 2017). Assim, são feitas investigações da construção de cada sujeito, estimulando a reflexão e autorreflexão, além de investigação e recuperação do “eu”, permitindo relembrar posicionamentos em diferentes contextos passados, estabelecer conexões entre as diversas memórias e tomar consciência de si (SOUZA, 2007; CAVALCANTE et al., 2017).

A relembração de diversas trajetórias em tempos passados pode exigir esforços, sendo um exercício individual capaz de trazer a compreensão das influências que atuaram na construção da identidade do sujeito que se autoforma, vendo o passado refletir no presente e no futuro (BAHIA, 2017).

4.2 Autoetnografia

A autoetnografia tem a autobiografia como base, sendo um método investigativo de relato e análise de experiências pessoais, considerando a interação do sujeito com uma ou mais culturas, sistemas e contextos sociais e sua capacidade de interpretação dos fatos (SANTOS, 2017; ROCHA et al., 2018). Desta forma, a reflexividade é um aspecto importante, exigindo que o autor se reavalie constantemente através da autorreflexão, pensando seu engajamento pessoal, papel e posicionamento político, suas crenças e condutas (SANTOS, 2017).

Neste processo, o autor expõe sua identidade acadêmica, personalidade e opiniões, demonstrando o contexto sociopolítico e cultural em que vive (ROCHA et al., 2018). Ademais, as emoções e valores pessoais são evidenciados nas reflexões da história narrada, demonstrando

a compreensão do pesquisador e sujeito de pesquisa sobre a realidade social e sua conexão com os objetos da narrativa (SANTOS, 2017). Outrossim, o processo de escrita é capaz de mudar pontos de vista do autor e conscientizá-lo, influenciando no seu processo formativo (ROCHA et al., 2018). Além disso, histórias pessoais podem se relacionar com teorias, fazendo com que a etnografia seja instrumento de pesquisa de diversas áreas, como antropologia, educação, psicologia, sociologia, serviço social, arte, entre outros (SANTOS, 2017).

4.3 Memorial

Quando autores desejam relatar suas trajetórias ao longo de determinados períodos, podem fazê-lo de forma discursiva através de memoriais, descrevendo as vivências pelas quais passaram, suas próprias impressões, aprendizados e conseqüente formação e evolução pessoal e profissional (SARTORI, 2011). Tais memoriais consistem em registros importantes para avaliar as realizações acadêmicas, pessoais e profissionais e auxiliar na percepção do sentido da vida do sujeito que o escreve, demonstrando a intencionalidade de cada ação tomada pelo indivíduo para a realização de seu projeto existencial (SEVERINO, 2007).

O processo de escrita de um memorial conduz o sujeito a entremear suas memórias pessoais, profissionais e emocionais, narrando o caminho percorrido, os sentimentos e os aprendizados que o levaram ao amadurecimento, enfatizando os acontecimentos e experiências mais relevantes de forma crítica (VOLPATO; CRUZ, 2012), levando o sujeito a compreender seu processo de formação dentro da história individual e coletiva construído através de suas vivências, o significado que deu a elas e o aprendizado que elas trouxeram (SOUZA, 2007).

O processo de escrita crítica do memorial é flexível, já que não existem regras definidas, permitindo ao sujeito expor com liberdade suas próprias histórias, aprendizados, opiniões e valores de cada experiência (VOLPATO; CRUZ, 2012). No entanto, deve ser narrado de forma histórica, reflexiva, analítica e crítica, avaliando cada etapa vivenciada, contribuições e perdas de cada momento, mudanças de comportamentos e posicionamentos assumidos em cada fase, tomando cuidado para que o memorial não se torne uma narrativa de autoelogio ou autoflagelo, buscando demonstrar a realidade da forma mais fiel possível (SEVERINO, 2007). Além disso, o ideal é que as experiências pessoais sejam situadas no contexto histórico-cultural, para que seja possível compreender as influências que agiram sobre o sujeito. Finalmente, o memorial pode ser finalizado com o posicionamento presente do autor e seus planos para o futuro (SEVERINO, 2007).

4.4 Escolha de experiências da autora e identificação de tendências de EA marcantes

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi feito um memorial narrando as cinco experiências mais significativas dos últimos 12 anos (2007 a 2019) que influenciaram no processo de formação e autoconhecimento da autora e em sua mudança de visão sobre meio ambiente e EA, recorrendo também a fotografias; desenhos, poesias e letras de músicas autorais, além de mapas, que contribuíram no processo de recuperação das memórias escolhidas. Tais experiências representaram momentos de ruptura para a autora, já que foi a primeira vez que teve contato com determinados locais, pessoas, conceitos, estilos de vida e eventos, quebrando paradigmas e levando a mudanças mais bruscas de valores e comportamentos. Assim, o critério de escolha para tais experiências foi o ineditismo e o impacto mais intenso que trouxeram para a vida da autora quando comparadas a outros acontecimentos.

As vivências narradas abrangem (1) a formação acadêmica em Engenharia Ambiental, iniciada em 2007 e concluída em 2012, (2) o trabalho voluntário no Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba (PESM-NPic), localizado em Ubatuba/SP, em janeiro de 2013, em que a autora trabalhou com atendimento ao público, EA e no apoio administrativo do parque, (3) uma vivência em permacultura em um sítio localizado em Pirenópolis/GO em março de 2013, (4) um retiro espiritual em um sítio localizado em São Miguel Arcanjo/SP, em outubro de 2013 e (5) a composição e publicação de poesias e músicas próprias em 2018 e 2019. Vale ressaltar que a graduação em Ciências Biológicas influenciou na quinta experiência, porém, por ter sido a segunda graduação da autora, não atendeu aos critérios de escolha adotados para este estudo.

O resgate de tais memórias foi feito, principalmente, a partir de fotografias registradas pela autora e por seus colegas, as quais trouxeram lembranças vívidas dos momentos vividos e das atividades que foram desenvolvidas em cada vivência, além de consulta a materiais da graduação em Engenharia Ambiental, relatório de estágio do trabalho voluntário no PESM-NPic, poesias e músicas autorais arquivadas na memória de seu computador.

Considerando que existem diferentes tendências de EA, foi feita uma análise crítica das vivências e aprendizagens, evidenciando, com base na literatura, quais tendências estiveram mais presentes no decorrer de cada etapa e como elas resultaram em mudanças de posturas e visões da autora sobre meio ambiente e EA, adotando a tipologia de Layrargues e Lima (2011).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Vida acadêmica - a graduação em Engenharia Ambiental

Ingressei na graduação em Engenharia Ambiental na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) - campus Sorocaba/SP em agosto de 2007.

De acordo com o Projeto Pedagógico de 2006, o curso de Engenharia Ambiental deve permitir um entendimento sistêmico do meio ambiente e oferecer habilidades e competências para os profissionais mitigarem, monitorarem, prevenirem e corrigirem impactos ambientais, realizarem estudos de impacto ambiental, estudos de avaliação ambiental, gerenciamento ambiental, além de desenvolverem tecnologias para uso adequado dos recursos naturais, trabalhando de forma multidisciplinar para resolver problemas ambientais (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, 2007). Para isso, conta com disciplinas de base de engenharia, como Cálculo I, II, III e IV, Física I, II e III, Álgebra Linear, Geometria Analítica, Matemática Aplicada à Engenharia, Estatística, Cálculo Numérico Computacional, e disciplinas específicas da área ambiental, como Introdução à Engenharia Ambiental, Climatologia e Hidrologia, Pedologia, Ecologia, Geologia Ambiental, Manejo e Conservação de Recursos Naturais, Gestão Ambiental, Materiais e Reciclagem, Poluição Ambiental, Tratamento de Efluentes Líquidos, Tratamento de Resíduos Sólidos e Gases, Modelagem Ambiental, Toxicologia, Saúde Ambiental, Recuperação de Áreas Degradadas, Manejo de Bacias Hidrográficas, Estudos de Impacto Ambiental, Recursos Energéticos e Meio Ambiente, Legislação e Direito Ambiental.

A UNESP Sorocaba é um campus experimental que, de 2007 a 2012, período de minha graduação, só oferecia dois cursos: Engenharia Ambiental e Engenharia Mecatrônica, sendo, portanto, um campus pequeno. Desde o primeiro até o último semestre, tivemos aulas com os mesmos professores para diversas disciplinas. Alguns professores lecionaram quatro disciplinas para nossa turma, o que, ao meu ver, era um aspecto muito negativo, já que, além de não termos pontos de vistas diferentes e mais aprofundados sobre as diversas disciplinas, não havia espaço para discussão ou argumentação, já que alguns professores abusavam de suas posições e se achavam no direito de prejudicar estudantes quando algo os incomodava, perseguindo-os do início ao fim do curso. Além disso, muitos professores tinham mais interesse em fazer pesquisa do que em lecionar, mas, como eram obrigados a dar aula, faziam esse trabalho sem muita dedicação, o que gerava desinteresse dos estudantes por diversas áreas do curso. A falta de professores obrigava aqueles efetivados a lecionarem disciplinas com as quais não tinham

afinidade e, além disso, muitas disciplinas eram lecionadas por professores substitutos, que geralmente eram os mais dedicados. Em 2007 e 2008 algumas salas e laboratórios ainda estavam em construção, não havia restaurante, lanchonete ou qualquer lugar para descanso e a biblioteca era pequena, com pouca oferta de livros para todos, porém hoje o campus já conta com diversas salas, laboratórios, inclusive restaurante universitário.

Tive a oportunidade de morar a 630 quilômetros de distância da casa dos meus pais (em Araguari/MG), onde comecei a ter outra noção da realidade, convivendo com pessoas de diversas classes sociais, longe da proteção oferecida pela minha família. Sorocaba/SP tinha algumas características que me deixavam admirada. Além de ser considerada a capital da ciclovia, com ciclovias em praticamente todo o perímetro urbano, o sistema de ônibus, ao meu ver, era excelente, com terminais de integração bem organizados. Além disso, a cidade possui diversos parques com lagoas, onde eu costumava passar os intervalos de aula e dias de folga.

Figura 1 – Ciclovia em Sorocaba



Fonte: autoria própria

Figura 2 – Paço Municipal da Prefeitura de Sorocaba



Fonte: autoria própria

Morei em república com quatro colegas da mesma sala, quando começamos a ter a oportunidade de colocar em prática aquilo que aprendemos na universidade. Sorocaba conta com algumas cooperativas de reciclagem que passam semanalmente nos bairros para coletar resíduos recicláveis. A cooperativa que passava no bairro em que eu morava oferecia, inclusive, um saco próprio para colocarmos nossos resíduos. Assim, não tínhamos motivo para não fazer coleta seletiva e era muito fácil praticá-la dentro de uma casa com cinco estudantes de Engenharia Ambiental. Apesar disso, nem sempre todas praticavam aquilo que aprendíamos em sala de aula. Lembro-me de um professor ensinar que, quando colocamos embalagens plásticas para serem esquentadas no micro-ondas, o plástico aquecido libera substâncias

cancerígenas que contaminam o alimento²⁸. Ainda assim, duas meninas continuavam descongelando o feijão e aquecendo outros alimentos utilizando embalagens plásticas no micro-ondas. Tal comportamento me trazia um desânimo com relação à questão ambiental: se as próprias estudantes de Engenharia Ambiental não praticavam aquilo que aprendiam, que dirá das pessoas que não têm acesso a tais informações? Cheguei à conclusão de que informação não muda comportamento. Para Telles e Silva (2012), o conhecimento do problema ambiental não é suficiente para a mudança de valores e ações que buscam criar uma consciência ecológica, sendo também o sentimento responsável por levar às atitudes de mudança.

A UNESP Sorocaba não era um ambiente agradável que estimulava a cooperação, mas sim um ambiente competitivo, onde havia disputa por bolsas, intercâmbios e até uma falsa crença de que, quanto maiores as notas, maior seria a chance de conseguir um emprego melhor. Vi colegas chorarem porque a outra tirou nota maior, colegas que sabiam o conteúdo mas não compartilhavam o que sabiam e até colega fazendo relatório de grupo sozinha porque não confiava em seu grupo. Nem mesmo nas festas, que deveriam ser momentos de integração agradável entre as pessoas, a competitividade ficava de lado, sendo que haviam hinos ofensivos e práticas repulsivas e desrespeitosas, com o uso de apelidos repletos de *bullying* e abusos praticados pelos rapazes contra as moças. Além disso, muitos professores abusavam de suas posições, agindo de forma machista e abusiva diante de muitas estudantes, tornando o ambiente hostil e desagradável.

Meu maior sofrimento no curso foram os componentes curriculares que são a base dos cursos de engenharia (Cálculo I, II, III e IV, Álgebra Linear, Geometria Analítica, Matemática Aplicada à Engenharia, Cálculo Numérico Computacional, entre outras). Além de eu ter bastante dificuldade para fazer cálculos complexos, que exigiam muitas horas de estudo, os professores de tais disciplinas não conseguiam estabelecer uma conexão entre a Engenharia Ambiental e o que estavam ensinando, dificultando mais ainda a minha compreensão da utilidade e importância desses conteúdos.

Havia poucos projetos extracurriculares no campus, sendo que um dos projetos que me atraía era a Rede de Educação Ambiental (Rea). Apesar disso, eu nunca me inscrevi para

²⁸ Quando expostos a altas temperaturas, plásticos que não são adequados para uso em micro-ondas podem liberar substâncias químicas nocivas à saúde humana, como bisfenol A, que pode afetar o sistema hormonal e DHEA, um hormônio que pode ser absorvido por alimentos gordurosos, como queijos e carnes, quando aquecidos em micro-ondas em embalagens plásticas flexíveis. Como o risco de câncer associado a esta exposição não está claro, a Cancer Society da Nova Zelândia recomenda reduzir a exposição desnecessária, evitando esquentar alimentos no micro-ondas utilizando recipientes de plástico impróprios para tal (CANCER SOCIETY OF NEW ZEALAND, 2012).

participar do projeto. Eu acreditava que participar de projetos de extensão ou iniciação científica era algo para os alunos que tinham um excelente desempenho acadêmico, que não era o meu caso, pois reprovava em cálculo quase todo semestre. Além disso, eu achava contraditório encontrar os integrantes da Rea no supermercado e ver o carrinho deles cheio de refrigerantes e produtos embalados em plásticos e embalagens não recicláveis e depois falarem de reciclagem nas escolas. Outrossim, o contato que eu tive com a Rea foi através de oficinas, abordagens muito utilizadas na EA, podendo ser realizadas em ambientes internos ou externos, propondo atividades e dinâmicas em grupo para estimular reflexões, resolução de problemas, trabalho em equipe, contato com o ambiente e as pessoas, além de diferentes sensações e emoções (ANDRADE et al., 1996; SIGAUD, 2016). Assim, eu pensava que EA se resumia a oficinas e não acreditava na eficiência dessas oficinas na mudança de comportamento das pessoas que participavam delas.

Um aspecto positivo da formação foi a disposição de alguns professores para levarem os estudantes em visitas técnicas, viagens e trabalhos de campo (figuras 3 a 7). Visitamos estações de tratamento de água, estações de tratamento de esgoto, aterros sanitários, empresas da região, parques municipais e estaduais, mineradoras, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), recicladoras, cooperativas de catadores e áreas de estudo de solo. As aulas de laboratório também foram muito importantes e interessantes, oferecendo a parte prática de coletar amostras de água em rios, lagos e nascentes da região, solo e plantas para posterior análise em laboratório. Também tivemos a oportunidade de desenvolver trabalhos práticos, como um Estudo de Impacto Ambiental, em que cada grupo ficou responsável por áreas específicas (estudo de relevo, solo, clima, qualidade da água, vegetação, vertebrados, invertebrados, biota aquática e dimensão antrópica).

Figura 3 – Visita técnica ao Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR)



Fonte: autoria própria.

Figura 4 – Visita técnica à Estação Ecológica de Angatuba



Fonte: autoria própria.

Figura 5 – Visita técnica à Empresa Metropolitana de Águas e Energia S.A. (EMA E)



Fonte: Mancini (2010).

Figura 6 – Visita técnica ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)



Fonte: autoria própria.

Figura 7 – Visita técnica à Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (SABESP)



Fonte: Carlos (2010).

No entanto, ao meu ver, poucas disciplinas trouxeram questionamentos profundos sobre política, história, cultura, economia e os espaços de debates e discussões eram raros. Um dos únicos professores que propôs rodas de conversa foi o de Gestão Urbana, que recomendou a leitura inicial de textos relacionados ao Código Florestal, o qual estava prestes a ser alterado por um projeto de lei, para posterior debate e discussão em sala de aula, onde os colegas exporiam suas opiniões. A mudança do Código Florestal era um assunto totalmente relacionado ao nosso curso e praticamente não havia movimentação para discutir dentro do campus e agir contra esse projeto. Na minha república eu era a única que assistia (revoltada) a votação do código florestal, enquanto uma das meninas lia seu caderno revisando a matéria aprendida em sala de aula e as outras continuavam suas vidas normalmente, como se tal projeto não lhes dissesse nada a respeito. A imagem inicial que eu tinha de uma universidade pública como um espaço de resistência política foi enfraquecida e tomada por um desânimo e uma sensação de isolamento, fazendo-me concluir que mais vale me informar constantemente, tomar atitudes individualistas de consumo consciente e agir de forma condizente com o que eu acredito que seja melhor para o planeta, ao invés de tentar agir coletivamente, já que isso requer a vontade da maioria desinteressada e esforços para unir e sensibilizar todos.

As disciplinas específicas do curso trouxeram consciência sobre a forma como os processos produtivos funcionam, sobre os impactos ambientais gerados por esses processos e a necessidade de se buscar a sustentabilidade, falada durante todo o curso, representada por três pilares: social, ambiental e econômico, atendendo às necessidades da sociedade contemporânea dentro dos limites naturais e leis ambientais. Porém, ao meu ver, por mais que o curso ofereça uma visão holística, ou seja, considera aspectos sociais, físicos, químicos, biológicos e econômicos de forma global (RODRIGUES, 2010), na minha opinião, não me levou a questionar a origem de todos os problemas ambientais, o consumismo, a necessidade de ter tanta coisa, a origem de diversos comportamentos que impactam o ambiente negativamente, a cultura, a história, os padrões sociais e comportamentais e a mídia, talvez porque o curso funciona dentro da ótica tecnicista e a visão sobre meio ambiente que eu tinha nessa época focava apenas nas questões técnicas e naturais (BRÜGGER, 1994).

Para Brügger (2009), a criação de cursos de graduação, especialização e capacitação em meio ambiente que utilizam o termo “ambiental” para disciplinas como gestão, manejo, administração, proteção, saneamento, manutenção, entre outras, gera um isolamento curricular que estimula o tecnicismo acrítico, demonstrando uma visão utilitária sobre meio ambiente. Como esses cursos foram criados para solucionar problemas ambientais, é contraditório haver

apenas temas técnicos ou naturais no currículo, excluindo as questões sociais (BRÜGGER, 1994). Tal afirmação pode ser comprovada ao analisar o projeto pedagógico do curso, proposto em 2006, o qual não inclui disciplinas como Sociologia, por exemplo (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, 2007). Além disso, a necessidade de ferramentas antipoluentes que esses cursos são estimulados a desenvolver e aplicar nada mais é do que um fluxo que segue a lógica industrial de produzir constantemente (BRÜGGER, 1994).

No entanto, ao meu ver, já que o sistema funciona dessa forma, ainda que os cursos voltados para atuação na área ambiental sejam idealizados e funcionem dentro da lógica capitalista (BRÜGGER, 1994), concebo que a realidade ambiental atual seria muito pior se não existissem esses cursos, mesmo que sigam um tecnicismo acrítico.

Os engenheiros ambientais devem conhecer as diferentes fontes e formas de poluição da água, do ar e do solo e como preveni-las e tratá-las, como recuperar áreas degradadas, como tratar resíduos, como descontaminar solo e água, como preservar e conservar recursos naturais, como gerar energia a partir de matrizes renováveis e novas tecnologias, enfim, como avaliar, prevenir, corrigir e reduzir impactos ambientais que possam afetar a saúde humana e a biodiversidade (ENGENHARIA ..., 2019). Portanto, somos formados para ter conhecimentos técnicos e científicos que resolvam ou mitiguem problemas ambientais. No entanto, como resolveremos problemas ambientais sem questionar a origem deles?

É aí que entra a EA. No Projeto Pedagógico do Curso de Engenharia Ambiental vigente a partir de 2006, a disciplina “Educação Ambiental” era optativa (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, 2007). Em um curso de Engenharia Ambiental, colocar Educação Ambiental como uma disciplina optativa, ao meu ver, chega a ser absurdo. Hoje, por mais estranho que pareça, o Projeto Político-Pedagógico do Curso de Engenharia Ambiental, reestruturado em 2017, ainda não incluiu EA como disciplina obrigatória (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, 2017). Cursei a disciplina optativa em 2010, porém acredito que ainda não tinha maturidade para compreender as diferentes correntes de EA, que foi um conteúdo abordado em sala de aula pela professora. Em algumas aulas, os integrantes da Rea ofereceram uma oficina de sensibilização e uma palestra sobre vivências que tiveram em escolas e outros ambientes. O trabalho final da disciplina foi o desenvolvimento de um projeto em grupo. Meu grupo optou por trabalhar com funcionárias domésticas e faxineiras e o projeto consistia em fazer reuniões quinzenais, abordando questões como o uso da mangueira para lavar calçadas, o uso racional de água para lavar louça e roupas, separação de lixo, sensibilização

sobre o cuidado com resíduos perigosos, como lâmpadas fluorescentes, pilhas e baterias²⁹, descarte adequado de óleo de cozinha³⁰, informações sobre toxicidade de produtos de limpeza e substituição por produtos menos alergênicos e impactantes³¹. Apesar de ter sido um momento de divulgação de informações, as quais, provavelmente, tais pessoas dificilmente teriam oportunidade de acesso, hoje vejo o quanto faltava uma visão crítico-social da realidade e o quanto tal projeto demonstrava, primeiramente, o nível econômico de muitas das integrantes do grupo, pois tinham condições de pagar uma faxineira ou funcionária doméstica, e, em segundo, a ideia colonizadora que colocava tais profissionais como as principais responsáveis por resolver os problemas ambientais gerados pelos seus patrões, cujos hábitos não eram questionados dentro do projeto, além de também não ser questionada a desigualdade social.

Por ser descrente da eficiência da EA nessa época, eu não aproveitei e não dei o devido merecimento a essa disciplina no ano em que a cursei. Condutas indiferentes à problemática ambiental, que ignoram a autorresponsabilidade de cuidado com o planeta, são muito comuns na nossa sociedade (OLIVEIRA; CORONA, 2008), e isso me fazia acreditar que o ser humano era o mau do mundo e que não adiantava educar, fazer oficinas, brincar, transmitir informações ou sensibilizar, pois, para mim, as pessoas não estavam interessadas em resolver a crise ambiental. Eu achava que somente as crianças e adolescentes poderiam ser sensibilizadas para a causa ambiental, isso se as influências negativas da família não fossem mais fortes do que as dos educadores ambientais. Um dos motivos para ter tal crença é que a maioria das pessoas que teve a mesma educação e acesso à informação que eu, como por exemplo, meu irmão mais velho, pareciam não se importar com a questão ambiental. Dentro da casa dos meus pais tentei implantar a coleta seletiva, colocando adesivos com mensagens do tipo “Ao jogar material reciclável nessa lixeira você tira o "ganha-pão" de catadores e a oportunidade desse resíduo ser reciclado. Jogue na lixeira de recicláveis”, com imagens dos tipos de materiais recicláveis. Ainda assim, toda vez que abria as lixeiras do banheiro ou da cozinha, haviam resíduos

²⁹ Pilhas, baterias, lâmpadas fluorescentes, de vapor de sódio e mercúrio e de luz mista são consideradas resíduos perigosos por conterem metais com potencial carcinogênico, apresentando risco à saúde humana e ao meio ambiente (BRASIL, 2010).

³⁰ O descarte de óleo de cozinha na rede de esgoto causa sérios impactos ambientais, como redução da entrada de luz e oxigenação dos corpos hídricos, comprometendo a biota aquática, além de prejudicar o funcionamento das estações de tratamento de efluentes líquidos. Assim, o óleo de cozinha pode ser utilizado para a fabricação de sabão, a partir de uma mistura com soda cáustica, sendo uma ótima solução para lidar com tal resíduo (ALBERICI; PONTES, 2004)

³¹ Muitos produtos de limpeza de uso doméstico contêm compostos químicos que apresentam riscos à saúde humana, podendo causar intoxicações, reações alérgicas e problemas respiratórios (PRESGRAVE et al., 2009). No entanto, algumas soluções simples e de baixo custo podem ser utilizadas de forma eficaz para a limpeza da casa, como vinagre, detergente caseiro feito com sabão de coco e bicarbonato de sódio, sem expor seres humanos a tais efeitos tóxicos.

recicláveis dentro delas. Quando via alunos do curso de Engenharia Ambiental fazendo algo que eu considerava ambientalmente incorreto, por exemplo, jogando resíduo reciclável em lixeiras de resíduos orgânicos ou utilizando apenas sacolas plásticas em vez de bolsas retornáveis³², aflorava uma falta de esperança na humanidade e, conseqüentemente, na EA.

Ao final do curso, meus colegas e eu nos tornamos aptos a fornecer soluções técnicas aos problemas ambientais, trabalhar com certificações ambientais, trazer soluções que reduzem os impactos ambientais, descontaminem áreas, diminuam a poluição. Tornamo-nos conhecedores da legislação ambiental, dos processos de licenciamento ambiental, capazes de trabalhar em diferentes empresas, órgãos públicos, com equipes multidisciplinares, em diferentes ambientes e contextos.

No entanto, muitas vezes, os problemas ambientais são políticos e sociais (LAYRARGUES; LIMA, 2011) e, ao meu ver, não fomos ensinados a questionar a origem de problemas criados para atender a falsas demandas da sociedade, apenas para gerar dinheiro para alguns setores, durante algum tempo, com uma falsa promessa de geração de emprego. Compreendo que a nossa formação passou a ser necessária para atender às demandas econômicas antes das necessidades sociais e ambientais, obrigando-nos a apenas reduzir os impactos ambientais, sem que a produção pare e o sistema seja prejudicado, servindo ao mercado da forma menos impactante possível, sem questioná-lo.

Minha visão sobre meio ambiente havia mudado de forma significativa. Eu via a paisagem de forma analítica e não mais romântica. Uma floresta de eucalipto não era mais uma simples floresta com um cheiro agradável, mas sim uma monocultura que foi plantada em uma área que antes era Cerrado, reduzindo a disponibilidade de água dos rios³³. Uma lâmpada fluorescente não era apenas uma fonte de luz, mas uma possível fonte de contaminação por mercúrio. Coisas que antes não me afetavam passaram a me incomodar muito, como ver alguém jogar um resíduo perigoso ou reciclável em uma lixeira comum.

No início da graduação, eu me orgulhava por conseguir fazer coleta seletiva, mas ainda não havia pensado na quantidade de resíduos que eu gerava. Para mim, bastava todos fazerem suas partes, economizando água, energia e combustível, fazendo coleta seletiva e utilizando

³² Também chamadas de *ecobags*, as bolsas retornáveis são utilizadas para reduzir a geração de resíduos como sacolas plásticas, podendo ser confeccionadas com diferentes tipos de materiais ou tecidos, que garantem sua resistência e durabilidade, para acondicionar diversos tipos de mercadorias (SILVA, 2011).

³³ O Cerrado abrange um bioma com áreas de florestas, brejos, matas de galeria e campos, sendo considerado a savana mais biodiversa do planeta e o segundo maior bioma do Brasil (MEDEIROS, 2011). Monoculturas de eucalipto passaram a substituir áreas de vegetação nativa de Cerrado nas últimas décadas, influenciando de forma negativa nos ciclos hidrológicos, já que a alta demanda de água para o crescimento destas plantas diminui a recarga hídrica e a umidade do solo (OLIVEIRA et al, 2002).

sacolas retornáveis que os problemas ambientais, com o tempo, se resolveriam. No entanto, de acordo com Guimarães (2004) é muito simplista a visão de que a sociedade é a soma dos indivíduos e de que a transformação individual gera uma mudança coletiva. Os indivíduos fazem parte de um contexto global e as reformas de pequenas partes da sociedade não transformam as bases políticas e econômicas (LAYRARGUES; LIMA, 2011).

O curso de Engenharia Ambiental refletiu nas minhas rotinas, comportamentos e hábitos de consumo, na forma de cuidar dos resíduos gerados e na alimentação, possibilitando não só uma formação técnica para o mercado de trabalho, mas também uma formação que levou a comportamentos mais responsáveis e conscientes. Em 2011, após estudar os impactos ambientais da produção de carne³⁴, fui diminuindo aos poucos o consumo desta, porém ainda sem conhecer outras questões ambientais relacionadas à alimentação, como transgenia³⁵ e impacto dos agrotóxicos na saúde humana³⁶ e na redução da população de abelhas³⁷. Sempre utilizava bicicleta e ônibus, mesmo tendo carro. Utilizava sacolas retornáveis no supermercado, comia muitas frutas e verduras, lia as diversas embalagens para saber se os produtos que estava comprando eram “verdes”, “ecológicos” ou biodegradáveis, ou seja, que podem ser decompostos por microorganismos do ambiente (FERREIRA, 1993), optava por produtos com menos embalagens, raramente comprava produtos embalados em embalagens não recicláveis, levava pilhas para serem descartadas em “papa-pilhas”³⁸, entregava o óleo de cozinha usado para pessoas fazerem sabão, abastecia meu carro apenas com etanol³⁹ (até porque, naquela época, era muito mais barato). Tamanha foi a minha surpresa e alegria quando calculei novamente minha pegada ecológica após parar de comer carne e descobri que eu estava gerando

³⁴ A pecuária é responsável por grande parte do desmatamento no Brasil e quase metade das emissões de gases de efeito estufa (NOBRE, 2008).

³⁵ Visando aumentar a produção de alimentos, sementes transgênicas, ou seja, que combinam materiais genéticos de organismos com características desejadas para aumentar a resistência a herbicidas e pragas agrícolas, começaram a ser desenvolvidas no final do século XX. Além de não terem cumprido a promessa de resolver a fome no mundo, levaram a poluição genética para regiões onde passaram a ser cultivadas, impossibilitando o cultivo de alimentos não transgênicos em tais locais (ZIMMERMANN, 2009).

³⁶ Diversos alimentos consumidos diariamente pela população brasileira estão contaminados com agrotóxicos que, inclusive, contêm compostos proibidos em países europeus e Estados Unidos, os quais podem causar desregulação hormonal, câncer, doenças imunológicas, neurológicas e reprodutivas (CARNEIRO et al., 2015).

³⁷ A redução das populações de abelhas tem sido relatada nos últimos anos, principalmente por apicultores, sendo que diversos estudos relacionam herbicidas, inseticidas e fungicidas com a morte de abelhas, os quais causam efeitos agudos e crônicos em todas as fases de desenvolvimento destes insetos, afetando seu comportamento e capacidade de voo, prejudicando toda a colônia (BALBUENA et al., 2015; CARNEIRO et al., 2015).

³⁸ Papa-pilhas são dispositivos adequados para o descarte de pilhas, geralmente disponibilizados em pontos de coleta de estabelecimentos, como, por exemplo, o banco Santander (SPERANZA; MORETTI, 2014).

³⁹ Por ser uma fonte de energia renovável e por emitir menos gases poluentes do que a gasolina, o etanol é considerado uma alternativa mais sustentável quando comparado aos combustíveis fósseis (STRAPASSON; JOB, 2006).

menos impactos ambientais no planeta. Tais comportamentos podem se enquadrar na tendência **pragmática**.

Em síntese, por mais que desde o primeiro semestre da graduação em Engenharia Ambiental eu tenha aprendido os diferentes conceitos de meio ambiente e soubesse, em teoria, que as questões sociais estão incluídas neste, eu ainda não havia conseguido ver claramente a associação do cultural e social com o ambiental e a minha tendência era a de ver o ser humano, as empresas e a ineficiência do governo como os causadores dos problemas, sem questionar as questões históricas e o sistema como um todo, demonstrando a predominância da tendência **conservadora** nessa minha fase de vida. Os meus comportamentos, que demonstram tal visão, partiam da crença limitante na atuação individual para resolver os problemas ambientais, que são também sociais.

Assim, é possível dizer que as tendências **conservadora** e **pragmática** tiveram bastante influência na minha formação acadêmica em Engenharia Ambiental.

5.2 Vida na floresta – o trabalho voluntário no Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba

O Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba (PESM-NPic) localiza-se em Ubatuba/SP e, dentro de seu perímetro (figura 8), existe, além da Mata Atlântica⁴⁰, vegetação de restinga⁴¹, manguezais⁴², praias, rios, vilas de caiçaras⁴³, áreas de quilombolas⁴⁴, áreas indígenas, além da estrutura de visitação do parque, casas de alguns funcionários e algumas áreas invadidas por pessoas que não fazem parte de comunidades tradicionais e nem trabalham no parque (SÃO PAULO, 2008).

⁴⁰ Mata Atlântica é um bioma com formações florestais nativas e seus ecossistemas associados, tais como florestas ombrófilas densa e aberta, mata de araucárias, florestas estacionais, além de manguezais, vegetações de restinga, campos de altitude e brejos interioranos, sendo considerada patrimônio nacional protegido por lei (BRASIL, 2006).

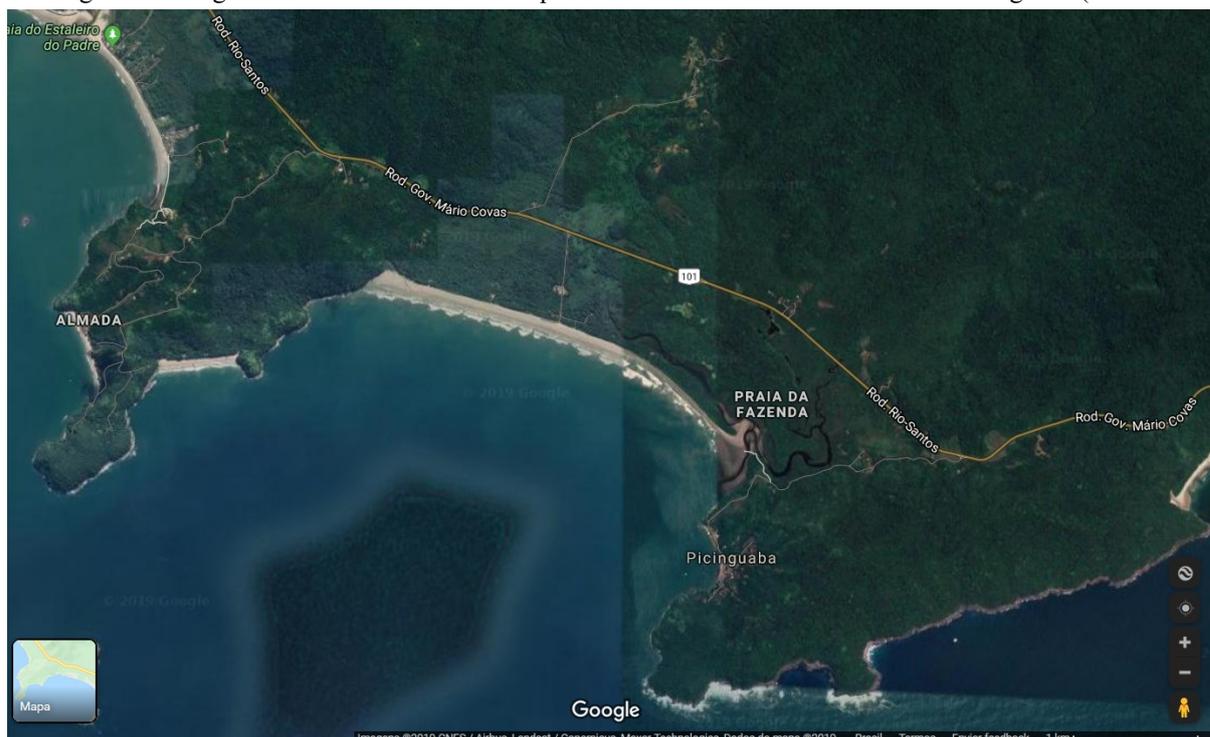
⁴¹ Cobertura vegetal herbácea, arbustiva e arbórea encontrada em praias, dunas e cordões arenosos que recebe influência marinha (BRASIL, 2012).

⁴² Ecossistema litorâneo sujeito à ação das marés, o qual possui vegetação nativa conhecida por mangue (BRASIL, 2012).

⁴³ Populações tradicionais que possuem relação profunda com o ambiente costeiro, vivendo da pesca, agricultura de subsistência, artesanato e extrativismo de frutos do mar e plantas da floresta (SÃO PAULO, 2008).

⁴⁴ Povos remanescentes de comunidades de quilombos, ou seja, antigos refúgios de escravos, que possuem relação com o território ocupado por seus antepassados e direito a essa propriedade (FERREIRA, 1993; ARGUEDAS, 2014).

Figura 8 – Imagem de Satélite da área do Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba (Ubatuba/SP)



Fonte: Google Maps.

Minha primeira visita a esse local foi em maio de 2012, em um curso de EA e ecoturismo em UCs⁴⁵, que incluiu um passeio noturno de canoa no manguezal, para reconhecimento do ambiente, e análise de desequilíbrios ecológicos próximos à estrada que leva até o parque. Em tal curso, tivemos a oportunidade de dormir no alojamento do parque, que se localiza entre os ambientes de praia (Praia da Fazenda), um manguezal e a floresta Atlântica. Foi uma experiência tão marcante que no mesmo ano eu me inscrevi para trabalhar como voluntária e, para a minha surpresa, fui selecionada no programa de voluntariados Amigos do Verde⁴⁶, juntamente com mais 16 voluntários, que se dividiriam entre os meses de janeiro e fevereiro para o trabalho.

O núcleo ofereceu uma capacitação anterior ao início do trabalho voluntário, com palestras que explicavam questões relevantes, como história do parque, área de abrangência, plano de manejo, gestão, conflitos, atividades a serem desempenhadas e organização da estrutura. Além disso, conhecemos a equipe de técnicos e guias, com quem fizemos trilhas para

⁴⁵ Unidades de Conversação são definidas pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (BRASIL, 2000) como “espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção”.

⁴⁶ O Programa de Voluntariado Amigos do Verde foi criado pela Fundação Florestal visando proporcionar experiências a estudantes universitários na gestão de UCs (SÃO PAULO, 2011).

conhecer melhor o local, visitas em áreas de quilombolas e cachoeiras. Uma característica desse parque é a presença de descendentes de quilombolas que, inclusive, trabalham dentro da Unidade de Conservação (UC), além de ter também uma vila de caiçaras, com muitas casas, restaurante, bar e outras atividades.

Na capacitação foram organizadas dinâmicas em grupo para propor soluções para alguns problemas do parque e também foi feito um mutirão de plantio de Juçara em uma área de floresta, que consistia em espalhar sementes pelo caminho. Juçara é uma palmeira que dá frutos semelhantes ao açaí, sendo extremamente importante na alimentação da fauna local e, quando cortada, não rebrota, por isso estava entrando em risco de extinção, já que muitos palmiteiros a cortavam para a venda ilegal do palmito (MARÇAL et al., 2015).

A capacitação permitiu que os voluntários estivessem cientes sobre os trabalhos desenvolvidos dentro do parque e os possíveis problemas e conflitos a presenciar. Um dos voluntários brincava que estávamos no “BBP: Big Brother Picinguaba”, já que estávamos sendo avaliados o tempo todo durante a capacitação e passando por inúmeros testes, como, por exemplo, dormir no alojamento. O alojamento possuía dois quartos, o masculino e o feminino, com vários beliches cujos colchões eram encapados com um plástico azul. A trilha sonora noturna do quarto feminino era o voo e o farfalhar dos morcegos no forro do telhado. O banheiro compartilhado contava frequentemente com a presença de aranhas e baratas, que despertavam pavor em algumas pessoas. Não havia sinal de telefone nem de internet, muito menos padarias, supermercados, bares, restaurantes, nem mesmo um quiosque na praia, a qual era um verdadeiro exemplo de conservação, longe de se assemelhar às badaladas praias do centro da cidade, repletas de lixo, comércio ambulante e poluição sonora.

Além disso, algumas trilhas eram longas e poderiam ser consideradas como difíceis por pessoas que não tinham o costume de caminhar por horas na floresta, subindo e descendo morros. Nossos guias conheciam cada detalhe da trilha, diferentes espécies de plantas, suas características e usos medicinais, além de nos alertar para o cuidado com animais peçonhentos. Em uma parte da trilha, eu acabara de passar por um local quando o colega atrás de mim falou: “uma jararaca!”. Achei que ele estava brincando, mas quando olhei para trás realmente era uma pequena jararaca enrolada em uma folhagem rente ao chão, bem quieta. Eu era a antepenúltima a passar pelo local e a serpente não fez nada, inclusive tiramos foto dela.

Na capacitação também tivemos a oportunidade de fazer uma trilha fluvial no manguezal (figura 9), um dos principais atrativos do Núcleo Picinguaba. Trata-se de um passeio de barco feito com um nativo da região remando e explicando sobre a vegetação, a fauna, o

parque e o que mais despertar a curiosidade dos visitantes. Os responsáveis pela realização de tais trilhas devem ser, prioritariamente, os descendentes de quilombolas e de comunidades tradicionais da região, que conhecem e fazem parte da história do local, além de conhecerem a fauna, flora, hidrografia e importância da conservação deste ambiente. Na trilha são feitas algumas paradas que permitem uma caminhada pelo manguezal a fim de compreender melhor a biologia das plantas e de alguns animais deste ecossistema, além de outro local para nadar. A forma como os guias nos conduziram, explicaram sobre a biologia e ecologia das plantas e animais, sua agilidade em pegar caranguejos e a sua conexão com o local e a história me encantou, transmitindo a conexão e o amor que eles sentiam por aquele lugar e pelo que faziam.

Figura 9 – Trilha fluvial no manguezal



Fonte: Franco (2012).

A capacitação (figuras 10 e 11) foi uma experiência profunda e única, que não só permitiu conhecer a realidade ambiental, técnica, estrutural, histórica, política, econômica e social do parque, mas também estar inserida em um ambiente natural e senti-lo a todo instante, juntamente com todos os outros voluntários que se dispuseram a estar ali e que no fim, tornaram-se amigos.

Figura 10 – Voluntários na praia da Fazenda



Fonte: autoria própria.

Figura 11 – Voluntários na praia Brava da Almada



Fonte: Fundação Florestal (2012).

Fui selecionada para trabalhar no parque de 28 de dezembro de 2012 a 28 de janeiro de 2013, juntamente com mais oito voluntários. Os demais foram escalados para trabalhar no mês de fevereiro. Dia 27 de dezembro viajei de Araguari/MG para Ubatuba/SP, dirigindo meu carro, com minha mãe me fazendo companhia, pois ela não gostava que eu viajasse sozinha. Minha mãe conheceu o alojamento e ficou horrorizada com as condições nas quais eu ia ficar. Devido a uma chuva forte, algumas árvores próximas aos fios elétricos caíram, fazendo com que o local ficasse temporariamente sem energia. Assim, naqueles dias, a única opção era tomar banho frio e economizar água. Quedas de energia eram frequentes no parque por esse motivo.

A primeira semana do trabalho voluntário consistiu basicamente em trabalhar com o atendimento ao público e a organização do Centro de Visitantes (Figura 12), recepcionando turistas e visitantes e orientá-los quanto à realidade de estar adentrando uma UC, além de informá-los sobre a história, área do parque, biodiversidade e outras questões do parque, e oferecer trilhas. A trilha sensorial (Figura 13), uma pequena trilha desenvolvida para ativar os diferentes sentidos nas pessoas vendadas, que eram guiadas cuidadosamente para pisar em folhas, água, rochas, tocos, tocar diferentes tipos de materiais e sentir diferentes cheiros, era uma das trilhas que os voluntários eram autorizados a conduzir.

Além disso, nosso trabalho na praia (Figura 14) e na guarita consistia em elaborar questionários com o objetivo de estudar o perfil dos visitantes e informá-los detalhes sobre o parque, as trilhas, as praias, alertar sobre a importância de não entrar com cachorro na praia, não sentar no jundu que estava em recuperação – uma vegetação composta por plantas herbáceas, rasteiras ou reptantes adaptadas ao solo arenoso, como *Ipomoea pes-caprae*, *Spartina ciliata* e *Blutaparon portulacoides* (TALORA, 2007), não fazer churrasco e não jogar lixo na praia. Tal abordagem demonstrava a presença da tendência **conservadora**, já que

focávamos em instruções técnicas, fornecendo informações para tentar corrigir o comportamento alheio (LAYRARGUES; LIMA, 2011).

Outro trabalho desenvolvido pelos voluntários foi colocar placas na praia com avisos sobre os cuidados com a vegetação em recuperação (Figura 15), bem como a montagem de um mural com resíduos que coletamos na praia, intitulado de “Do bicho ao lixo”, demonstrando o tempo médio que o lixo permanece no ambiente em comparação com o tempo médio de vida de alguns animais, alertando sobre o perigo destes se alimentarem desses resíduos (Figura 16).

Figura 12 – Centro de Visitantes do Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba



Fonte: Franco (2013).

Figura 13 – Trilha sensorial



Fonte: Franco (2013).

Figura 14 – Posto de trabalho na Praia da Fazenda



Fonte: Franco (2013).

Figura 15 – Placas de identificação de área em recuperação



Fonte: Santos (2013).

Figura 16 – Mural “Do bicho ao lixo”



Fonte: autoria própria.

Foi solicitado aos voluntários desenvolver dinâmicas de Educação Ambiental com as crianças que estavam visitando a praia. No entanto, eu não tinha experiência nem desenvoltura para tal. Assim, uma outra voluntária assumiu esta tarefa, solicitando que as crianças desenhassem o que gostavam e o que não gostavam na praia. Por não compreender a eficiência e utilidade deste tipo de atividade para despertar uma conexão entre o sujeito e o ambiente, ou até mesmo o desenvolvimento de um olhar crítico sobre a questão ambiental, eu não me esforçava muito para executá-las. Senti-me incomodada com minha dificuldade em criar algo para interagir com as crianças, afinal, eu queria trabalhar com EA, e isso me influenciou, trazendo-me a necessidade de resgate da minha criatividade e de aprender a interagir com crianças. Hoje, após ter feito um Curso de Formação de Multiplicadores Ambientais em 2016, no qual foram oferecidos diferentes tipos de oficinas ecológicas, e ter estagiado no Projeto Tamar de Ubatuba em abril de 2018, onde há uma sala de jogos educativos, com papéis e lápis para as crianças desenharem, entendo a importância destas atividades como uma forma pedagógica de abordar questões sérias utilizando brincadeiras. A proposta do desenho temático pode trazer reflexões e diferentes percepções para questões que talvez as crianças não haviam notado antes e, quando veem o desenho de outras crianças, podem refletir sobre a visão do outro também. Além disso, dinâmicas de EA são oportunidades de interação social que envolvem afetivamente os participantes. Nas oficinas em grupo, pode-se fazer desafios, propor o reconhecimento do ambiente, propor resoluções de problemas ambientais, estimulando criatividade, responsabilidade, pensamento crítico e trabalho em grupo, exercitando a emoção e trazendo a sensação de pertencimento ao coletivo e à natureza, além de ser uma forma divertida de compartilhar informações técnicas e incentivar ações de mudança. Para finalizar, em um mundo cada vez mais influenciado pelo uso de tecnologias, como *Smartphones* e *Tablets* estimular as pessoas a fazerem atividades e brincarem ao ar livre é muito benéfico à saúde física e mental, e a imprevisibilidade do ambiente externo pode surpreender os participantes (ANDRADE et al., 1996; SIGAUD, 2016).

Outro trabalho desenvolvido foi a organização digital de banco de dados de legislação dentro do escritório. Tal trabalho era importante não apenas para facilitar a consulta para elaboração de laudos técnicos, como também para dar suporte legal aos funcionários do parque com relação às comunidades tradicionais e às leis da Mata Atlântica, já que a população residente do parque, frequentemente, se deparava com proibições impostas que, muitas vezes, não faziam sentido quando a situação era analisada de forma mais política e crítica.

A ocupação humana dentro dos parques traz alguns conflitos, tanto para as comunidades tradicionais quanto para os gestores dos parques. Um exemplo conflitante seria a reforma de imóveis. Esta deve estar de acordo com a legislação ambiental, mesmo apresentando riscos aos moradores. Durante o trabalho, foi informado a nós voluntários que tais casas não podem ter energia elétrica, não podem utilizar materiais da floresta sem autorização, mesmo que uma árvore tenha caído naturalmente; os moradores não podem plantar seu próprio alimento ou pescar em algumas áreas dentro do parque, mesmo sendo caiçaras nativos da região. Mesmo que os gestores tentem incluir diversas questões dentro do Plano de Manejo do parque para não prejudicar essas populações, os desafios são constantes e devem-se, principalmente, à corrente conservacionista, incluída na tendência conservadora, presente na legislação ambiental referente a UCs de Proteção Integral.

Quando eu estudei o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (BRASIL, 2000) durante a graduação eu achei a teoria incrível, porém, ao vivenciar a realidade de uma UC de Proteção Integral com comunidades tradicionais vivendo em seu interior, eu percebi que, na prática, não era tão incrível assim. Interpretei que tal legislação valoriza muito o ambiente natural, mas não leva em consideração a dignidade humana, a história de ocupação humana nos parques e a possibilidade de conciliar a conservação natural com a conservação do estilo de vida desses povos.

Ao meu ver, o ideal seria enxergar os seres humanos como parte desse ambiente, capazes de viver de forma harmônica e sustentável, sendo benéfico para ambos os lados, diminuindo assim os conflitos. No Brasil, o poder público é responsável por promover a gestão ambiental pública, ou seja, mediar os interesses e conflitos dos sujeitos que alteram a qualidade dos recursos naturais e o meio ambiente artificial para garantir o atendimento aos direitos ambientais (QUINTAS, 2004). Mas o que se vê é uma gestão ambiental não participativa, com pareceres técnicos distantes do contexto social (LAYRARGUES, 2000). Daí a importância de realmente tornar as práticas de gestão ambiental públicas, transparentes, justas, inclusivas e acessíveis a todos os interessados e grupos sociais envolvidos, principalmente aqueles com menos condições de intervenção, bem como não limitar o uso dos recursos ambientais a partir de uma única base científica e técnica (QUINTAS, 2004). E era isso que os técnicos do PESM – Núcleo Picinguaba tentavam fazer em seus trabalhos, buscando brechas na lei para não prejudicar as comunidades tradicionais do parque. No entanto, foi possível perceber que a gestão destes parques estaduais costuma ser instável e mutável, não havendo garantias de que os trabalhos iniciados por uma equipe serão continuados por outra equipe. Por isso existe a

necessidade de fortalecimento das comunidades tradicionais na gestão ambiental, buscando assim garantir sua participação, independente de uma afinidade ou distanciamento entre gestores e comunidades tradicionais.

Fazer trabalho voluntário no PESM – Núcleo Picinguaba me permitiu viver um mês em meio a um ambiente natural, cercado pela Mata Atlântica, onde diariamente podíamos ir para a praia ou para o rio após o expediente para nadar, ver o pôr do Sol, caminhar pela mata e pelo manguezal, observando o encontro do rio com o mar, conhecer diariamente novas espécies de plantas, fungos, invertebrados, anfíbios, répteis, aves, mamíferos, deparar-nos com novas plantas nascendo no caminho que percorríamos diariamente, dormir ouvindo o barulho do mar e o coaxar de diferentes espécies de sapos, rãs e pererecas, além do cricilar de diferentes espécies de grilos, acordar ouvindo os passarinhos e nos admirar com as cores intensas de algumas aves ameaçadas de extinção. Foi uma experiência sensorial que me permitiu presenciar diariamente o quanto a natureza é dinâmica e surpreendente e que influenciou no meu humor e percepção da vida, trazendo uma sensação de integração com o ambiente natural.

Uma das experiências mais mágicas foi ir à praia durante a noite e ver noctilucas, protistas unicelulares dinoflagelados bioluminescentes que fazem parte do fitoplâncton, na areia e no mar, e nadar vendo todos os voluntários brilhando no escuro. Outra experiência inusitada foi atravessar o rio à noite para ir até o bar que havia na vila dos caiçaras e, ao retornar, ter dificuldades em atravessar o mesmo rio devido ao elevado nível d'água por causa da influência da maré, e por esse mesmo motivo, ver peixes pulando para fora da água para se alimentarem. Presenciamos também dias seguidos de chuva intensa que fizeram os caranguejos ficarem aos montes na praia (Figura 17), tornando-se, inclusive, presas fáceis de pessoas que se alimentavam desses animais, já que suas tocas estavam inundadas. Uma jararaca ficou três dias praticamente imóvel, enrolada em um canto da casa ao lado do alojamento, em um local em que ela não se molharia, até a intensidade das chuvas diminuírem e o nível da água abaixar (figuras 19 e 20). Outra experiência marcante foi ver um golfinho que estava machucado sendo resgatado por uma equipe que trabalha com animais marinhos (Figura 18).

Figura 17 – Caranguejos na praia da Fazenda



Fonte: Franco (2013).

Figura 18 – Golfinho machucado encontrado na praia da Fazenda



Fonte: Franco (2013).

Figura 19 – Jararaca



Fonte: Franco (2013).

Figura 20 – Trilha de terra inundada



Fonte: Franco (2013).

Nestas últimas experiências descritas, pude sentir-me parte do ambiente, ao contrário do que acontecia no meu cotidiano na cidade. Tal sensação é muito comum no ecoturismo, um tipo de atividade que faz parte da tendência **conservadora**, a qual também aborda questões como biodiversidade, ecossistemas e UCs (LAYRARGUES; LIMA, 2011). A corrente **conservacionista**, que se enquadra na tendência **conservadora**, acredita que a conscientização ecológica pode ser alcançada a partir do contato com a natureza (LAYRARGUES; LIMA, 2011).

Por fim, a tendência mais marcante neste voluntariado foi a **conservadora**, já que os voluntários focavam na transmissão de informações aos visitantes para tentar gerar mudanças comportamentais, sem questionar questões sociais e históricas, buscando manter as áreas naturais intactas e separadas da sociedade (LOUREIRO, 2004).

5.3 Vida permacultural – a vivência no Sítio Baru

Dia 25/01/2013, após um voluntariado maravilhoso com uma equipe sensacional no PESM – NPic, foi a minha tão esperada colação de grau em Engenharia Ambiental. Sentia-me feliz e aliviada por nunca mais ter que aparecer naquela universidade que eu tanto desgostava, mas ao mesmo tempo triste, desesperada, ansiosa, perdida, insatisfeita, sem saber o que fazer da vida por estar oficialmente desempregada e ter que voltar a morar com meus pais depois de cinco anos fora. Eu estava pronta para ir para o mercado de trabalho oferecer minha mão-de-obra. Será? Eu estava pronta para trabalhar em uma empresa qualquer apenas para garantir que ela cumprisse as legislações ambientais sem questionar a real necessidade de sua produção? Eu estava pronta para ingressar em algum órgão público, sendo praticamente obrigada a liberar obras que causariam impactos ambientais, ou que teriam que passar por compensações ambientais por serem obras de utilidade pública ou de interesse social (BRASIL, 2012)? Como eu iria encarar meu primeiro emprego formal, trabalhando com algo que fugia dos meus interesses e ideologia de vida, uma vez que até então não encontrava nenhuma oportunidade de emprego compatível com meus princípios? Eu precisava realmente exercer minha profissão, afinal é isso que as pessoas fazem depois que se formam?

Meus problemas de convivência familiar começaram na mesma semana que voltei a morar em Araguari/MG, quando declarei para toda a família que não ia mais comer carne. Sempre fui muito controlada pela minha família e parar de comer animais mortos não agradou ninguém. Tentaram me convencer a comer pelo menos peixe e eu continuava cedendo sem forças para me livrar de tanto controle.

Depois de duas semanas surgiu uma oportunidade na qual não tive dúvida alguma em me inscrever. No final de fevereiro de 2013 ocorreria uma vivência em uma aldeia indígena em Peruíbe/SP, onde poderíamos trabalhar com bioconstrução, um tipo de construção que utiliza materiais naturais, geralmente encontrados no próprio local, como areia, rocha, solo, palha, bambu, madeira, entre outros, gerando o mínimo de impacto ambiental possível e focando na sustentabilidade da obra (HENDERSON, 2012). Fiz minha inscrição e quando a data de início estava se aproximando, falei para meus pais que compraria a passagem, e, como previsto, eles quase surtaram. Além de acharem um absurdo eu ir para uma aldeia indígena sozinha, eu ia menstruar nos dias do evento, e, como eu costumava ter cólicas menstruais muito fortes, a ponto de desmaiar, eles achavam que os responsáveis pela vivência não iam conseguir me levar para

o hospital caso eu precisasse e os indígenas não iam saber me ajudar. Depois de muita briga eu não fui para a vivência, mas não desisti e continuei procurando oportunidades semelhantes.

Eu ficava atenta aos sites de permacultura para descobrir vivências que eu pudesse participar e, alguns dias depois, surgiu uma outra oportunidade de vivência em bioconstrução em um sítio em Pirenópolis/GO, que ocorreria de 15 a 20 de março de 2013. Era uma vivência de agricultura orgânica, agrofloresta, permacultura e *ayurveda*. Eu não sabia direito o que era permacultura, nunca tinha ouvido falar em *ayurveda*, mas sabia que queria aprender sobre todos esses assuntos diferentes e era isso que eu tinha que fazer. Paguei a inscrição e um dia antes da vivência contei para meu irmão e meu primo, caso acontecesse algum problema, peguei meu carro e fui dirigindo sozinha pra Pirenópolis. Contei para minha mãe por telefone quando estava quase na metade do caminho e ela chorou do outro lado da linha perguntando por que eu não tinha contado antes que ia.

A vivência era em um sítio que ficava no alto do morro do Frota em um local sem sinal telefônico. No meio da estrada de terra consegui me comunicar com o dono do sítio e ele falou que ia de moto até onde meu carro estava para me guiar até o sítio. Eu nem sei se fiquei feliz ou desesperada quando ele apareceu com sua moto, muitas perguntas passavam pela minha cabeça: “O que eu vim fazer aqui sozinha nessa estrada de terra que nem celular pega?”, “Será que é esse cara mesmo?”, “Será que ele é confiável?”. Eu o segui por uma estrada de terra, em uma subida que parecia não ter fim quando, de repente, chegamos no Sítio Baru (Figura 21).

Eu esperava ver um montão de gente para a tão esperada vivência, mas só vi uma moça e um rapaz. Perguntei: “Uai... cadê o povo?”. Então descobri que só tinham três inscritos. O dono do sítio até tinha pensado em cancelar a vivência devido à pequena quantidade de inscritos.

Éramos poucos, por isso pudemos dormir dentro da casa dele. Eu estava maravilhada com a casa de pedra e barro, cujas pilastras de tijolinho tinham formato de DNA e pensava, chocada: “Como assim, eu vou dormir dentro da casa deles sendo que eles nem me conhecem?”.

Tudo naquele sítio era um universo novo para mim. Foi a primeira vez que tomei suco verde, *kefir* (uma bebida fermentada por bactérias ácido-lácticas, bactérias ácido acéticas e leveduras), chá de hibisco, “gersal” (uma mistura de sal e gergelim), chucrute (uma conserva de repolho fermentado), lentilha germinada e broto de girassol. Eu nunca tinha ouvido falar em germinação de sementes comestíveis ou alimentação viva, um tipo de alimentação que uma das organizadoras do evento estava introduzindo em sua vida após ter lido um livro chamado “Lugar de médico é na cozinha”. Este livro, escrito pelo médico Dr. Alberto Peribanez

Gonzalez em 2008, traz reflexões profundas com informações científicas e espirituais sobre a alimentação, além de diversas receitas. Comprei o livro logo após voltar para Araguari e tentei aderir ao crudivorismo, ou seja, alimentação vegana e crua.

Figura 21 – Casa principal do sítio Baru



Fonte: Arquivo pessoal de Eridani (2013).

Era tudo muito lindo, a casa, a vegetação, os passarinhos, a mesa cheia de frutas, os milhos crioulos⁴⁷ coloridos no cesto de palha (Figura 22), as sementes de girassol brotando em um potinho com terra (Figura 23), os vasilhinhos feitos de garrafa PET cheios de plantas em volta do chuveiro externo, a placa escrito “*All we need is love!*”, o banquinho com um coração desenhado em madeira, a compostagem, a alimentação sem carne, as crianças felizes brincando com a terra, a calma, a integração entre as pessoas, o olho no olho, a contribuição sem esperar algo em troca, a gentileza e o cuidado.

⁴⁷ Sementes crioulas são aquelas cultivadas tradicionalmente pelos agricultores, que selecionam as sementes das plantas mais fortes e adaptadas às características do solo onde se desenvolveram, auxiliando na manutenção e propagação destas espécies (BONOMO, 2012).

Figura 22 – Milho crioulo



Arquivo pessoal de Eridani (2013).

Figura 23 – Brotos de girassol



Arquivo pessoal de Eridani (2013).

Tivemos aulas em *slide* sobre permacultura, agricultura orgânica, agrofloresta e bioconstrução. Permacultura significa “cultura permanente”. Trata-se de uma alternativa à agricultura convencional que une conhecimentos tradicionais agrícolas com a ciência moderna para permitir segurança e bem-estar a agricultores conscientes, inseridos harmoniosamente em ecossistemas produtivos, diversos e ecologicamente equilibrados, de forma completamente sustentável. Assim, obtêm alimentação, energia e moradia com os recursos do local onde se encontram, buscando sempre o equilíbrio a partir de diversas áreas de conhecimento, visando reduzir a crise ambiental planetária, seguindo os fundamentos éticos de sustentabilidade: cuidar da terra, cuidar das pessoas, distribuir os excedentes, repensar valores e replanejar hábitos (SOARES, 1998).

Agricultura orgânica consiste em uma conjunção de técnicas que visam garantir a fertilidade do solo, oferecendo constantemente matéria orgânica, como, por exemplo, compostos biodegradáveis, os quais devem oferecer condições aos microorganismos para viabilizarem a absorção de minerais pelos vegetais. Assim, pressupõe-se que um solo saudável permite às plantas se desenvolverem com mais vigor e resistência a pragas e doenças. Desta forma, agrotóxicos, organismos transgênicos e fertilizantes produzidos com minerais não-renováveis são incompatíveis com tal prática (ORMOND et al., 2002).

Agrofloresta é um tipo de prática de agricultura que segue princípios de sustentabilidade e equilíbrio ecológico, tentando imitar os processos naturais para criar um ecossistema competitivo e diverso, incluindo, em um mesmo espaço, diversas espécies de plantas com características diferentes, como árvores, arbustos, herbáceas e forrageiras, que geram inúmeros serviços ambientais, como cobertura de solo, alimento para animais humanos e não humanos,

ciclagem de nutrientes no solo, sequestro de carbono, conforto térmico, podendo-se cultivar desde hortaliças até frutíferas para geração de renda (STEENBOCK et al., 2013). A agrofloresta é uma ótima alternativa de recuperação de áreas degradadas e segue os princípios de sucessão ecológica natural, visando chegar a uma floresta com alta diversidade de espécies, porém com capacidade de manejo (STEENBOCK et al., 2013).

Construímos um laguinho em mutirão, com a ajuda de alguns amigos do dono da casa (figuras 24 e 25), plantamos sementes de hortaliças na horta orgânica (Figura 26), além de inhames e mudas em vários lugares do sítio. Vimos na prática como funciona uma agrofloresta, já que o dono do sítio iniciou o plantio de diversas árvores há alguns anos, portanto elas estavam crescendo e já era possível compreender como funciona a competição entre as espécies em um plantio manejado.

Figura 24 – Processo de bioconstrução de um pequeno lago



Arquivo pessoal de Eridani (2013).

Figura 25 – Lago pronto



Arquivo pessoal de Eridani (2013).

Figura 26 – Plantando na horta orgânica



Arquivo pessoal de Eridani (2013).

Falamos de coisas que naquela época estavam totalmente fora da minha realidade e eu achava que era brincadeira ou lenda, como o poder de cura dos cristais. Dois anos depois lá estava eu concluindo meu segundo curso de Cristaloterapia – um tipo de terapia alternativa que me foi ensinada como consistindo na utilização de diferentes cristais em distintos pontos do corpo humano para trabalhar questões físicas, mentais e espirituais – e percebendo que, estranhamente, os cristais têm um efeito no corpo humano.

Também tivemos algumas palestras sobre *ayurveda*, já que o irmão do dono do sítio estava concluindo seu curso de medicina ayurvédica na Austrália e queria compartilhar um pouco do que havia aprendido até então. A medicina ayurvédica envolve práticas milenares comuns na cultura indiana, vendo o ser humano em sua totalidade, valorizando a saúde física,

mental e espiritual (DEVEZA, 2013). O conceito de espiritualidade, nesse sentido, trata da capacidade humana em se dispersar da realidade material, conectando-se com seu interior (DEVEZA, 2013). Portanto, essa ciência tem uma visão diferente da medicina convencional praticada no Brasil, e aborda diversas práticas que podem ser incluídas na rotina diária para a manutenção da saúde, como alimentação adequada para cada tipo de pessoa, uso de plantas medicinais, práticas de ioga⁴⁸ e meditação (DEVEZA, 2013). Inclusive, também tivemos aula de ioga com um casal amigo da família dos organizadores do evento. Naquela época, achei as informações um tanto quanto novas e complexas, mas minha curiosidade foi despertada e, logo que voltei para Araguari, descobri que uma das principais clínicas de *ayurveda* do Brasil localiza-se na cidade em que nasci e cresci. Três anos depois participei de dois módulos do curso de terapeuta *ayurveda* neste espaço e hoje tenho uma compreensão melhor do que é essa medicina.

Após ocorrer um entrosamento do grupo, além das aulas e trabalhos práticos, aproveitamos o tempo livre para conhecer algumas cachoeiras de Pirenópolis. Fomos para o complexo dos Dragões, onde há oito cachoeiras. No trajeto de ida ao complexo, cruzamos um trecho do rio que estava bem raso, a água mal chegava na calota dos pneus. Chegamos na primeira cachoeira, nadamos, fizemos um piquenique tranquilamente em uma mesinha rústica. Na segunda cachoeira o céu começou a ficar carregado de nuvens e já na terceira cachoeira começou a cair uma chuva que parecia que nunca mais ia acabar. Continuamos andando naquela chuva forte até a sétima cachoeira, nos protegendo em grutas para tentar não molhar tanto, mas ficamos encharcados e com frio. Aquele era o dia da enchente de São José, que eu nunca tinha ouvido falar até então. Depois dessa trilha sob uma chuva intensa era hora de encarar aquela estrada de rocha molhada e escorregadia para voltar para o sítio. Entreguei logo o volante para o meu amigo nativo de lá, pois sabia dirigir naquele lugar em condições nada favoráveis. O rio que na ida era só um fio de água já tinha subido tanto que a água estava correndo de forma que dava a impressão que ficaríamos lá para sempre ou teríamos que deixar o carro. Criamos coragem e entramos com o carro, modelo Celta, no rio e logo a água do rio subiu no vidro. O carro trepidou um pouco, dificultando o controle da direção pelo motorista, mas ao final deu tudo certo. Foi um alívio muito grande quando chegamos do outro lado do rio. Perdi a placa do carro, mas tudo compensou, principalmente a experiência única de ter visto uma tartaruga

⁴⁸ Filosofia indiana que trabalha questões fisiológicas e psicológicas para atingir um estado de perfeição e liberdade (FERREIRA, 1993).

atravessando a estrada devido ao elevado nível do rio. Retiramos ela cuidadosamente do caminho para nenhum carro atropelá-la.

A vivência no Sítio Baru foi para mim um grande aprendizado sobre a terra e o ser humano, surtindo efeitos positivos até hoje em minha vida. Ela me fez mudar minha concepção sobre família, relações humanas, alimentação e me deu forças para persistir no vegetarianismo. Mudou minhas percepções e abriu um leque de questões das quais gostaria de aprender e aprofundar mais, por isso, a partir desta permissão de experiência a mim mesma, diversos caminhos alternativos apareceram e eu percorri a maioria deles. A vivência deu-me de presente algumas amizades que continuaram em minha vida, como uma moça que depois participou comigo de um mutirão de bioconstrução em São Thomé das Letras/MG e um rapaz que depois fez um curso de reconhecimento de plantas alimentícias não convencionais em áreas de florestas.

O que eu achei mais bonito nesta vivência foi a possibilidade de conviver em harmonia com as pessoas, sem competição, sem desconfianças, sem interesses egoístas, simplesmente cooperando uns com os outros, confiando sem esperar nada em troca. O sentido de se trabalhar na terra uns com os outros me fez perceber que a ligação entre as pessoas é o que mais importa e que o sentido de viver em sociedade é celebrar a vida e as relações.

Esta e outras vivências com permacultura me fizeram perceber o quanto eu estava limitada a um mundo que, de certa forma, tinha imposto anteriormente para mim como o certo. Foi um verdadeiro choque de realidade, a partir do qual escolhi para verificar as possibilidades de viver que existem além daquela que aprendi como única, com base no que minha família, escola e universidade me ensinaram. O mundo proposto pelos movimentos de permacultura fazem parte da tendência **crítica**, já que demonstra o pertencimento dos seres humanos à sociedade e à natureza, questionando o sistema vigente disciplinador, repressor, alienador e abarrotado de normas e regras, além do consumismo e materialismo, propondo um modelo de vida alternativo em comunidade, onde o coletivo e o bem comum são priorizados, predominando diálogo, solução pacífica de conflitos, respeito à diversidade bio-sócio-cultural, liberdade e autenticidade individual, dedicação às causas ligadas à justiça social e conquista de uma vida digna para todos (CARVALHO, 1998; CRESPO, 1998; MUNHOZ, 2004).

A corrente da **alfabetização ecológica**, incluída na tendência **conservadora**, também pode ser identificada dentro da lógica de funcionamento da permacultura e das agroflorestas, que buscam aprender com a conjunção sistêmica de princípios morais humanos com o saber dos princípios ecológicos básicos, aprendendo com a natureza para conceber sociedades

sustentáveis com base na forma como os ecossistemas funcionam e mantêm a vida (CAPRA, 1990; LAYRARGUES; LIMA, 2011; MUNHOZ, 2004; FARIA; SILVA, 2012). Portanto, as tendências mais marcantes nessas experiências foram a **crítica** e a **conservadora – corrente da alfabetização ecológica**.

5.4 Vida espiritual – o Festival UOAEI da Justinada em Outubro – FUJO

Após a vivência no sítio Baru voltei para a casa dos meus pais e para a realidade na qual eu me encontrava em 2013: desempregada, sem estudar, passando por diversos desentendimentos familiares, tendo conflitos com relação à alimentação, desequilíbrios na minha saúde, além de uma tristeza profunda e uma sensação de vazio interno. Meu interesse por frequentar palestras sobre espiritualidade, gnose⁴⁹, feira de saúde quântica⁵⁰, bem como assistir palestras *on line* sobre o funcionamento da mente, aprender terapias holísticas, praticar ioga, ter contato frequente com a natureza, meditar, cuidar da minha alimentação, estudar sobre veganismo⁵¹ e alimentação viva, tudo isso a fim de libertar-me de hábitos e ambientes que me afetavam física, mental e espiritualmente, eram necessidades que, naquele momento, traziam novamente sentido para a minha vida e me mantinham mais ocupada em praticar o que aprendi do que preocupada com o futuro e em atender a demandas sociais e familiares, praticamente impostas como padrões a serem seguidos.

Iniciei então minha jornada de participação em festivais e retiros espirituais, eventos organizados de forma a oferecer uma alimentação saudável, contato com a natureza, integração entre as pessoas, conversas profundas sobre questões da alma, meditação, música, ioga, dança, poesia, práticas em grupo sobre os cuidados com a terra e com o outro, jejuns, exercícios para aumentar a intuição e conexão com a Terra e os animais e até mesmo rituais indígenas e xamânicos. De acordo com o dicionário Aurélio, “retiro” significa lugar ou tempo de

⁴⁹ Conhecimento ou sabedoria esotérico, ou seja, cujo ensinamento da verdade é destinado a poucos (FERREIRA, 1993).

⁵⁰ Evento que reúne diversos expositores com técnicas e produtos que podem ser benéficos à saúde e bem-estar, como medicinais naturais, práticas terapêuticas não invasivas, alimentação integral e orgânica, além de oferecer palestras com profissionais que possuem uma visão holística da saúde, valorizando também as questões espirituais, energéticas e ambientais. Para mais informações, acessar <http://www.simposiosaudequantica.com.br/index.php>.

⁵¹ Conduta ética que opta, na medida do possível, por abolir todas as formas de exploração aos animais não-humanos, com o intuito de libertá-los. Assim, pressupõe a exclusão da proteína animal, mel e ingredientes de origem animal na alimentação, além de eliminar o consumo de couro, lã ou produtos testados em animais, como cosméticos, produtos de limpeza e medicamentos, sendo também contra o consumo de animais para qualquer fim (BRÜGGER, 2009).

recolhimento para exercícios espirituais (FERREIRA, 1993). Nesse sentido, retiro, para mim, implica em retirar-me por um tempo do meu ambiente familiar/urbano e afazeres usuais para um ambiente natural onde posso vivenciar integralmente a natureza, a conexão comigo mesma, com as pessoas e outros seres, vivenciando mais profundamente o que eu acredito ser espiritualidade. Na minha opinião, estar em contato com a natureza é uma conexão inexplicável com a minha essência e com algo além do mundo material, que me traz paz e reflexões profundas, portanto, para mim, estar em um ambiente natural ou em um festival é estar em retiro.

Ao contrário do que muitas pessoas acreditam, não necessariamente um retiro precisa ser coordenado por uma instituição religiosa ou um líder espiritual. Os retiros que participei tiveram a capacidade de me mudar para sempre, trazendo reflexões intensas sobre a vida. Diversos foram os compartilhamentos emocionantes que ouvi no final de retiros, com depoimentos únicos de transformações internas profundas. As memórias de retiros e festivais que fui continuam intensamente vívidas em minhas lembranças e vibrando dentro de mim. Cada experiência mexeu em diferentes intensidades com várias questões internas, paradigmas, preconceitos e crenças, além de levantar diversos questionamentos culturais, políticos, econômicos, sociais, profissionais, comportamentais e espirituais.

Um dos retiros que acredito ter sido uma das experiências mais impactantes para mim foi o Festival UOAEI da Justinada em Outubro (FUJO), que ocorreu em outubro/2013. Tal festival ocorre há alguns anos e, conforme o nome sugere, sempre mês de outubro em um sítio chamado UOAEI – Unidade Onto-Agrícola Eco-Integral, localizado no município de São Miguel Arcanjo/SP, em um bairro rural chamado Justinada. O sítio trabalha com agricultura biodinâmica, um tipo de agricultura que utiliza princípios da Antroposofia, um conhecimento da natureza do ser humano e do universo, aliando ciência e fé, idealizado por Rudolf Steiner, um filósofo, educador e artista.

Cheguei no município de São Miguel Arcanjo sem saber que era feriado, portanto não haveria ônibus para o bairro da Justinada. Após algumas horas no ponto de ônibus, consegui uma carona e cheguei no FUJO um pouco após o pôr do Sol. Fui recepcionada por uma moça que dizia se chamar Ecoporanga, e que estava morando temporariamente no sítio e trabalhando como voluntária. Como eram os primeiros dias do festival, poucas pessoas haviam chegado, então eu pude me acomodar dentro de um dos quartos da casa em vez de acampar. Fui informada de que nos próximos dias o Abaeté (proprietário do sítio e idealizador do FUJO) ofereceria um curso de introdução à agricultura biodinâmica e perguntaram se eu gostaria de

participar. Confirmei meu interesse e nos dias seguintes eu seria apresentada ao universo da agricultura biodinâmica.

Além da Ecoporanga, havia um casal de austríacos que estudavam a tal da Antroposofia (que eu não tinha a menor ideia do que era, e, na verdade, acho que até hoje não entendi direito) e haviam acabado de chegar no sítio para trabalhar como voluntários, uma voluntária da argentina que trabalhava com artes e mais três jovens rapazes que moravam no sítio e auxiliavam em todas as atividades (cuidados com a casa, com os animais, com as plantas, entre outros).

O sítio possui uma decoração peculiar: algumas ossadas de bovinos penduradas em uma árvore, estrelas feitas com bambus e muitos artesanatos, cristais, filtros dos sonhos⁵² e quadros pendurados pela casa, luminárias japonesas, além de diversas pinturas e frases escritas na parede, como “Aqui e agora” e “Todo ser vivo adora carinho” (figuras 27 e 28). Há também uma represa cuja Área de Preservação Permanente (APP)⁵³ de um lado é Mata Atlântica (Figura 29), além, é claro, de hortas onde são plantadas verduras biodinâmicas, região de pastagem para bois, vacas e cavalos, alguns pés de eucalipto e árvores frutíferas. Existem trilhas para adentrar a área de floresta sendo que uma das trilhas leva a uma árvore bem grande, a qual possuía uma escada que levava à sua copa, de onde era possível observar toda a paisagem do entorno. O ambiente despertava a alegria das crianças, que corriam alegres e nadavam na represa junto com os adultos.

⁵² Objeto que pode ser feito manualmente, entrelaçando fios a partir de um arco, até formar uma estrutura semelhante a uma teia de aranha ou mandala. Atualmente é muito comum como peça de decoração, no entanto, povos nativos norte-americanos utilizavam-no como amuleto para protegê-los de energias ruins (AMARAL, 2012).

⁵³ Para maiores esclarecimentos, acessar a Lei nº 12.651/2012 (BRASIL, 2012).

Figura 27 – Casa principal do sítio UOAEI



Fonte: autoria própria.

Figura 28 – Decoração do sítio



Fonte: autoria própria.

Figura 29 – Represa e APP



Fonte: autoria própria.

Diversas atividades foram propostas e oferecidas de acordo com o talento e disposição de cada um. Um colombiano que fazia colares, pulseiras e tornozeleiras ofereceu uma oficina de macramê⁵⁴, oferecendo suas linhas, tempo e paciência para que todos os interessados aprendessem sua arte. Uma dançarina ofereceu uma oficina de dança, uma atriz ofereceu uma oficina de teatro, outros ofereciam alongamentos, palestras e aula de ioga. Um poeta recitava suas poesias em qualquer oportunidade em que o silêncio se manifestava e os músicos não desperdiçavam qualquer oportunidade de tocar seus instrumentos musicais e cantarem. Em

⁵⁴ Arte que consiste em entrelaçar fios, os quais podem ser de diversos materiais, para fazer diferentes tipos de peças artesanais, como pulseiras, brincos, colares, suporte para vasos e artigos decorativos.

meio a tantos artistas, a arte e a música estavam presentes o tempo todo. Outra atividade proposta foi a montagem de um mosaico com pedaços de louças quebradas (Figura 30). Fiquei muito feliz em saber que esses materiais podem ser utilizados para fazer trabalhos tão bonitos e adorei resgatar uma parte de mim que apresenta o gosto pela arte com resíduos.

Figura 30 – Mosaico com louças quebradas



Fonte: autoria própria.

Apesar de haver um cronograma de atividades, era tudo muito livre, sem pressão ou sensação de hierarquia. Os que se sentiam interessados e à vontade para ajudar a fazer alguma coisa, simplesmente iam e faziam. Ajudava a fazer comida, lavar a louça ou limpar a casa quem quisesse. As refeições eram momentos em que os moradores da casa tentavam passar uma impressão de comunidade e tentavam fazer com que o egoísmo não estivesse presente. Se haviam quatro panelas cheias de comida, cada voluntário ficava responsável por colocar uma colher de cada alimento nos pratos que iam rodando enquanto cantavam “Escravos de Jó”⁵⁵, ou seja, em vez de cada pessoa colocar comida no seu próprio prato, o prato era montado em grupo e cada pessoa recebia um prato contendo as mesmas coisas, portanto era um momento cômico em que o resultado do prato seria uma surpresa.

Quando o tempo colaborava, eram feitas fogueiras à noite (Figura 31), na frente da casa, onde ficávamos reunidos cantando, conversando, ouvindo poesias ou simplesmente em silêncio observando o fogo. Em uma dessas noites, o Abaeté, eu e outra moça ficamos cantando na

⁵⁵ Escravos de Jó trata-se de uma brincadeira em grupo, em que as pessoas recebem e passam um objeto seguindo o ritmo de uma música associada a tal brincadeira (SILVA et al., 2009).

frente da fogueira até o Sol nascer, quando um sabiá bateu em algum objeto e se machucou. A moça que estava conosco o pegou e colocou em seu cobertor, acariciando-o por minutos, até adormecer. Logo depois, uma das mulheres nos acordou para dormirmos dignamente dentro da casa.

Figura 31 – Fogueira



Fonte: autoria própria.

Os nomes “Ecoporanga” e “Abaeté” são nomes indígenas, com os quais o Abaeté gosta de batizar os visitantes do sítio. Ele reserva um momento para fazer esse batismo com cada visitante e, em uma conexão intuitiva, ele abre aleatoriamente uma página de um livro de nomes indígenas e lê para a pessoa. Curiosamente, diversos nomes coincidem com a personalidade das pessoas. Fui batizada de Jurema, uma planta com propriedades psicoativas considerada sagrada e utilizada por alguns povos indígenas para entrar em transe.

Algumas coisas aconteceram nessa vivência as quais eu poderia chamar de magia, por exemplo, uma noite em que fomos todos ver a Lua cheia. No entanto, o céu estava nublado, portanto as nuvens estavam tampando a Lua. Eis que alguém solicitou que nos uníssemos para mentalizar e pedir que as nuvens saíssem da frente da Lua para a vermos, e, subitamente, a Lua apareceu. Coincidência ou não, foi algo bonito de se presenciar.

No curso de agricultura biodinâmica tivemos aula em sala, onde inclusive fizemos desenhos para demonstrar nossa compreensão sobre o que foi compartilhado. Para Rudolf Steiner, o criador desta agricultura, existe uma relação espiritual do ser humano com o solo, as plantas, os animais e outros seres humanos (SIXEL, 2003), além de uma influência cósmica atuando sobre todos. Não só a Lua e o Sol afetam o desenvolvimento das plantas, como também as constelações (ARRUDA; SOUZA, 2014). A fertilidade do solo e conseqüentemente das plantas, animais e seres humanos, possui um significado diferente ao que a agricultura convencional atribui, garantindo a vida e não simplesmente a oferta de nutrientes. Assim, insumos agrícolas como agrotóxicos e fertilizantes químicos jamais são utilizados, apenas os preparados biodinâmicos, que são considerados homeopatas (SIXEL, 2003). Para fazê-los, uma mistura de cristais, esterco de vaca e plantas medicinais é colocada dentro de um chifre de vaca, que é enterrado em determinada época do ano, onde ficará um tempo até poder ser desenterrado e misturado em água para aplicação nas plantas (SIXEL, 2003). Acompanhei o processo prático final, em que o preparado biodinâmico é misturado com água em um grande barril e mexido enquanto as pessoas cantam, oram, dançam e tocam diferentes instrumentos musicais (Figura 32). Depois, alguns baldes são encheidos com essa mistura, que é aplicada no solo e nas plantas pelas pessoas, em um horário específico, com o auxílio de ramos de palmeiras.

Figura 32 – Processo de dinamização do preparado biodinâmico.



Fonte: autoria própria.

No último dia do FUJO fomos visitar o Parque do Zizo (Figura 33), localizado a poucos quilômetros de distância do sítio UOAEI. Zizo era o apelido de Luiz Fogaça Balboni, um militante que foi morto na ditadura militar. Após a Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos comprovar seu assassinato pelo Estado, a família recebeu uma indenização do governo federal, com a qual comprou uma área de Mata Atlântica preservada, a qual foi batizada de Parque do Zizo. A iniciativa da família em utilizar o dinheiro para conservar uma área de Mata Atlântica me impactou de forma positiva, trazendo-me admiração.

O parque possui uma grande área e, ao adentrá-lo, todos ficam impressionados com a imponência da floresta, a rica biodiversidade e a sensação de intocabilidade. A expressão facial dos amigos que visitavam o parque revelava o impacto da natureza sobre eles, deixando-os mais centrados, reflexivos e sensibilizados. Após alguns quilômetros de trilha, chegamos a uma das cachoeiras, onde muitos se sentiram à vontade para despir-se completamente e entrarem nus na água. Confesso que fiquei surpresa com tamanho desapego e preferi continuar com meu biquíni, afinal eu ainda não tinha me desconstruído tanto a ponto de achar isso natural e deixar minha vergonha de lado.

Figura 33 – Parque do Zizo



Fonte: autoria própria.

Após esse evento, voltei para casa com novos amigos e minha mente confusa com mais um choque de realidade. Eu me conectei com pessoas que nunca tinha visto antes, mas que pareciam ser minhas irmãs e irmãos. Foram dias de vivências viscerais. Várias informações

compartilhadas no curso de introdução à agricultura biodinâmica e no decorrer desses dias ainda eram de difícil compreensão e assimilação para mim, que era muito mais racional e cética e tentava ter uma visão mais científica de coisas que, muitas vezes, são simplesmente intuitivas e espirituais.

Tal visão espiritual que valoriza intuição, imaginação e poesia está presente em diversas culturas indígenas e ancestrais, que veem a Terra como uma deusa perfeita, provedora e generosa, chamada também de Gaia, Mãe ou Pacha Mama, um organismo vivo do qual somos parte, que dá sentido à nossa existência e onde tudo se interconecta ao longo do tempo e espaço (KRENAK, 2019). Diversos povos e culturas conseguem ter uma “capacidade imaginativa e de existência” que dá sentido a objetos, lugares, seres ou recursos naturais que a civilização tecnicista não consegue dar e perceber, como o espírito da floresta, o espírito da montanha e o espírito do rio, conectando-se e comungando com a terra como algo essencial à vida (KRENAK, 2019). Krenak (2019) acredita que a ideia de “humanidade” construída como algo homogêneo e separado da Terra faz com que as pessoas não se sintam parte e se alienem deste organismo.

O reconhecimento da existência de uma consciência espiritual que vê o espírito humano conectado ao cosmo é a ecologia profunda, que é uma das bases da **alfabetização ecológica** (CAPRA, 1990). Assim, a consciência mencionada anteriormente, a princípio, pode não refletir em mudanças políticas imediatas, podendo ser enquadrada na tendência **conservadora**. No entanto, igrejas e religiões são, historicamente, ferramentas de dominação, influenciando na política e vice-versa (PEREIRA, 2008) e, da mesma forma, uma nova consciência espiritual desvinculada de tais estratégias de poder, que traz questionamentos éticos e vê as relações entre humanos, não humanos e Terra de uma forma holística, ao meu ver, tem o potencial de trazer questionamentos morais e, conseqüentemente, mudanças políticas, educacionais e sociais profundas, podendo, inclusive, ameaçar os interesses econômicos e políticos vigentes.

Por fim, a vivência no sítio UOAEI pode se enquadrar tanto na tendência **conservadora**, devido à experiência com ecoturismo vivenciada no Parque do Zizo e ao foco na minha transformação interna, já que trata-se de um cuidado com o próprio interior que, para Layrargues e Lima (2011), não reflete em mudanças políticas em grande escala, quanto na tendência **crítica**, já que durante todos os dias do FUJO a liberdade e a autenticidade individual foram respeitadas, havia senso de comunidade, estímulo à cooperação e à mudança de valores, além de questionamentos ao modelo social vigente e busca por uma transformação social.

5.5 Vida de “artista”⁵⁶ – a arte como forma de protesto

Antes de prestar vestibular pela primeira vez eu era uma artista genuína. Desenhava e escrevia poesias com muita facilidade, cantava, tocava piano e adorava escrever. Minhas disciplinas favoritas no ensino médio eram Redação e Sociologia, já que assuntos polêmicos me interessavam. Aos 16 anos, minha amiga e eu escrevemos um livro ilustrado que criticava o sistema capitalista e o consumismo. Toda essa criatividade foi deixada de lado quando ingressei no curso de graduação em Engenharia Ambiental, afinal era um curso de exatas e não de humanas e o meu foco era estudar e cumprir os conteúdos curriculares, os quais exigiam que eu fosse sempre muito racional. Portanto não havia estímulos para ser criativa e, após cinco anos, saí da universidade com minha criatividade enclausurada e muito alienada sobre diversos assuntos geopolíticos.

Vivências como o FUJO me fizeram ir retomando aos poucos essas habilidades, no entanto, apenas no ano 2018, quase no final da minha graduação em Ciências Biológicas, eu percebi que era insustentável viver minha vida sem desenvolver meus dons, então voltei a escrever poesias e comecei a divulgá-las nas redes sociais, juntamente com desenhos que ilustravam o que eu escrevia. Uma das influências que me incentivou a voltar a escrever foi a professora do componente curricular Ciências e Mídias, que solicitou, em diversas aulas, que os estudantes escrevessem textos reflexivos ou utilizassem textos escritos anteriormente por eles, para, caso desejassem, lerem durante a aula. Além disso, comecei a fazer aulas de canto e voltei para as aulas de violão.

Em 2019 fui morar na fazenda do meu pai, em Araguari/MG, onde o silêncio e o contato com a natureza me inspiravam a compor músicas. Inicialmente, a escrita era um exercício de autoconhecimento, mas depois, o que despertou toda essa criatividade, infelizmente, foi o contexto político e ambiental do Brasil, com o qual eu estava e ainda estou insatisfeita, desanimada, descrente e triste. Eu precisava colocar a minha revolta para fora e encontrei na música, na poesia e no desenho uma forma de me expressar (Apêndice 1).

Por 2018 ter sido um ano eleitoral, eu passei por muitas descobertas e redescobertas, tanto sobre as pessoas que me cercam e a sociedade, quanto sobre mim. Foram muitos aprendizados a partir de discussões que me trouxeram a necessidade de aprimorar minha capacidade de comunicação e conhecer diversos assuntos com mais profundidade. Diversas

⁵⁶ Termo atribuído à mistura da arte, política e ativismo. Para mais informações, acessar Boas (2015).

dúvidas foram levantadas e eu resgatei o meu gosto por Sociologia. Diante de tantas *fake news*⁵⁷ e posicionamentos agressivos por parte de fanáticos desequilibrados que, eventualmente, resolveram me atacar nas redes sociais, comecei a questionar todos os lados: direita, esquerda, centro, comunistas, capitalistas, anarquistas, familiares, amigos, professores, mídias e, é claro, a mim mesma. Quem estava certo? Aliás, alguém estava certo?

Diante do que eu queria como ser coletivo dentro de uma sociedade, eu me perguntava se em algum tempo ou lugar, desde que a humanidade existe, algum projeto político colocado em prática foi realmente bom para todos. Qual nação tem hoje uma população feliz, saudável, educada, autêntica, satisfeita, próspera, sustentável, ética, igualitária, culta, criativa, cooperativa, justa, livre, respeitosa e autônoma? Desconheço. O que via e continuo vendo é um caos social, ambiental, cultural, mental e espiritual.

Por mais desgastante que tenha sido, toda essa movimentação política foi ótima para ativar minha curiosidade e meu senso crítico cada vez mais. A imagem da universidade pública como espaço de resistência política foi recuperada quando comecei a frequentar palestras na UFU com temas políticos e educacionais, além de eventos sobre a cultura indígena organizados pelo Museu do Índio. Ademais, passei a assistir vídeos de filósofos e cientistas políticos, acompanhar notícias de diferentes mídias, fazer pesquisas mais aprofundadas para reelaborar minhas opiniões, meus posicionamentos e definir que tipo de sociedade eu considero ideal e que tipo de vida eu quero para mim.

Apesar de estar matriculada na modalidade Bacharel, e não Licenciatura, optei por cursar os componentes curriculares de conhecimento educacional, sendo que, especialmente, os componentes “Política e Gestão da Educação” e “Educação e Sociedade” foram fundamentais para a minha compreensão sobre a influência do sistema político na educação, além de terem contribuído para aprimorar minha noção sobre deveres e direitos dos cidadãos, desenvolver uma noção mais clara dos problemas políticos atuais, com base na história e cultura, colaborando para melhorar meu senso crítico.

A minha inspiração e vontade de escrever músicas e poesias me obrigou a estudar diferentes conteúdos e rever alguns assuntos estudados na graduação em Ciências Biológicas e em Engenharia Ambiental, já que algumas composições falam de impactos ambientais, projetos de lei relacionados à política ambiental brasileira, veganismo, fazendo críticas ao sistema, ao agronegócio, a hábitos de consumo, dogmas, machismo e outros preconceitos. Fiz diferentes

⁵⁷ Notícias sem compromisso com a verdade que passaram a ser divulgadas em redes sociais, muitas vezes de forma criminosa, motivadas por rixas políticas para denegrir a imagem de candidatos (OEIRAS et al., 2018).

estudos sobre feminismo, homofobia, racismo, direitos humanos, desigualdades sociais, violência, até me dar conta que todas essas questões são ambientais e que eu estava muito longe de realmente saber como praticar a EA no meu dia a dia.

Apesar de Layrargues e Lima (2011) criticarem o foco da EA em ações individualistas, eu continuo acreditando que nossas ações cotidianas farão o mercado, o sistema e o governo (ou a falta de governo, para os anarquistas⁵⁸) mudarem. Se uma das forças que sustenta esse sistema é o consumo, uma das soluções para os problemas ambientais, ao meu ver, é a reflexão que leva ao boicote. Assim, muitas ações que eu tomava nos últimos anos eram políticas, mas eu nem percebia, como, por exemplo, a opção por não me alimentar de animais mortos e produtos transgênicos, não consumir produtos da moda, muito menos de empresas denunciadas por explorar trabalho escravo. Ao meu ver, veganismo é política, estudar sobre PANCs e aprender a cultivar o próprio alimento é política, boicote é política e a arte também pode ser uma ótima ferramenta política, principalmente quando se vive dentro de uma sociedade que parece estar alheia e passiva a diversos abusos acontecendo diariamente, em que percebo muitos oprimidos considerarem protestos e manifestações públicas coisa de pessoas desocupadas.

Unindo a arte com o veganismo eu percebi que minha influência para melhorar o mundo seria através da música e do meu exemplo cotidiano. Em janeiro de 2019, quando fiz um curso de circo durante 15 dias com jovens de 15 a 30 anos, eu não imaginava que me tornaria exemplo para aqueles jovens por ser vegana e conseguir fazer todas as atividades das aulas de circo normalmente. Como as refeições eram feitas diariamente no refeitório, todos souberam que eu era vegana e, em uma das apresentações em público, cantei um *rap* que compus sobre veganismo (Apêndice 2), o qual tocou alguns desses jovens muito além do que eu poderia imaginar. No final do curso, recebi uma carta de uma das meninas, agradecendo por eu ser vegana e me preocupar com o planeta.

Após participar de uma manifestação em Uberlândia/MG contra o corte de verbas na educação⁵⁹ e ver vários manifestantes soltando balões no céu, fiz uma música criticando o ocorrido, dizendo que o protesto pela educação se esqueceu da Educação Ambiental (Apêndice 2). Dois dias antes da outra manifestação que iria ocorrer, divulguei a música para tentar evitar que soltassem balões novamente. Minha amiga que leciona Sociologia colocou a música para

⁵⁸ Anarquistas acreditam em um modelo de sociedade sem governo, submissão ou obediência a autoridades, prezando pela liberdade de grupos capazes de firmar acordos para satisfazer necessidades de seres civilizados (GRAEBER, 2011).

⁵⁹ No primeiro semestre de 2019, o MEC anunciou o bloqueio de verbas para universidades e institutos federais, fazendo com que atos contra tais cortes fossem organizados em mais de 200 cidades brasileiras (PROTESTOS..., 2019).

seus alunos ouvirem e eles ficaram sensibilizados com seu conteúdo. Também postei poesias sobre geração de lixo, veganismo, desmatamento e diferentes formas de dominação, contaminação e opressão no meu *Instagram* e *Facebook*, que geraram comentários positivos, com agradecimentos e incentivos a continuar.

Devido à forma como as pessoas têm recebido as minhas poesias e músicas, hoje sei que uma das minhas atuações políticas como educadora ambiental é e será através da minha arte, e vejo que todo o caminho que percorri serviu de base para o que estou fazendo agora e que acredito ser importante para fazer uma diferença positiva. Todos os estudos e as vivências que fiz permitiram que hoje a tendência **crítica** estivesse mais predominante nesta fase da minha vida.

É desafiador, tendo toda uma história de formação escolar e universitária, familiar e cultural, desconstruir noções impostas pelas instituições e pelo sistema e reconhecer-me como ser política inserida dentro de uma sociedade com diversas exclusões, as quais ignorei durante anos. Ser uma pessoa de Exatas, Humanas e Biológicas ao mesmo tempo e ter uma visão de mundo crítica e ampla é uma tarefa trabalhosa e, pelo menos para mim, demorada, já que, com base na experiência que eu tive, o sistema educacional, historicamente, programa nossa mente para funcionar de forma fragmentada e focar nossas ações e estudos para sermos especialistas em poucas coisas, tornando-nos ignorantes em muitos assuntos. Assim, acredito que, quando o objetivo da formação é atender o mercado de trabalho e continuar reproduzindo a mesma lógica de produção e desenvolvimento, não há espaço para questionar as injustiças sociais e os problemas ambientais, aprende-se superficialmente sobre deveres e direitos individuais e coletivos e, quase não há estímulos para aprender a reivindicá-los. Muito menos se aprende a levantar questionamentos sobre as próprias opressões que sofremos, já que muitos de nós nos acostumamos com elas, aprendemos a nos conformar ou considerá-las normais. Assim, o sistema educacional brasileiro tem formado pessoas passivas e conformadas, que não veem o respeito ao próximo como prioridade, já que, neste sistema, a competição é mais importante do que a cooperação (ALVIM; MENIN, 2011).

Acredito que essa fragmentação do conhecimento e a forma como a educação é trabalhada no Brasil tenha sido um dos motivos que me fez demorar tantos anos para conseguir ter uma noção mais ampla e crítica da realidade e da EA.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversas tendências de EA influenciaram no meu processo de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, como pode ser visto na tabela a seguir:

Quadro 1 - Experiências autobiográficas resumidas e tendências de EA marcantes

	Experiências	Resumo das experiências	Tendências da EA marcantes
1	Graduação em Engenharia Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> • Formação técnico-científica focada em temas técnicos e naturais, com pouca discussão sobre questões socioculturais; • Pouco espaço para discussões políticas; • Compreensão sistêmica dos processos produtivos e seus impactos ambientais; • Ambiente competitivo; • Visão analítica e crítica da paisagem; • Foco no uso racional dos recursos naturais; • EA como disciplina optativa; • Crença na EA como oficinas; • Descrença no potencial da EA e desânimo em relação a atitudes de pessoas que tinham acesso à informação, mas não praticavam o que sabiam; • Foco na redução da pegada ecológica e em ações individuais, como coleta seletiva, economia de energia e água, uso de transporte público e bicicleta, uso de sacolas retornáveis e consumo consciente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conservadora - Conservacionista • Pragmática
2	Trabalho voluntário no Parque Estadual da Serra do Mar – Núcleo Picinguaba	<ul style="list-style-type: none"> • Contato com a natureza; • Contato com populações tradicionais; • Atendimento ao público, alertando para não jogar lixo, não fazer churrasco e não sentar na vegetação em recuperação; • Atendimento ao público informando sobre a ecologia, história e área do parque; • Montagem de mural sobre o perigo do lixo no mar; • Dinâmicas de EA com crianças; • Análise e crítica da legislação ambiental e gestão ambiental pública que influencia no parque; • Sensação de integração com o ambiente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conservadora - Conservacionista

Experiências		Resumo das experiências	Tendências da EA marcantes
3	Vivência com Permacultura no Sítio Baru	<ul style="list-style-type: none"> • Busca por uma vida alternativa; • Princípios de permacultura, agrofloresta, que buscam observar a natureza e aprender com ela; • Mutirões de bioconstrução e plantio; • Alimentação vegetariana e crua; • Integração entre pessoas, cooperação, gentileza, acolhimento, confiança e cuidado; • Mudança de paradigmas sobre família, relações humanas, saúde e formas de interagir com o meio ambiente e utilizar os recursos ambientais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conservadora - Alfabetização ecológica • Crítica
4	Festival FUJO	<ul style="list-style-type: none"> • Foco na transformação interna • Práticas espirituais, como meditação e ioga; • Música, poesia, dança e artes manuais; • Alimentação saudável e biodinâmica; • Contato mais profundo com a natureza; • Princípios da agricultura biodinâmica, que crê em uma relação espiritual e cósmica dos seres humanos com solo, plantas, animais e outros seres humanos • Estímulo à intuição e imaginação; • Respeito e estímulo à autenticidade e liberdade individual; • Senso de comunidade, estímulo à cooperação voluntária sem hierarquias. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conservadora – Alfabetização ecológica • Crítica
5	Escrita de músicas e poesias autorais	<ul style="list-style-type: none"> • Visão crítica da realidade; • Uso da arte para sensibilização e protesto; • Autocrítica e autoconhecimento; • Questionamentos mais profundos sobre educação, sistemas econômicos e políticos, estados, igrejas, comportamento humano e diferentes formas e fontes de opressão; • Estudos, pesquisas, participação em eventos com temáticas sociológicas, históricas, filosóficas e antropológicas; • Veganismo e boicote ao consumismo; • Noção mais clara de questões sociais e culturais como parte do meio ambiente e compreensão de que a EA deve incluir questões como machismo, racismo, homofobia, violência e desigualdade social em suas práticas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Crítica

Hoje, após estudar para desenvolver este trabalho, consigo ter uma compreensão melhor sobre o que é EA e percebo que, muitas vezes, ela é abordada dentro de diferentes ambientes e contextos de forma acrítica, focando em ações pontuais, técnicas e naturais que fazem uma diferença mínima e não induzem à reflexão, ignorando questões socioculturais. Lembro-me de conversar com uma amiga que se formou comigo na Engenharia Ambiental sobre o tema deste trabalho e ela não sabia que existiam tantas tendências de EA, acreditando que a EA se resume a oficinas. Portanto, a própria formação em Engenharia Ambiental não nos oferece uma base do que é a EA e do potencial transformador dela. Assim, acredito que o componente curricular Educação Ambiental deveria ter sido obrigatório no curso de Engenharia Ambiental e, talvez, seria interessante que fosse oferecida nos últimos semestres do curso, quando já temos uma noção melhor sobre diversas questões ambientais.

Há alguns anos eu achava que, para ser educadora ambiental, bastava eu saber Ecologia, conhecer os diferentes impactos ambientais e as diferentes formas de reduzi-los. Hoje percebo que a EA é um processo constante e político. Para mim, educadores ambientais devem ser exemplos vivos, multifacetados e multidisciplinares, que praticam aquilo que pregam e têm coragem para tratar de questões que muitos têm medo de abordar. A mente de um educador ambiental precisa estar sempre aberta e ir muito além do senso comum. Eles devem ter a capacidade de se desconstruírem e reconstruírem. Em suas práticas, devem abordar não só questões como poluição, contaminação, exploração de recursos naturais, mas também questões sociais e políticas, estimulando sempre a liberdade de pensamento, criticidade, criatividade, autonomia, além do respeito e conexão constante e profundos com outras pessoas, com a natureza e com qualquer forma de vida. Falar de responsabilidade, autorresponsabilidade, estimular a autenticidade, pertencimento e, talvez, falar sobre propósito de vida, já que, ao meu ver, diversos desequilíbrios ambientais acontecem porque as pessoas vivem perdidas, sem um propósito, sem desenvolver seus dons e habilidades e sem se sentir parte do todo. E, na minha opinião, o contato com a natureza é imprescindível para a prática da EA, porque o ambiente artificial não consegue me sensibilizar a ponto de fazer-me sentir conexão com a minha essência e com algo que vai além do que a mente humana limitada consegue compreender.

Acredito que as cinco experiências escolhidas para o desenvolvimento deste estudo, que contribuíram no meu processo educativo e de autoconhecimento, tenham sido devidamente descritas, analisadas e refletidas, cumprindo o objetivo de identificar as tendências marcantes de EA presentes na minha trajetória e compreender como elas contribuíram na construção do meu olhar sobre meio ambiente e EA. O processo de escrita deste trabalho contribuiu para o

meu autoconhecimento, trazendo reflexões e clareza para diversas questões. Percebo-me hoje como sujeito ecológico em formação, o qual acredita que o caminho formativo e de autoconhecimento que leva a constantes aprendizados e mudanças, provavelmente, nunca terá fim, sendo permanente e constante.

Por fim, minhas perspectivas para o futuro consistem em continuar minha formação de educadora ambiental, seja diretamente no ambiente escolar, através de uma formação em Pedagogia Waldorf, uma metodologia de ensino idealizada por Rudolf Steiner visando formar para a liberdade a partir de uma visão holística do ser humano, com foco no desenvolvimento físico, bio-psicoemocional e espiritual (SILVA, 2015), a qual iniciarei em 2020; seja prosseguindo na vida de “artista”, levando música e poesia não só para as redes sociais, mas também para ambientes mais populares que alcancem pessoas de diferentes idades e classes sociais.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativa e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, Pelotas, v. 7, n. 14, p.79-95, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223>. Acesso em 19 nov. 2019.
- ALBERICI, R. M.; PONTES, F. F. F. Reciclagem de óleo comestível usado através da fabricação de sabão. **Engenharia Ambiental**, Espírito Santo do Pinhal, v. 1, n. 1, p.73-76, jan./jul. 2006.
- ALVIM, J. L.; MENIN, M. S. de S. **A escola contemporânea: orientação para a profissão ou para a competição?** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0603.pdf>. Acesso em 13 nov. 2019.
- AMARAL, V. S. **O filtro dos sonhos no Templo das Águas: uma vivência de transcendência.** Monografia (Formação Docente em Biodanza) – Escola de Biodanza Rolando Toro de Pelotas, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.pensamentobiocentrico.com.br/content/bv/2014/virginia.pdf>. Acesso em 16 dez. 2019.
- ANDRADE, L. *et al.* **Oficinas ecológicas: uma proposta de mudanças.** 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- ARGUEDAS, A. G. Território e identidade quilombola: uma reflexão sobre a emergência de novos sujeitos sociais e políticos no Brasil. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS*, 7.2014, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: CBG, 2014. Disponível em: http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404564825_ARQUIVO_Territorioeidentidadequilombola,CBG.pdf. Acesso em 16 dez. 2019.
- ARRUDA, M. C.; SOUZA, D. C. A influência da Lua na agricultura: utilização e criação do calendário lunar no ensino técnico em agropecuária. *In: MOSTRA NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLOGIA INTERDISCIPLINAR*, 2014, Videira. **Anais [...]**. Videira: [s.n.], 2014. Disponível em: <http://eventos.ifc.edu.br/micti/wp-content/uploads/sites/5/2014/08/A-INFLUENCIA-DA-LUA-NA-AGRICULTURA-UTILIZACAO-E-CRIACAO-DO-CALENDARIO-LUNAR-NO-ENSINO-TECNICO-EM-AGROPECUARIA..pdf>. Acesso em 13 nov. 2019.
- BAHIA, N. P. Metaforizando as narrativas de si: uma arte em prosa. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 2, n. 4, p. 177-191, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/3611>. Acesso em 12 dez. 2019.
- BALBUENA, M. S. et al. Effects of sub-lethal doses of glyphosate on honeybee navigation. **Journal of Experimental Biology**, [s.l.], v. 218, p. 2799-2805, 2015.

Disponível em: <https://jeb.biologists.org/content/jexbio/218/17/2799.full.pdf>. Acesso em 14 dez. 2019.

BOAS, A. G. V. **Artivismo: Arte + Política + Ativismo: Sistemas híbridos em ação**. Dissertação (Pós-graduação em Artes) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/128178/000849699.pdf?sequence=1>. Acesso em 16 dez. 2019.

BONZI, R. S. Meio século de primavera silenciosa: um livro que mudou o mundo. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [s.l.], n. 28, p. 207-215, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/31007>. Acesso em 19 nov. 2019.

BONOMO, E. (coord). **Agroecologia: Centro colaborador em alimentação e nutrição do escolar – CECANE/UFOP**. Ouro Preto: FNDE/UFOP, 2012.

BORSOI, A. et al. Agrotóxicos: histórico, atualidades e meio ambiente. **Acta Iguazu**, Cascavel, v. 3, n. 1, p. 86-100, 2014. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/actaiguazu/article/view/9650/7083>. Acesso em 19 nov. 2019.

BOZZANO, E. **Animali e Manifestazioni Metapsichi**. Roma: Tipografia Dante, 1941. Disponível em: <http://www.autoresespiritasclassicos.com/Autores%20Espiritas%20Classicos%20%20Diversos/Ernesto%20Bozzano/14/Ernesto%20Bozzano%20-%20A%20Alma%20nos%20Animais.pdf>. Acesso em 11 dez. 2019.

BRASIL [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 01 ago. 2019.

BRASIL. **Decreto-lei nº 289, de 28 de fevereiro de 1967**. Cria o Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1967. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0289.htm. Acesso em 30 jun. 2018.

BRASIL. **Lei 12.305, de 02 de agosto de 2010**. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm. Acesso em 15 dez. 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001**. Estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110257.htm. Acesso em 12 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.295, de 17 de outubro de 2001.** Dispõe sobre a Política Nacional de Conservação e Uso Racional de Energia e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10295.htm. Acesso em 12 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964.** Dispõe sobre o Estatuto da Terra e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1964. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4504.htm. Acesso em 30 jun. 2018.

BRASIL. **Lei nº 4771, de 15 de setembro de 1965.** Institui o novo Código Florestal. Brasília, DF: Presidência da República, 1965. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4771.htm. Acesso em: 11 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981.** Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente. Brasília, DF: Presidência da República, 1981. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6938.htm. Acesso em 30 jun. 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 01 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.433, de 8 de janeiro de 1997.** Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos. Brasília, DF: Presidência da República, 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19433.htm. Acesso em 12 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998.** Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm. Acesso em 01 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm. Acesso em 01 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000.** Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm. Acesso em 12 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 11.428, de 22 de dezembro de 2006.** Dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11428.htm. Acesso em 16 dez. 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012**. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12651.htm. Acesso em 16 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp002_12.pdf. Acesso em 01 ago. 2019.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Carta da Terra**. 2000. Disponível em: https://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/folder_carta_da_terra.pdf. Acesso em 19 nov. 2019.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Educação ambiental: por um Brasil sustentável – PRONEA**, marcos legais e normativos. 5. ed. Brasília: MMA, 2018.

BRÜGGER, P. **Educação ou adestramento ambiental?** Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas, 1994. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/4007169/educacao-ou-adestramento-ambiental-paula-brugger>. Acesso em 02 ago. 2019.

BRÜGGER, P. Nós e os outros animais: especismo, veganismo e educação ambiental. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 15, n. 29, p. 197-214, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193514388002>. Acesso em 19 nov. 2019.

CANCER SOCIETY OF NEW ZEALAND. **Plastic and cancer risk**. 2012. Disponível em: <https://cancernz.org.nz/assets/Nutrition-and-physical-activity/Information-sheets/1146-CSNAT-IS-plastics-and-cancer-risk-07112012.pdf>. Acesso em 13 dez. 2019.

CAPRA, F. **Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990. Disponível em: <http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Ambiental/ALFABETIZA%C3%87%C3%83O%20ECOL%C3%93GICA.pdf>. Acesso em 18 set. 2019.

CARNEIRO, F. F. *et al.* **Dossiê ABRASCO: Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2015. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/26221>. Acesso em 14 dez. 2019.

CARTA de belgrado: uma estrutura global para a educação ambiental. Belgrado, 1975. Carta elaborada ao final do Encontro realizado em Belgrado, Iugoslávia, 1975, promovido pela UNESCO. Disponível em:

http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20130508155641carta_de_belgrado.pdf. Acesso em 4 ago. 2019.

CARVALHO, I. A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais. 2008, p. 51-64. *In*: SATO, M.; CARVALHO, I. (org.). **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=eqz3taOyaH4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 10 dez. 2019.

CARVALHO, I. **A invenção do sujeito ecológico: sentidos e trajetórias em educação ambiental**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3336/000291796.pdf>. Acesso em 19 nov. 2019.

CARVALHO, I. As transformações na cultura e o debate ecológico: desafios políticos para a educação ambiental. *In*: NOAL, F. O. *et al.* (org). **Tendências da educação ambiental brasileira**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora EDUNISC, 1998, p. 113-126.

CARVALHO, I. C. Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação. *In*: LAYRARGUES, P. P. (coord). **Identidades da Educação Ambiental brasileira**. Brasília, DF: Edições MMA, 2004, p. 13-24. Disponível em: https://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/livro_ieab.pdf. Acesso em 19 nov. 2019.

CARVALHO, I. C. M.. O sujeito ecológico: a formação de novas identidades na escola. *In*: Pernambuco, M.; Paiva, I. (org.). **Práticas coletivas na escola**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2013. v. 1. p. 115-124. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33593484/T05_PFreire_IsabelCARVALHO.pdf?response-content-disposition=inline%3B%20filename%3D2013_O_sujeito_ecologico_a_formacao_de_n.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20191210%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_request&X-Amz-Date=20191210T203949Z&X-Amz-Expires=3600&X-Amz-SignedHeaders=host&X-Amz-Signature=b456025299dc3e0895bed914fb032e58530af124897c3c261cb54e686f596e7c. Acesso em 10 dez. 2019.

CASCINO, Fabio. Ecolazer e educação ambiental: uma inegável relação. *In*: NOAL, F. O. *et al.* (org). **Tendências da educação ambiental brasileira**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora EDUNISC, 1998, p. 83-95.

CAVALCANTE, J. J. *et al.* **Método (auto)biográfico e a pesquisa formação**. Atas Investigação Qualitativa em Educação, Jacobina, v. 1, p. 1688-1697, jul. 2017. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1522>. Acesso em 19 nov. 2019.

CIDIN, R. C. P. J.; SILVA, R. S. Pegada ecológica: instrumento de avaliação dos impactos antrópicos no meio natural. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, Rio Claro, v. 2, n. 1, jun. 2004, p. 43-52. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/257>. Acesso em 12 dez. 2019.

COLESANTI, M. T. M.; NEHME, V. G. F. **Qualidade de vida: hábitos e atitudes ecologicamente corretos**. Uberlândia: Série Educação Ambiental, 2007.

CONCEIÇÃO, J. T. P. et al. Obsolescência programada – tecnologia a serviço do capital. **INOVAE: Journal of Engineering, Architecture and Technology Innovation**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 90-105, mai. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fmu.br/index.php/inovae/article/view/386>. Acesso em 12 dez. 2019.

CONTI, J. B. Considerações sobre as mudanças climáticas globais. **Revista do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 16, p. 70-75, mar. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47286/51022>. Acesso em 19 nov. 2019.

COUTINHO, L. M. O conceito de bioma. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 20, n. 1, jan./mar. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-33062006000100002. Acesso em 11 dez. 2019.

CRESPO, S. Educar para a sustentabilidade: a educação ambiental no programa da agenda 21. In: NOAL, F. O. et al. (org). **Tendências da educação ambiental brasileira**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora EDUNISC, 1998, p. 211-225.

DEVEZA, A. C. R. Ayurveda: a medicina clássica indiana. **Revista de Medicina**, São Paulo, v. 92, n. 3, p. 156-165, set. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/79996>. Acesso em 19 nov. 2019.

ENGENHARIA ambiental e sanitária. In: GUIA do estudante. São Paulo, Grupo Abril, 2019. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/engenharia-ambiental-e-sanitaria/>. Acesso em 12 nov. 2019.

ENNES, M. Os fatores de risco real nas atividades de montanhismo. **Cadernos UNIFOA**, Volta Redonda, v. 8, n. 21, abr. 2013, p. 37-52. Disponível em: <http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/cadernos/article/view/12/0>. Acesso em 11 dez. 2019.

FARIA, W.J.J.; SILVA, L. M. A. F. Princípios da alfabetização ecológica. **Jornada de Pesquisa e Iniciação Científica**, [s.l.], v. 3, n. 3, 2012. Disponível em: <http://ceres.facer.edu.br/anais/index.php/jic/article/view/11>. Acesso em 19 nov. 2019.

FERREIRA, A. B.H. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

FIORI, C. B. Efeito da germinação e temperatura de processamento na composição nutricional de dietas crudívoras. *In*: MOSTRA ACADÊMICA UNIMEP, 8.2010, [s.l.]. **Anais [...]**. [S.l.]: UNIMEP, 2010. Disponível em: <http://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/8mostra/5/392.pdf>. Acesso em 11 dez. 2019.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em 10 dez. 2019.

GUIMARÃES, M. Educação ambiental crítica. *In*: LAYRARGUES, P. P. (coord). **Identidades da Educação Ambiental brasileira**. Brasília, DF: Edições MMA, 2004. p. 25-34. Disponível em: https://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/livro_ieab.pdf. Acesso em 19 nov. 2019.

GRAEBER, D. **Fragmentos de uma antropologia anarquista**. Porto Alegre: Deriva, 2011. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=sIE7V7W5LcAC&oi=fnd&pg=PA5&dq=anarquia+sem+governo&ots=5W1XHlpfpd&sig=n_2CINJkenos7ucpHqsp7EHNtBo#v=onepage&q=sem%20governo&f=false. Acesso em 15 dez. 2019.

HENDERSON, D. F. **Permacultura: as técnicas, o espaço, a natureza e o homem**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2012. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/3408/1/2012_DanielleFreitasHenderson.pdf. Acesso em 11 dez. 2019.

JACINTHO, C. R. S. **A agroecologia, a permacultura e o paradigma ecológico na extensão rural: uma experiência no assentamento Colônia I – Padre Bernardo – Goiás**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2007. Disponível em: https://orgprints.org/21831/1/Jacinto_Agroecologia.pdf. Acesso em 11 dez. 2019.

KINUPP, V. F. **Plantas alimentícias não-convencionais da região metropolitana de Porto Alegre, RS**. 2007. Tese (Doutorado em Fitotecnia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LACERDA, M. Regras de conduta são essenciais para preservar os parques ecológicos do DF. **Agência Brasília**, Brasília, DF, 06 nov. 2017. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2016/07/25/regras-de-conduta-sao-essenciais-para-preservar-os-parques-ecologicos-do-df/>. Acesso em 4 ago. 2019.

LAYRARGUES, P. P. Apresentação: (re)conhecendo a educação ambiental brasileira. *In*: LAYRARGUES, P. P. (coord). **Identidades da Educação Ambiental brasileira**. Brasília, DF: Edições MMA, 2004, p. 7-9. Disponível em: https://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/livro_ieab.pdf. Acesso em 19 nov. 2019.

LAYRARGUES, P. P. **Educação para a gestão ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos socioambientais**. 2000. Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Philippe_Layrargues/publication/242618396_EDUCACAO_PARA_A_GESTAO_AMBIENTAL_A_CIDADANIA_NO_ENFRENTAMENTO_POLITICO_DOS_CONFLITOS_SOCIOAMBIENTAIS_1/links/55e0b7ab08aecb1a7cc53501.pdf. Acesso em 12 set. 2019.

LAYRARGUES, P. P. Quando ecologistas incomodam: a desregulação ambiental pública no Brasil sob o signo do anti-ecologismo. 2017. **Revista de Pesquisa em Políticas Públicas**, [s.l.], edição especial – Direitos Humanos, p. 1-30, set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rp3/article/view/16812/15112>. Acesso em 20 out. 2019.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. C. Mapeando as macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental contemporânea no Brasil. 2011. *In*: ENCONTRO PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 6., 2011, Ribeirão Preto. **Anais** [...]. Ribeirão Preto: ICMBIO, 2011. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/images/stories/biblioteca/educacao_ambiental/Layrargues_e_Lima_-_Mapeando_as_macro-tend%C3%83%C2%AAncias_da_EA.pdf. Acesso em 12 set. 2019.

LIMA, C. S. **Vivências permaculturais na escola: explorando as relações afetivas – ecológica e socialmente – na educação formal**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: http://www.ppge.ufpr.br/dissertacoes%20m2012/m2012_Camila%20Silva%20de%20Lima.pdf. Acesso em 20 out. 2019.

LIMA, G. F. C. **Educação e sustentabilidade: possibilidade e falácias de um discurso**. *In*: ENCONTRO ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 2002, Indaiatuba. **Anais** [...]. Indaiatuba: ANPPAS, 2002. Disponível em: http://anppas.org.br/encontro_anual/encontro1/gt/sociedade_do_conhecimento/Gustavo%20F.%20Costa%20Lima.pdf. Acesso em 17 ago. 2019.

LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental transformadora. *In*: LAYRARGUES, P. P. (coord). **Identidades da Educação Ambiental brasileira**. Brasília, DF: Edições MMA, 2004, p. 65-84. Disponível em: https://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/livro_ieab.pdf. Acesso em 19 nov. 2019.

MARÇAL, T. S. *et al.* Correlações genéticas e análise da trilha para caracteres de fruto da palmeira Juçara, **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal, v. 37, n. 3, p. 692-698, set. 2015. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Tiago_Marcal2/publication/283521893_Genetic_correlations_and_path_analysis_for_fruit_characters_of_Jucara_palm_tree/links/56d0ac2c08ae85c8234875f3.pdf. Acesso em 16 dez. 2019.

MARTYNETZ, D.; SERBENA, C. A. O significado da Psicologia e da terapia holística para terapeutas holísticos graduados em Psicologia. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenal Studies**, Goiânia, v. 18, n. 1, jan./jun. 2012, p. 85-92. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735516012.pdf>. Acesso em 11 dez. 2019.

MEDEIROS, J. D. **Guia de campo: Vegetação do Cerrado 500 espécies**. Brasília, DF: MMA/SBF, 2011.

MENEZES, C. B.; DELL'AGLIO, D. D. Os efeitos da meditação à luz da investigação científica em Psicologia: revisão de literatura. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 29, n. 2, jun. 2009, p. 276-289. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/2820/282021772005.pdf>. Acesso em 11 dez. 2019.

MORAES, A. T. O discurso da saúde no espiritismo: do magnetismo à autocura. **Religare**, Goiânia, v. 14, n. 1, ago. 2017, p. 90-108. Disponível em:

http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MORAES_Angela_tit_Discurso_da_saude_no_espiritismo_do_magnetismo_a_autocura.pdf.

MUNHOZ, D. Alfabetização Ecológica: das pessoas às cadeias produtivas. *In*: LAYRARGUES, P. P. (coord). **Identidades da Educação Ambiental brasileira**. Brasília: Edições MMA, 2004, p. 141-155. Disponível em:

https://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/livro_ieab.pdf. Acesso em 19 nov. 2019.

NAKAHIRA, E.; MEDEIROS, G. A. Rotulagem ambiental: o caso do setor cosmético. **Engenharia Ambiental**, Espírito Santo do Pinhal, v. 6, n. 2, p. 544-563, mai./ago. 2009. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Gerson_Medeiros/publication/26843108_Environmental_labeling_the_case_of_the_cosmetic_sector/links/547d17c30cf2cfe203c200e6/Environmental-labeling-the-case-of-the-cosmetic-sector.pdf. Acesso em 12 dez. 2019.

NASCIMENTO, L. F. **Gestão ambiental e sustentabilidade**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC; CAPES; UAB, 2012.

Disponível em:

http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/15365410042013Gestao_Ambiental_Sustentabilidade_Aula_1.pdf. Acesso em 17 ago. 2019.

NEIMAN, Z.; MENDONÇA, R. Ecoturismo: discurso, desejo e realidade. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 98-110, nov. 2000. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63521>. Acesso em 17 ago. 2019.

- NOBRE, C. Mudanças climáticas e o Brasil – Contextualização. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, DF, n. 27, dez. 2008. Disponível em: http://seer.cgee.org.br/index.php/parcerias_estrategicas/article/viewFile/326/320. Acesso em 14 dez. 2019.
- OEIRAS, T. *et al.* Propagação de Fake News pelo Movimento Brasil Livre: Caso Marielle Franco. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 20., 2018, Juazeiro. **Anais [...]**. Juazeiro: [s.n.], 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0338-1.pdf>. Acesso em 15 dez. 2019.
- OLIVEIRA, F. R. *et al.* Impacto ambiental do eucalipto na recarga de água subterrânea em área de Cerrado, no Médio Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. **Revista Águas Subterrâneas**, São Paulo, suplemento, p.1-10, 2002. Disponível em: <https://aguassubterraneas.abas.org/asubterraneas/article/view/22677>. Acesso em 16 dez. 2019.
- OLIVEIRA, K. A.; CORONA, H. M. P. A percepção ambiental como ferramenta de propostas educativas e de políticas ambientais. **Revista Científica ANAP Brasil**, ano 1, n. 1, jul. 2008.
- OLIVEIRA, M. *et al.* **Creches: crianças, faz de conta & cia.** Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- OLIVEIRA, N. A. S. A educação ambiental e a percepção fenomenológica através de mapas mentais. **Revista Eletrônica de Mestrado em Educação**, Rio Grande, v. 16, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2779>. Acesso em 17 ago. 2019.
- ORMOND, J. G. P. *et al.* Agricultura orgânica: quando o passado é futuro. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 15, p.3-34, mar. 2002. Disponível em: https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/2479/1/BS%2015%20Agricultura%20org%20c3%a2ncia_P.pdf. Acesso em 16 dez. 2019.
- ORTEGA, A. C. **Desenvolvimento sustentável: homem e natureza no cerrado mineiro.** Uberlândia: Série Educação Ambiental, 2007.
- PEREIRA, J. C. Religião e poder: Os símbolos do poder sagrado. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, ano 2, v. 3, mai. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17055>. Acesso em: 15 dez. 2019.
- POTT, C. M.; ESTRELA, C. C.. Histórico ambiental: desastres ambientais e o despertar de um novo pensamento. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 31, n. 89, p. 271-283, abr. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142017000100271. Acesso em 01 jul. 2018.
- PRESGRAVE, R. F. *et al.* Legislação sanitária brasileira e a comunicação de riscos de produtos de limpeza domésticos. **Revista Brasileira de Toxicologia**,

São Paulo, v. 21, n. 2, 2009, p.27-33. Disponível em:
https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/12333/2/Rev_Bras_Tox_21_27-33.pdf. Acesso em 16 dez. 2019.

PROJETO TAMAR. **Programa de Estágios 2018**. Ubatuba, 2018.

PROTESTOS e paralisações contra cortes na educação ocorrem em todos os estados e no DF. **G1**, 15 mai. 2019. Disponível em:
<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/15/cidades-brasileiras-tem-atos-contra-bloqueios-na-educacao.ghtml>. Acesso em 15 dez. 2019.

QUINTAS, J. S. Educação no processo de gestão ambiental: uma proposta de educação ambiental transformadora e emancipatória. *In*: LAYRARGUES, P. P. (coord). **Identidades da Educação Ambiental brasileira**. Brasília: Edições MMA, 2004, p. 113-140. Disponível em:
https://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/livro_ieab.pdf. Acesso em 19 nov. 2019.

REIGOTA, M. Educação ambiental: fragmentos de sua história no Brasil. *In*: NOAL, F. O. *et al.* (org). **Tendências da educação ambiental brasileira**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora EDUNISC, 1998, p. 11-25.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008. Ebook, 1.ed., 2017. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=gmgvDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 18 set. 2019.

ROCHA, L. O. *et al.* Autoetnografia, ciências sociais e formação crítica: uma revisão da produção científica da Educação. **Revista Internacional de Formação de Professores**, Itapetininga, v. 3, n. 4, out./dez. 2018. Disponível em:
<https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/1148>. Acesso em 12 dez. 2019.

SANTILLI, J. **Socioambientalismo e novos direitos: proteção jurídica à diversidade biológica e cultural**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2005. Disponível em: http://www.ethno-terroirs.cnrs.fr/gestion/applis/apetit/fichiers/UNIVERSIDADEDEBRASILIA-SANTILLI_Juliana-Socioambientalismo-e-novos-direitos.pdf. Acesso em 12 dez 2019.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL: Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 24, n.1, ago. 2017, p. 214-241. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 12 dez. 2019.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Meio Ambiente. **Edital para seleção de voluntários: Programa Amigos do Verde 2011/2012**. 2011. Disponível em: <http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/fundacaoflorestal/2012/02/111111-edital-amigos-do-verde.pdf>. Acesso em 16 dez. 2019.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente; Instituto Florestal. **Parque Estadual da Serra do Mar: Plano de Manejo**. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 2008. Disponível em:

http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/fundacaoflorestal/2012/01/2-Volume-Principal-Completo_com-mapas-parte1-01a52.pdf. Acesso em 16 dez. 2019.

SARAIVA, R. C. F. Socioambientalismo e preservação ambiental no Brasil: contribuições a partir de uma visão regional. *In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA ANPUH*, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em:

[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300888228_ARQUIVO_ArtigoANPUH\(provisorio\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300888228_ARQUIVO_ArtigoANPUH(provisorio).pdf). Acesso em 09 nov. 2019.

SARTORI, A. T. O memorial de formação e a graduação de (futuros) professores. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 15, n. 28, p. 267-284, 1º sem 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4319>. Acesso em 19 nov. 2019.

SATO, M.; CARVALHO, I. Introdução – Itinerários da Educação Ambiental: um convite a percorrê-los. 2008, p. 11-16. *In: SATO, M.; CARVALHO, I. (org.). Educação ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=eqz3taOyaH4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 10 dez. 2019.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. 2008, p. 17-44. *In: SATO, M.; CARVALHO, I. (orgs.). Educação ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=eqz3taOyaH4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em 10 dez. 2019.

SCHLEIER, R. et al. Plantas, metais e planetas: o caso do *Bryophyllum*. **Arte Médica Ampliada**, Belo Horizonte, v. 36, n. 3, jul./set. 2016. Disponível em: <http://abmanacional.com.br/wp-content/uploads/2017/06/36-3-Bryophyllum.pdf>. Acesso em 11 dez. 2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4870098/mod_resource/content/3/SEVERINO_Metodologia_do_Trabalho_Cientifico_2007.pdf. Acesso em 20 nov. 2019.

SIGAUD, N. B. **Curso de formação de multiplicadores ambientais**. Amparo: Núcleo Caetê – Educação, Meio Ambiente e Cultura, 2016.

SILVA, D. A. A. Educação e ludicidade: um diálogo com a Pedagogia Waldorf. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 56, abr./jun. 2015, p.101-113. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602015000200101&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em 15 dez. 2019.

SILVA, J. O. M. Especismo: Porque os animais não-humanos devem ter seus interesses considerados em igualdade de condições em que são considerados os interesses semelhantes de seres humanos. **Revista Internacional de Filosofia da Moral**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 51-62, jul. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/1677-2954.2009v8n1p51>. Acesso em 12 dez. 2019.

SILVA, J. P. *et al.* O significado do jogo Escravos de Jó para o desenvolvimento da criança na educação infantil. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 2009, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: [s.n.], 2009. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002343720>. Acesso em 16 dez. 2019.

SILVA, W. P. **A substituição de sacolas plásticas nos supermercados e a atitude do consumidor: um estudo de caso na cidade de Taguatinga – DF.** 2011. Monografia (Bacharel em Administração) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/3741/1/2011_WallacePereiradaSilva.pdf. Acesso em 16 dez. 2019.

SIXEL, B. T. O que é agricultura biodinâmica. 2003. In: **Sociedade Antroposófica**, São Paulo, mar. 2010. Disponível em: <http://www.sab.org.br/portal/agricultura-biodinamica/45-o-que-e-a-agricultura-biodinamica>. Acesso em 28 out. 2019.

SOARES, A. L. J. **Conceitos básicos sobre permacultura.** Brasília, DF: Projeto Novas Fronteiras da Cooperação para o Desenvolvimento Sustentável, 1998.

SORRENTINO, M. A educação ambiental no Brasil: vinte anos de Tbilisi, cinco anos da Rio 92. **Debates Sócio Ambientais**, São Paulo, v. 2, n. 7, p. 3-5, 1997. Disponível em: <https://bdpi.usp.br/item/000930934>. Acesso em 17 ago. 2019.

SOUZA, C. L. *et al.* Fatores associados a patologias de pregas vocais em professores. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, 2011, v. 45, n. 5, out. 2011. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2011.v45n5/914-921>. Acesso em 11 dez. 2019.

SOUZA, E. C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, A. E HETKOWSKI, T. (org.). **Memória e formação de professores.** Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>. Acesso em 17 ago. 2019.

SPERANZA, L. G.; MORETTI, R. S. Logística reversa: análise de processos implementados. **Oculum Ensaios**, Campinas, v. 11, n. 2, jul./dez. 2014, p. 287-299. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3517/351732474007.pdf>. Acesso em 13 dez. 2019.

STEENBOCK, W. *et al.* **Agrofloresta, ecologia e sociedade.** Curitiba: Kairós Edições, 2013. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/images/stories/biblioteca/permacult>

ura/livro_AGROFLORESTA_ECOLOGIA_E_SOCIEDADE.pdf. Acesso em 29 out. 2019.

STOREY, C. Gênero e educação ambiental na amazônia. 1998. *In*: NOAL, F. O. *et al.* (org). **Tendências da educação ambiental brasileira**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora EDUNISC, 1998, p. 55-81.

STRAPASSON, A. B.; JOB, L. C. M. A. Etanol, meio ambiente e tecnologia – Reflexões sobre a experiência brasileira. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, DF, ano XV, nº 3, jul./set. 2006. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/63355/1/Paginas-de-pol-agr-03-2006-p.-51-63.pdf>. Acesso em 14 dez. 2019.

TALORA, D. C. **Efeitos do pisoteio experimental sobre a vegetação de dunas do Parque Estadual da Serra do Mar, Picinguaba, Ubatuba, SP**. 2007. Tese (Doutorado em Recursos Florestais) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11150/tde-18042007-143653/en.php>. Acesso em 10 nov. 2019.

TELLES, C.; SILVA, G. L. F. Relação criança e meio ambiente: avaliação da percepção ambiental através da análise do desenho infantil. **Revista Technoeng**, Ponta Grossa, jul./dez. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/261474628_RELACAO_CRIANCA_E_MEIO_AMBIENTE_Avaliacao_da_percepcao_ambiental_atraves_da_analise_do_desenho_infantil. Acesso em 28 out. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Instituto de Ciência e Tecnologia de Sorocaba. **Projeto político-pedagógico do curso de engenharia ambiental**. Sorocaba: UNESP, 2017. Disponível em: <https://www.sorocaba.unesp.br/Home/Graduacao/EngenhariaAmbiental/projeto-politico-pedagogico---ea.pdf>. Acesso em 28 out. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Manual do aluno**. Sorocaba: Unesp Sorocaba, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Resolução nº 15/2011, do Conselho de Graduação**. Aprova as Normas Gerais da Graduação da Universidade Federal de Uberlândia, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONGRAD-2011-15.pdf>. Acesso em 11 dez. 2019.

VOLPATO, G. L.; CRUZ, M. I. A. **Memorial**: sugestões para elaboração. Botucatu, 2012. Disponível em: http://unesp.br/cgb/mostra_arq_multi.php?arquivo=9411. Acesso em 19 nov. 2019.

WILLE, R. B. Educação musical formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 13, p. 39-48, set. 2005. Disponível em:

<http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/323>. Acesso em 10 dez. 2019.

ZIMMERMANN, C. L. Monocultura e transgenia: impactos ambientais e insegurança alimentar. **Veredas do Direito**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 79-100, jul./dez. 2009. Disponível em:
<http://www.domhelder.edu.br/revista/index.php/veredas/article/view/21>. Acesso em: 14 dez. 2019.

APÊNDICE A – POESIAS, FOTOGRAFIAS E DESENHOS

Cachorro-do-mato sem mato



Dizem que isso é progresso
Desmatamento completo com sucesso
Animais com fome
Floresta derrubada
A biodiversidade some
O tudo vira nada

Em nome do dinheiro
A destruição é permitida
Não importa a ética
Muito menos a vida

Nessa lógica materialista
Sinto muito, mas tudo pode
Não importa se é raro
Vai dar dinheiro, então explode

Imerso em tanta ignorância
Segue-se o princípio da ganância
Com a falsa desculpa de alimentar a população
Fica mais fácil investir nessa ilusão
Enquanto a conta bancária melhora seu astral
A natureza sofre com a conta ambiental

Extinção, poluição
Erosão, contaminação
Um sistema criado e aceito
Para estimular e justificar tanto desrespeito

Mas todo o sangue derramado
E o ambiente degradado
Um dia há de ser honrado
E voltará a ser sagrado

Nadando no mar de lixo

Aaah como é bom nadar
Se jogar no mar
Pra alma lavar
E se deparar
Com uma garrafa a boiar

Nadar de braçada
Em meio à lixaiada
E sair do mar grilada
Com uma sacolinha pendurada
Que por alguém foi desprezada

Sentar na areia
De canudinhos cheia
Me irritar com a porquisse alheia
Ver o quanto a coisa está feia
E o quanto isso me chateia

Começo a me perder
Tentando entender
O que leva pessoas a fazer
Tanta sujeira e esquecer?
Estão a enlouquecer?

Acham que alguém vai catar
Ou que é de boa o mar levar?
Não se responsabilizar
Pelos animais que irão matar?
O legal mesmo é não se importar!

Vêm à praia só pra curtir

O lema é apenas se divertir
Não levam o lixo na hora de partir
Devem achar que a mão vai cair
Ou que magicamente o lixo vai sumir

Bando de gente que não sabe honrar
Tudo o que a natureza nos dá
Ela está sempre a nos cuidar
E agradecem a sujar e depredar
Qual a dificuldade de respeitar?

Tá na hora de acordar
Seus cérebros servem para pensar
Não dá mais pra continuar
A não se responsabilizar
Do planeta Terra todos precisam zelar

Sujeira viva

Capine

Corte

Pode

Limpe a sujeira

Tire as folhas do chão

E debaixo da goiabeira

Facilite a erosão

Deixando o solo exposto

Prefiro o solo pobre

Do que com esse composto

Tire todo o mato para afastar as cobras

Mate as pererecas do banheiro

Dê um fim no capim e em todas as sobras

Mate as lagartas do coqueiro

Mosquito eu odeio

Mas prefiro seu predador morto

Porque sapo é muito feio

Só de pensar nele me gera desconforto

Desculpe se mataram seu feijoeiro

Estava no meio do caminho

Daqui as uns dias cortarão o limoeiro

Assim como arrancaram seu pé de peixinho

Que cuidou durante meses com tanto carinho

Jogue um veneno pra matar

Qualquer “praga” que aparecer

O importante é controlar

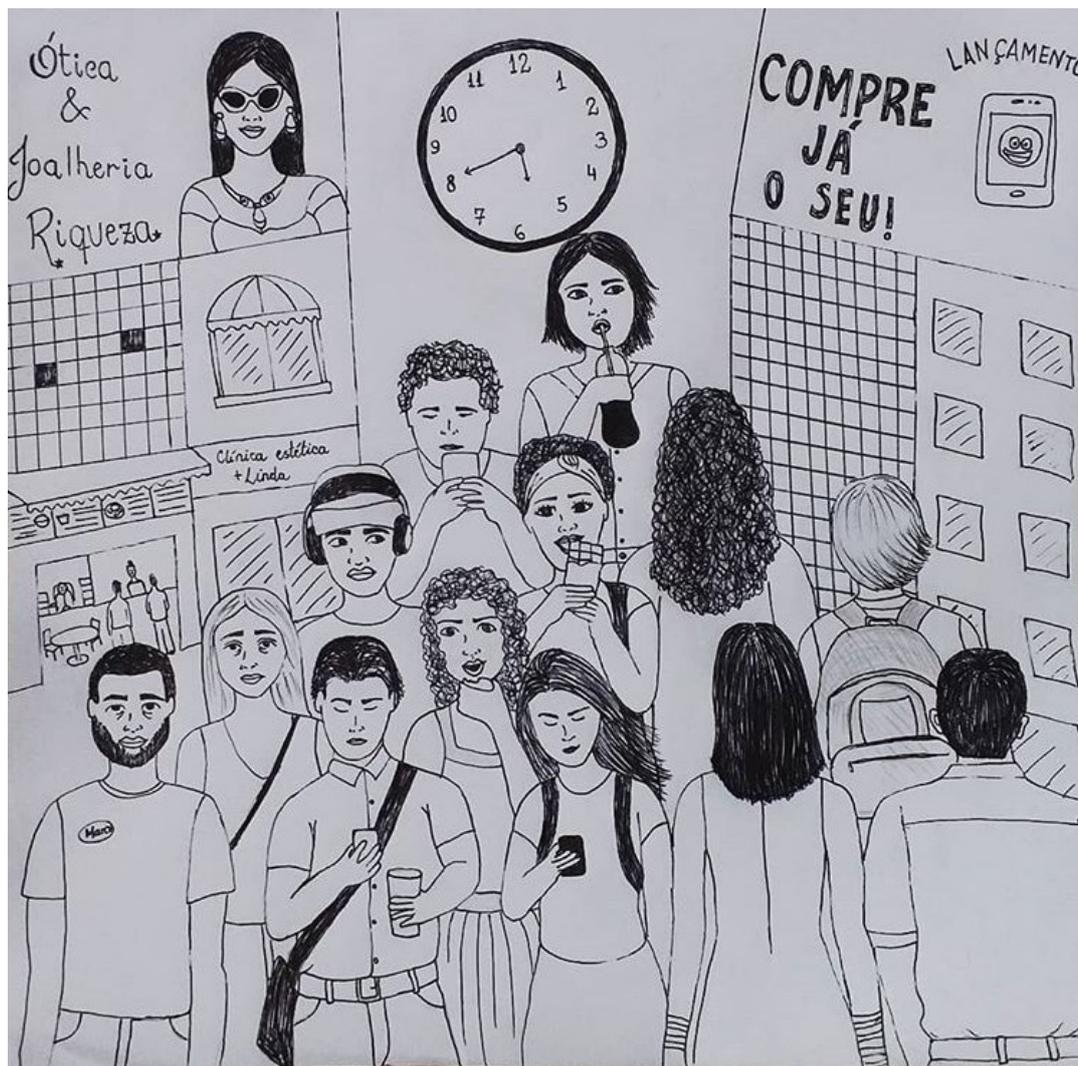
Não importa quem vai morrer

Arranque aquela planta que eu não conheço
Pois se não sei o que é, não serve pra nada
Pelo mato desconhecido não tenho apreço
Por isso tiro o alimento dos insetos e da passarada
Pois acredito no antropocentrismo
E acho que sou o centro de tudo
Não me venha com ambientalismo
Prefiro ficar no meu desconhecimento agudo

E assim ajudo a destruir a natureza
É na área sem vida que vejo beleza
Não gosto de mato, prefiro “limpeza”
As plantas mortas que fiquem com sua tristeza

Não sei se algum dia irão perceber
Que no mato e na vida não tem nada imundo
São os ciclos naturais que nos permitem viver
Suja é sua forma de ver o mundo

Pessoas urbanas



Paro pra observar

Algumas pessoas urbanas

Comportam-se como robôs

Mas aparentemente são humanas

Às vezes tão automatizadas

Que tornam-se desumanas

Pra elas, urbanização é progresso

Nunca saem da cidade

Acham que viver no mato é retrocesso

Adoram praticidade

O sentido da vida é ter dinheiro e coisas

Associam consumo com felicidade

A vida sem celular
Pra elas é inconcebível
Crescimento sem destruição
Pra elas é impossível
A vida natural
Pra elas deve ser invisível

A energia que transmitem
É de cansaço e preocupação
Parecem zumbis
Fazendo só o que parece obrigação
Acham estranho
Quem não assiste televisão

O pôr do Sol nunca param pra olhar
Seu celular nunca pode ficar desligado
Com a conquista alheia costumam a se alegrar
Não percebem que inveja também é pecado
Se alguém sai pra viajar começam a criticar
Como se tirar um tempo pra si fosse errado

Priorizam falsas necessidades
Vivem de artificialidades
A aparência é mais importante
Do que viver intensamente cada instante
Sair pra comer é seu principal prazer
Não importa se o que comem um dia vai lhes adoecer

Preferem comprar comida envenenada
Do que plantar o próprio alimento
Preferem beber água clorada
Do que água de nascente

Banho de cachoeira?
Só se for de água quente

Têm medo de bicho
Têm medo de gente
Talvez tenham medo até de ar puro
Pra resistirem tanto a saírem do meio da poluição
Acho que a fumaça do ar
Afetou seu cérebro e seu coração

Estranham quem anda descalço
Estranham quem anda sorrindo
Desconfiam de todo mundo
Pois violência diariamente ficam assistindo
Nunca olham as estrelas
E deixam a rotina ir lhes consumindo

O que vieram fazer nesse planeta
Além de ganhar dinheiro e poluir?
Ter uma vida sem sentido
E para um sistema injusto produzir?
Manter a pirâmide social
Para o mais rico sempre subir?

Acordem, pessoas urbanas
A vida não precisa ser essa dureza
Enquanto vivem suas vidas insanas
Só aumenta ansiedade e tristeza
Desliguem-se das coisas mundanas
Vocês fazem parte da natureza

Lixos



Esse recado é pra você
Que joga lixo no chão
O seu lixo não tem pernas
E ninguém tem obrigação
De sair pegando o lixo
De quem não tem educação

Não me importa se você é analfabeto
Ou médico de formação
Todo mundo deve saber
Que o planeta não é um lixão
Sua atitude só demonstra
O quanto você é sem noção

As maravilhas desse planeta
Você não faz por merecer
Quando joga lixo no chão
Mostra que é egoísta pra valer
É preguiça de ir até a lixeira?
Segurar seu lixo não vai doer!

Suas atitudes irresponsáveis
Muitos animais podem matar
Golfinhos e peixes admiráveis
Com seu lixo podem engasgar
Se fizer uma necrópsia
Plástico em seus intestinos vai encontrar

As tartarugas marinhas
Estão em risco de extinção
A grande maioria tem lixos no corpo
Que atrapalham sua digestão
Elas morrem desnutridas
Pois o plástico as leva à inanição

Muitos materiais sempre viram lixo:
Canudos, copinhos, tampinhas, isopor
Quando descartados de forma errada
Podem causar cenas de horror
Animais presos por toda uma vida
Com resíduos em seu corpo lhes causando dor

Fui pra praia caminhar
E em meia hora enchi uma sacolinha
Tinha plástico pra todo lado
Linha de anzol, copo descartável e latinha
Tampa de garrafa, embalagem de bolacha

Bituca de cigarro e até camisinha

A mesma coisa acontece na cachoeira
Jogam tanto lixo que fico revoltada
Qual o sentido de ir pra um lugar tão bonito
E destruir deixando essa lixaiada?
Povo pobre de espírito
Que não dá valor em nada

O que você ouviria
Se seu lixo pudesse falar?
_Ei pessoa porcalhona!
O chão não é meu lugar!
Sei que não se importa com os outros
Mas você também vai se prejudicar!

Sua cidade vai inundar
Pois o papel que com desprezo solta
Uma hora entope os bueiros
E prejudica tudo à sua volta
Então coloque na sua cabeça:
Tudo o que vai, volta!

O mercúrio da pilha que despreza
Amanhã contaminará seu alimento
O papelzinho da sua bala
Comido por um peixe causa muito sofrimento
Mostre que é inteligente
E tenha discernimento!

Você acha que tem cultura
Mas é sem educação
A sua atitude

É uma vergonha pra nação
Não respeita a natureza
E muito menos seu irmão

Deixe de ser preguiços@
E tenha amor no coração
Jogue o lixo na lixeira
E nunca jogue no chão
Seja responsável
Não vai cair sua mão

Ser mulher



Em sociedade machista
 Mulher é apenas objeto
 Cada uma é rotulada
 Desde princesa a dejetos

Pra gente se sentir sempre pior
 Vivem inventando padrões
 O peito podia ser maior
 Os peuzinhos são sempre vilões

Você precisa emagrecer
 Senão ninguém vai te querer
 Você precisa engordar

Senão o homem não tem onde pegar

Seu cabelo cacheado

Merece uma chapa

Seu rosto de espinhas manchado

Passa maquiagem que tapa

As unhas devem ser pintadas

Os fios brancos também

Faça mechas douradas

E um botox faz bem

Produtos de todos os tipos

Pra cada tipo de cabelo

Faça algumas lipos

E laser pra ficar sem pêlo

Mas homem peludo tudo bem

E se fica fedido, o que é que tem?

Nunca se esqueça do desodorante

Seu cheiro de moça deve ser constante

Sabonete íntimo pra sua vagina fedida

Ninguém quer surpresas desagradáveis

Pro pênis não é uma boa pedida

Afinal sempre estão com odores desejáveis

Não ande sozinha

Não saia sem calcinha

Andar na rua à noite nem pensar

Você não está segura em nenhum lugar

Sair sem sutiã num pode não

Senão um homem abusa com razão

Saiu na rua assim toda vulgar?
Deu motivo pra ele te estuprar

Mamilos femininos na rua: tampem!
Mamilos femininos na revista: mostrem!
Mulher pelada no carnaval: legal!
Mulher pelada em manifesto: imoral!

Mulher com pelo na axila
Assusta mais que bêbada estuprada
Ainda dizem que a mulher é quem vacila
Colocando a vítima como culpada

Porque o corpo natural
Tornou-se anormal
E o abuso sexual
Tornou-se banal

O corpo sagrado
Virou mera mercadoria
Não importa se ela é santa
Ou se a chamam de vadia

Tem gente que acredita
Que não precisamos de feminismo
Por não saber o que é, descredita
E o confunde com femismo

Feminismo é a mulher ser tratada como gente
Sem que o homem se imponha intelectualmente
Muito menos politicamente
E nunca a violenta covardemente

E não se engane minha amiga
Existe muita mulher machista
E enquanto a gente aceitar e propagar
A desigualdade de gênero nunca vai acabar

Por isso ame-se como você é
E ignore o que dizem sobre nós
Tenha orgulho em ser mulher
E nunca deixe calarem sua voz

União brasileira

Trezentas nações
Dentro de outra nação
Que não respeita suas tradições
Mas prega a falsa união

União dos 3 poderes
Que finge trabalhar pelo povo
Mas egoístas só pensam neles
E raramente propõem algo bom e novo

Estão sempre a impor
O que a maioria não quer
Propostas vazias de amor
Cheias de preconceito à mulher

Seus ministros
Não me representam
Vários posicionamentos sinistros
E absurdos que implementam

Apoiam coisas horrendas
Pois o dinheiro fala mais alto
Juízes, vistam suas vendas
População, prepare-se pro assalto

Amazônia sendo desmatada
Mineração em terra demarcada
O futuro sendo roubado
Graças a um discurso esfarrapado

Centenas de agrotóxicos liberados

E para a arte não tem incentivo
Projetos asquerosos implementados
Que vão prejudicar o coletivo

Indígenas sendo atacados
Desde que o país foi “descoberto”
Humanos sendo escravizados
E humanos que acham isso certo

Hoje só crescem os casos de depressão
Nesse contexto político, como ficar são?
São ameaças a diversos direitos
E reprodução constante de preconceitos

O compartilhamento de tantas asneiras
Abalam sempre meu otimismo
Não sei quais notícias são verdadeiras
E me irrita ver tanto conformismo

O que vai acontecer
Com o povo brasileiro?
Quando todos irão perceber
A presença dos lobos no galinheiro?

E eu aqui, o que posso fazer?
Fico aqui chorando vendo tudo acontecer?
Vou pra floresta em uma árvore me amarrar?
Pra ver se a respeitam e a deixam em seu lugar?

Ou fico aqui dentro dessa guerra?
De veneno na comida, no ar e na terra?
Plantando árvores e o próprio alimento?
Qual meu papel nesse momento?

Diante de tanta ignorância
Informação eu tento buscar
Mas não escondo minha relutância
Sobre qual fonte posso confiar

Onde a estupidez é utilizada
Pra convencer os mal-ensinados
Estudar é andar armada
E uma ameaça aos degenerados

Eu busco aprender sempre no meu caminhar
E tento conhecer o Brasil de verdade
Conhecendo os povos que insistem em ignorar
Para um dia ensinar para a liberdade

Povo alienado

A gente foi criado
Pra ser alienado
Sistema escolar desmontado
Povo ignorante e doutrinado

Não aprendemos a lutar
E nem a protestar
Lei é pra juiz e advogado
O resto permanece enganado

Comportando-se como gado
É fácil ser sempre maltratado
E aprender a se conformar
Pois nada parece mudar

Na arte da reclamação
A maioria é experiente
Pena que tanta falação
Nada melhora realmente

Reclamar é clamar duas vezes
E reclamando passam-se meses
Parece que tudo se repete
E o povo acha normal e não reflete

Esperar não é a melhor opção
E abrir a mente é necessário
Vendo que é possível mudar o padrão
Abrem possibilidades de cenário

Diante da polarização

O foco torna-se equivocado
Cresce a desunião
E se esquecem do verdadeiro culpado

A sociedade fica dividida
E falsos inimigos são criados
Enquanto isso na bancada bandida
Projetos malignos são aprovados

Especialistas em hipocrisia
Nunca fazem o que pregam
Praticam incoerências todo dia
Mas não reconhecem quando erram

Machistas por toda parte
Dizendo não serem machistas
E muitos viciados em arte
Menosprezando a profissão dos artistas

Parece que nos educaram
Pra sermos mestres em contradição
E que pouco estimularam
A capacidade de reflexão

A paz é algo que adoram defender
Ao mesmo tempo muitos defendem o armamento
Eu não consigo compreender
Tamanho falta de discernimento

Defendem poluidores
Atacam ambientalistas
Aplaudem os aproveitadores
Chamam quem cuida da terra de terroristas

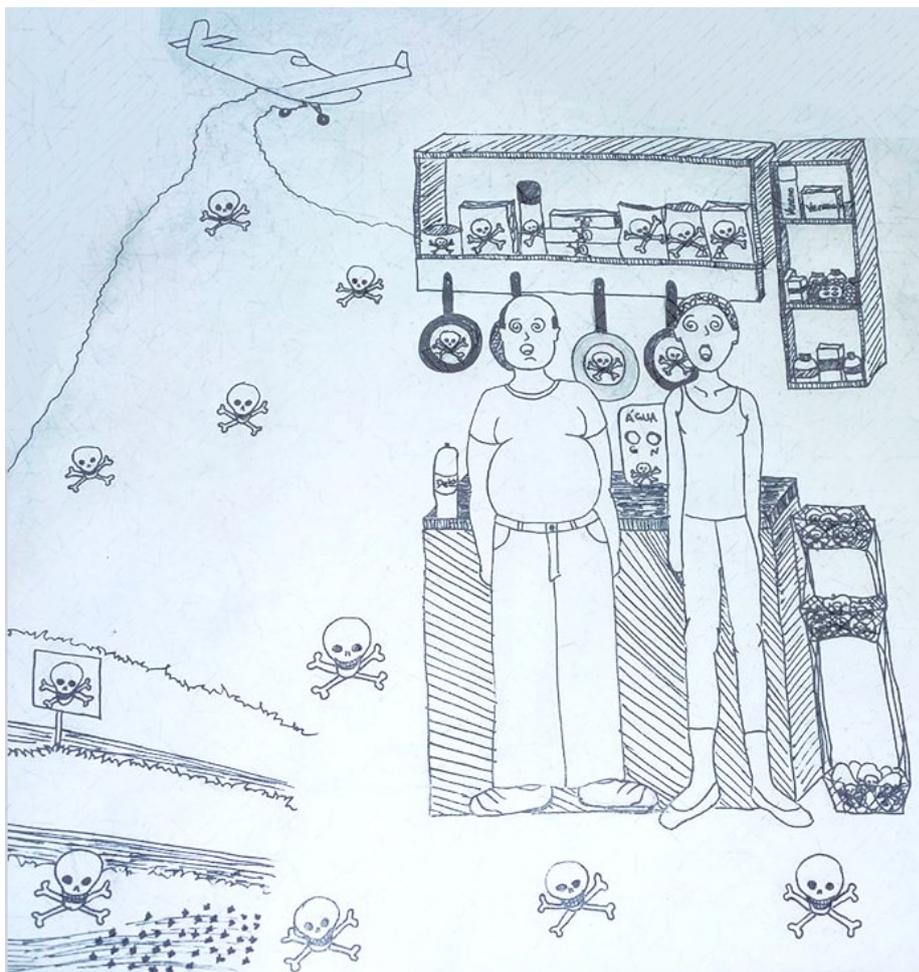
Dizem que as coisas precisam mudar
Mas criticam quem faz manifestação
É coisa de vagabundo protestar
Eficiente mesmo é fazer oração

Mudança interna ajuda
Mudança externa mais ainda
A ação é o que muda
E boa educação é bem vinda

Priorizar o coletivo
Acima do individualista
Pensar em todos é mais efetivo
Que a ruim e velha visão egoísta

Eu não sei se algum dia
Tudo isso irá mudar
Depende da nossa ousadia
E capacidade de se rebelar

Plano de extermínio



Vou começar meu raciocínio

Falando do alumínio

Presente em embalagens, desodorantes, panelas

Pode causar causar alzheimer e outras sequelas

Tem também as panelas de teflon
 Cujo antiaderente parece ser bom
 Mas várias pesquisas descobriram
 Que o tamanho do pênis diminuíram
 Os gases tóxicos das panelas quentes
 Para as aves são letais
 E os seus tóxicos componentes
 Para o fígado e tireoide são prejudiciais
 O cloro da água que bebemos

Em alguns países é considerado pesticida
Mas no Brasil, como sabemos
Está sempre presente em nossa vida
Mata bactérias que pro nosso corpo são essenciais
Se o banho é quente, o vapor de cloro irrita vias nasais

Em vários países europeus
A fluoretação da água foi proibida
Mas o efluente de indústrias químicas
No Brasil tem distribuição garantida
Pelos dentistas é recomendado
Mas ao hipotireoidismo está associado
O flúor é um sedativo em tranquilizantes utilizado
Dizem que era (é?) usado por governantes
Pra deixar o povo entorpecido e desmotivado

Também estamos sempre expostos
Aos tais dos parabenos
Devemos evitar esses compostos
Que na nossa pele agem como venenos
Nos xampus, cremes e maquiagens estão
Com câncer de mama e próstata podem ter relação
Podem alterar o humor, causando ansiedade
Gerar alergias, melanoma e afetar fertilidade

O triclosan também é um perigo
E devemos encará-lo como nosso inimigo
Nos Estados Unidos já foi banido
Mas no Brasil só falta ser ingerido
Presente em sabão, desodorante, pasta dental
Pra pele, olhos e mucosas é prejudicial
Propicia a resistência bacteriana
Causa fibrose hepática e disfunção tireoidiana

Pra nossas louças lavar
Caprichamos no detergente
E nem paramos pra pensar
No mal que ele causa na gente
É ingerido sem intenção
Do prato mal lavado
É poluente e cancerígeno
Mas continua liberado
Pois o resíduo da cadeia petroquímica
Em algum lugar tem que ser utilizado

Criados na guerra para matar pessoas
Os agrotóxicos passaram a ser vistos como coisas boas
Estão no solo, na água e no ar
Constantemente a matar
Defeitos congênitos, câncer, intoxicação
É um pouco do que causa a nossa alimentação
Abelhas em risco de extinção
Contaminação para toda uma geração

Sobre os transgênicos adoram falar
Que não comprovaram seus malefícios
É que gostam de nos enganar
Fingindo existirem benefícios
Causam reações alérgicas, câncer, redução da fertilidade
E a poluição genética afeta a biodiversidade
O agricultor agora dependente
Perdeu as sementes nativas
O suicídio tornou-se recorrente
Pois os endividados não viram alternativas

Plástico pra todo lado

Até mesmo no sal de cozinha
Presente nas mamadeiras e qualquer produto embalado
Afeta a vida marinha
Libera Bisfenol A
Que suas glândulas pode desregular
Afeta fertilidade
E pode causar câncer testicular

Radiação e ondas de celular
Praticamente impossível evitar
As torres e aparelhos estão quase em todo lugar
Energia que entra nos tecidos e afeta o organismo
Pode gerar fadiga, insônia, depressão e aumento do metabolismo
Tumores na cabeça e pescoço são riscos potenciais
Assim como alterações auditivas e problemas visuais

Indústria alimentícia
Carga dupla da má nutrição
O povo está mais obeso
E ao mesmo tempo em desnutrição
Alimentos cancerígenos geralmente são mais baratos
Os perigos estão diariamente em nossos pratos
Comendo produtos que nem são considerados alimento
Pobres em nutrientes e ricos em caloria
Que geram aumento do colesterol, intolerância, alergia
Não é difícil entender por que diabetes é epidemia

Indústria de medicamento
Vista por muitos como a grande salvação
Está associada a vários casos de envenenamento
Pra vender remédios, aos médicos paga comissão
Pra cada medicamento, vários efeitos colaterais
Surgem novas doenças e ela vende sempre mais

Ganha em cima do medo e da hipocondria
Pra tratar viciados, medicamento que vicia
Remédio liberado hoje, amanhã proibido
Depois que quase matou um monte de desentendido

Ginecologistas costumam recomendar
Diversos anticoncepcionais
Pra mulher desde a puberdade
Evitar gravidez e problemas menstruais
Podem causar trombose e infertilidade
Reduzir libido e causar problemas sexuais
Alteram o humor, causam enxaqueca
Desconectam a mulher dos seus ciclos naturais

Desmatamento
Pro clima piorar
Pra afetar rios e nascentes
E pra biodiversidade acabar

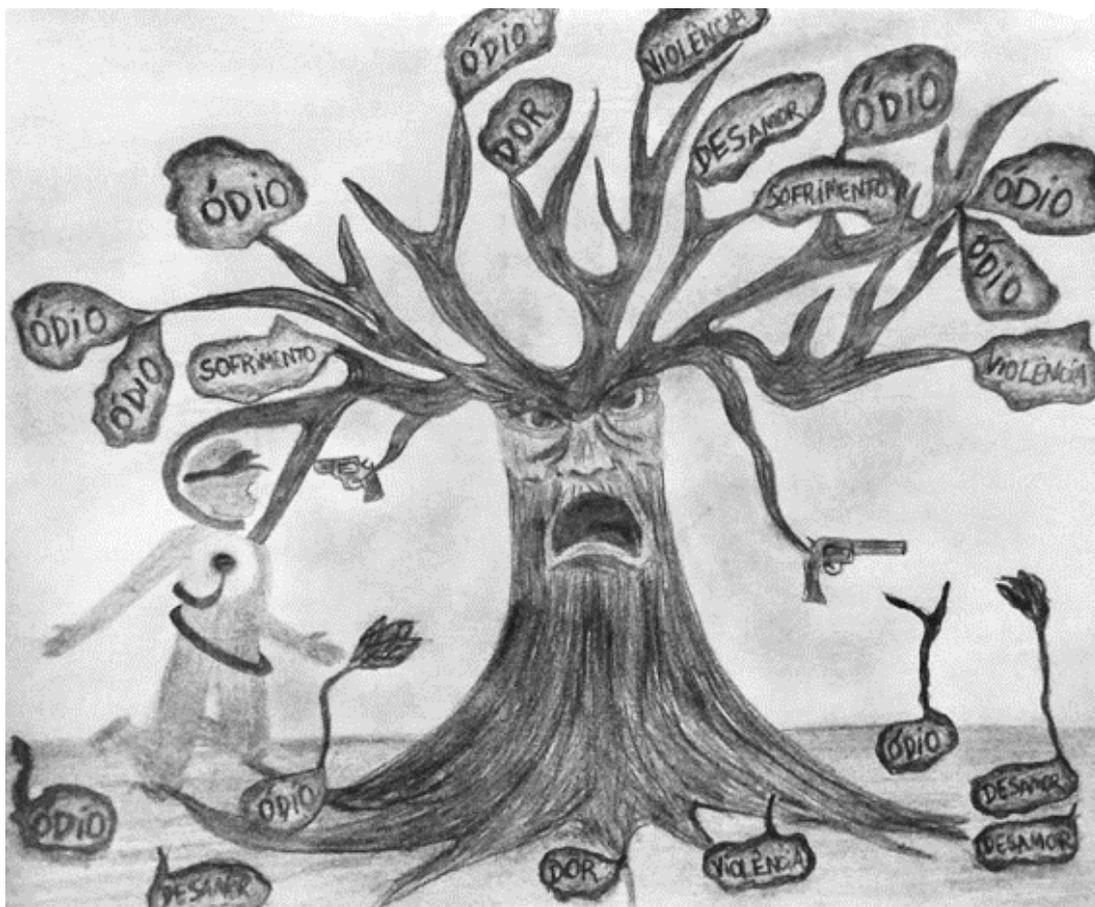
Mineração
Pra na lama tóxica o povo morrer
Toda a água de um rio apodrecer
E somente uma cratera permanecer

Petróleo
Pra poluir o mar
Pra poluir o ar
E a vida marinha matar
Vendido como óleo mineral ou parafina para hidratação
Pode causar dermatites, leucemia e câncer de pulmão

Era um plano de extermínio
Quem denunciou, foi calado

Preso, exilado, descreditado
Alguns até foram assassinados
Aguardamos a punição dos culpados
Assim como o despertar dos mais afetados

Brasil 2018



Dizem que é bom viver na cidade
 Em uma economia sustentada por doença e obesidade
 Comer alimentos transgênicos envenenados
 Deixar nossos recursos serem leiloados

Destruir a natureza em nome do falso progresso
 Ouvir músicas machistas que fazem sucesso
 Gastar dinheiro com futilidades
 Perder tempo assistindo atrocidades

Alguns dizem “Deus acima de tudo”
 Cheios de “porém, entretanto, contudo”
 Consideram-se cristãos
 Mas veem poucos como irmãos
 Os tratamentos só são iguais
 Com quem segue os mesmos ideais

Só praticam o que Cristo ensinou
Se lhes for conveniente
A maioria esquece o que ele pregou:
Amar a todos incondicionalmente

Miseráveis merecem migalhas
Fronteiras merecem muralhas
Acham que são a favor da igualdade
Mas só defendem o que é bom pra si
Cada um com sua prioridade
Sociedade igualitária é apenas mimimi

Dizem que socialista é tudo otário
Fascismo é absurdo mas votam em Bolsonaro
Criticom Hitler impondo a raça ariana
Mas também pensam de forma insana
Muitos são adeptos à xenofobia
E com frequência reforçam a homofobia

Alguns são a favor de coisas deploráveis
Veem nossas vidas como bens comercializáveis
“Aumenta a carga trabalhista pra acabar com essa mamata”
Qual o problema de voltarmos pros tempos da chibata?

Entram na energia negativa dos jornais
São estimulados a valorizar coisas banais
Supervalorizando o que não tem valor
Fica mais fácil entrar em pavor
Sendo escravos dos próprios bens
Escolhendo ser sempre reféns

Não percebem que fazem parte do ambiente

E criticam ambientalistas frequentemente
Depois reclamam do clima louco
Mas pra cooperar fazem nada ou pouco

Tráfego intenso, trânsito parado
Não abre mão do carro importado
Onde andar de ônibus é sinônimo de pobreza
O preço do combustível sobe que é uma tristeza
O ar fica cada vez mais poluído
O povo cada vez mais exaurido

Para problemas antigos e profundos
Propoem soluções imediatistas
Punição para os vagabundos
Armamento para os belicistas
Tiram vidas em segundos
E Deus me livre de ativistas

Parece até psicopatia
Pois o que lhes falta é empatia
Amor, respeito e união
E claro, muita educação

A gente precisa se esclarecer
Abrir a mente e sempre aprender
Se o mundo não para pra eu descer
O jeito é paciência e tentar entender

Independência?

Transformaram nossa dança em uma marcha
Tiraram a liberdade dos nossos passos
Enrijeceram nossa leveza com seus pesos
Fizeram-nos seguir as regras de seus descompassos

A agressividade do masculino desequilibrado
Entrou no lugar da sensibilidade feminina
No lugar da alegria, ordem
No lugar da criatividade, disciplina

A arte rebelde que questiona
Tornou-se mais um produto da opressão
Que sem licença invade nossas vidas
Com regras impostas sem argumentação

Quem foi que inventou o controle?
Quem foi que impôs tal ordem?
Quem percebeu que poderíamos ser governáveis?
Quem foi que disse que eles podem?

Quando foi que nos deixamos
Ser governados e controlados?
Quando foi que aprendemos
A sermos oprimidos e calados?

Desde a antiguidade
Vivemos tal insanidade
Idolatrando reis e imperadores
Deuses ou governadores

Que não são melhores que nós

Mas têm o dom de enganar
Sua lábia é perigosa
E é capaz de dominar

Se olharmos a história
Parece que nunca houve tempos
Sem líderes, governantes e ídolos
Impondo seus mandamentos

A crença de que precisamos deles
Parece ser bem mais profunda
Por isso nos sujeitamos
A tanta corrupção imunda

Tem gente que parece gostar
De ser oprimido e governado
Pedem pela volta da ditadura militar
E querem ser controlados pelo estado

Pra eles é inconcebível
O povo tomando o poder
Talvez porque acreditam
Que assim é impossível viver

Talvez lá no fundo
Tenham medo da liberdade
Preferem dar seu poder para os outros
Do que assumir a auto-responsabilidade

O nosso poder pessoal
É interno e vem de dentro
Não precisamos de heróis
E de nenhum governante no centro

Não precisamos de deputados
Presidentes nem senadores
Muito menos de ditadores
Psicopatas torturadores

Não precisamos deles
Mas eles precisam da gente
E podemos derrubá-los
De forma inteligente

O poder do povo
Emana do povo
E só a nossa autonomia e união
Acabará com tanta dominação

Biocentrismo

Tem gente que costuma achar
Que é necessário matar animal
Acreditam que são perigosos
E veem suas mortes como algo normal

É extremamente agonizante
Ver o povo imerso no antropocentrismo
Matando tantos seres vivos
Por ignorância e egoísmo

Pra perceber que o ser humano
Não está no centro de tudo
Basta um pouco de humildade
E também um pouco de estudo

A vida neste planeta
É uma cadeia com muitas ligações
Cada ser vivo tem seu valor
E suas importantes funções

A lagartixa que na sua casa aparece
Não é pra você matar
Ela se alimenta de insetos
Com os quais você costuma se incomodar

As aranhas também são
Controladoras de insetos
A maioria nem é peçonhenta
Se vê-las, observem quietos

A abelha foi considerada

O animal mais importante do planeta
Pare de reclamar do seu ferrão
Sem ela você não come nem melão

Aliás muitas abelhas nativas
Nem têm ferrão pra te ameaçar
O mais triste é saber
Que sobre elas você nunca ouviu falar

Os morcegos que te amedrontam
São excelentes polinizadores
Os gambás controlam diversas “pragas”
Então não foque apenas em seus odores

As serpentes que mandam matar
São predadoras de ratos
E a coruja que te incomoda ao gritar
Se alimenta de serpentes e sapos

As árvores que “sujam” sua calçada
Talvez fazem mais pelo planeta que você
Fornecem alimento e conforto térmico
Mas você não quer dar valor e reconhecer

Os passarinhos propagam sementes
Os urubus limpam a carcaça
Cada ser vivo tem sua importância ecológica
E você? Colabora ou só disfarça?

Seria lindo se você se sentisse
Parte desta teia também
Aprenda a amar a natureza
E a ela faça sempre o bem

Porcentagem antiecológica



Os que não plantam florestas
Parecem sentir prazer em dizer
Que temos florestas demais
Que é preciso desmatar pra crescer

Os que gostam de números prontos
Têm um tosco argumento
Que o Brasil mantém 60%
De florestas livres de desmatamento

Não pararam pra pensar
Que é um país continental
E que é muito relativo

Falar apenas em percentual

11% de áreas de florestas brasileiras

Equivale a quase 3 Reinos Unidos

Enquanto tentam enganar o povo com números

Milhares de hectares de florestas são suprimidos

Da Mata Atlântica

Só restou 10% preservada

Na Caatinga fragmentada

A biodiversidade está ameaçada

O Cerrado já foi reduzido

A 50% de sua área original

O impacto na oferta de água

Será sentido em escala nacional

Pensam apenas nos números

Mas não veem a questão ecológica

Talvez nem saibam o que é endemismo

E nem se importem com a diversidade biológica

Confundem eucalipto com floresta

Mas na verdade são verdes desertos

Absorvem enormes quantidades de água

E os prejuízos à biodiversidade são certos

É uma estupidez achar

Que só precisamos de soja e gado

Não veem todas as outras vidas

Que se acabam no campo desmatado

Não basta olhar a porcentagem

É preciso saber os limites de cada ecossistema

Porque depois que o desequilíbrio se estabelece
É muito difícil resolver o problema

Não conseguem ter dimensão
Da dificuldade que é
Esperar crescer uma plantação
E manter tantas árvores em pé

Proteger do fogo
Proteger do gado
Montar brigadas de incêndio
Para não ver tudo queimado

Plantar e esperar
Cuidar e observar
Agoar, adubar
Cercar para ninguém pisar

Eles não têm paciência
De esperar uma árvore crescer
Mas sem elas não têm sombra
Muito menos o que comer

Em vez de olhar a porcentagem
Vá pro mato olhar a natureza
Quem sabe assim acordam
E passam a entender e valorizar sua grandeza

Sagrado Cerrado

Sagrado Cerrado

Por suas riquezas naturais é desvalorizado
Os gananciosos só conseguem enxergar
A área que nele querem desmatar

Cegos dizem que aqui não tem nada
Ignorantes de seus potenciais naturais
Querem só monocultura mecanizada
Desconhecem suas plantas medicinais

Suas flores tão raras
Eles parecem nunca notar
Seus frutos indescritíveis
Eles nem querem experimentar

Querem apenas o dinheiro
Que nesta terra podem ganhar
Por isso a destroem ligeiro
E o Cerrado se põe a chorar

Berço das águas do Brasil
Abriga nascentes de importantes rios
Mas nada disso parece importar
Para esses seres humanos frios

Como não se incomodam com essas árvores mortas?
Não conseguem ver vida em tantas árvores tortas?
Acho que não aprenderam a dar valor
À obra natural criada pelo Criador

Porém os destruidores

Não podem ser mais fortes que os protetores
Sua ganância cheia de terror
Não pode ser maior que o nosso amor

Bora povo do Cerrado
Defender o que é sagrado
Reflorestar o que foi desmatado
E proteger nosso solo amado

Plantar pequi e pitanga
Comendo murici e cajamanga
Ouvindo o canto da seriema
Embaixo da sombra de uma jurema

Plantando sementes de sucupira
Caju, baru e barbatimão
Cuidar do nosso bioma
Pode ser nossa salvação

Deixemos o mal para lá
E vamos parar de lhes apoiar
Uma ideia é lhes boicotar
E seus produtos parar de comprar

Viver em equilíbrio
Com a natureza é demais
Encerro a poesia pedindo
Que deixem o Cerrado em paz

Sacolinha

Ela está em todo lugar
Nas nossas casas, na rua, no ar
Na América, na Europa, no mar
Em qualquer estabelecimento que passar

Está tão presente no nosso dia-a-dia
Que é difícil se imaginar sem
Ela sempre nos faz companhia
Não importa de onde vem

No mar tornam-se armadilhas
Pra tartaruga marinha com fome
Que a confunde com algas marinhas
E pode morrer quando lhes come

Um dia quis me livrar dela
Então percebi a resistência
Sempre falo que não quero
Mas continuam na insistência

Criaram umas oxibiodegradáveis
Para enganar os usuários
O material vira pó
Que não é consumido por fungos, bactérias nem protozoários

Mesmo as biodegradáveis
Podem tornar-se desagradáveis
Levam anos para se degradar
Estando no solo ou no mar

Criadas pra facilitar nossa vida

Quem diria que esse objeto
Iria se tornar uma bandida
E um pesadelo concreto?

Agora é hora de dizer não
E utilizarmos objetos mais duráveis
Carregar sempre na mão
Nossas bolsinhas retornáveis

O óbvio não custa dizer
Nunca jogar lixo no chão
Isso todos já deveriam saber
Mas insisto em repetir o bordão

Usar a criatividade
Para tomar iniciativas
Perguntar pra quem tem mais idade
Quais eram suas alternativas

Vale também exigir
Soluções aos fornecedores
Sacolas compostáveis ou caixas
Para atender aos consumidores

Cada um faz o seu papel
Pra resolver os problemas ambientais
A solução não cai do céu
E nossas atitudes são fundamentais

Uns e outros

Uns viviam suas vidas
Conforme mandava o padrão
Quando outros viviam diferente
Uns começavam com a repressão

Outros quiseram ser
Como vieram ao mundo pra ser
Uns disseram não
Que era melhor seguir a multidão

Uns invejosos infelizes
Não toleravam ver outros felizes
Uns sempre viviam na tristeza
E não queriam ver outros contra a correnteza

Uns querem ficar presos
Dentro do sistema que defendem
Usando todas as suas forças
Pra permanecer no que lhes prendem

Quando outros tentam sair
São reprimidos com força por uns
Porque uns não suportam
Ver outros seguindo caminhos incomuns

Força para os reprimidos
Saírem alegres e destemidos
Desse meio de opressão
Que não lhes quer com um sorriso

Mas sim produtivos e ajustados

Vivendo suas vidas sem sentidos
Atendendo a um sistema
Que lhes quer sempre corrompidos

Pobres mentes presas
Em preconceitos e mediocridade
No fundo queriam ser livres
Mas tinham medo da liberdade

Moralismo cego

Já vi filho se matar
Porque os pais não queriam lhe aceitar
Já vi pai morrer
Com rancor no peito sem perdoar
Pelo simples fato do seu filho
Ter resolvido se tatuar

Filhos que foram pra longe
Pois não se enquadravam no que os pais esperavam
Ligações que se perderam
Porque os preconceitos predominavam
E a discriminação
Era mais forte do que suportavam

Estereótipos criados
Estão sempre a destruir famílias
Desrespeito o tempo todo
Mãe que não aceita filha
Estimulam a não aceitação
Até mesmo na sagrada bíblia

Quando o moralismo cego
Fala mais alto que o amor
O resultado não pode ser outro
Além de brigas e muita dor
O padrão cruel ordenado
Às relações é ameaçador

O amor dos pais nesses casos
Parece não ser incondicional
Impede de aceitar seus filhos

Por uma imbecil moral
Que define o caráter alheio
Pela orientação sexual

Quando deixam de acolher um filho
Por não seguir o estereótipo imposto
E repetem frases desgastantes
Dizendo que ele lhes gera desgosto
Ele se sente desajustado
E escorrem lágrimas de seu rosto

Moral bizarra e cruel
Que só afasta quem se ama
Destruidora de lares
Que tanta desgraça esparrama
Espero que seja extinta
Queimando em uma enorme chama

Meu mundo ficou cinza

Eu costumava ser otimista
E o meu mundo era colorido
Mas de repente ficou cinza
E um tanto dolorido

Passei a ver muitas coisas
Que me angustiam e entristecem
Abri meus olhos e ouvidos
Para notícias que me aborrecem

No meu mundo da fantasia
Todos eram bons e educados
Mas quanto ele se desfez
Muitos transformaram-se em zumbis malvados

Perpetuando o fascismo
E aprovando a barbaridade
Defendendo ideias nefastas
Batendo palmas pra crueldade

Mas dessa energia sombria
Agora eu quero me desligar
E se pra isso for preciso
Vou voltar a me alienar

Porque não sou obrigada
A ficar sempre ligada
Nem me manter conectada
Pra me deixar ser manipulada

De tantas mentiras e *fake news*

Eu já estou mais do que farta
Notícias negativas que vendem
Pra minha mente e coração basta

Eu não sei mais como lidar
Com a amargura que me tomou
Até no meu corpo físico
A minha raiva já somatizou

É que é muito revoltante
Ver tanta injustiça sem punição
Ver poucos humanos enriquecendo
À base do sofrimento e destruição

Mas é exatamente isso
Que eles querem da gente
Pois nossa energia ruim
Os fortalece constantemente

Os representantes do mal
Têm medo da luz e do bem
E quando estamos com raiva
Nossa energia lhes convém

A tristeza nos torna escravos
E assim é mais fácil nos dominar
Então o poder usa a mídia
Pra nos entristecer e controlar

Eu hoje me dei o direito
De tantas notícias ignorar
Porque daquilo que me faz mal
Eu resolvi me afastar

Quando eu não lia jornal
O meu mundo era um pouco mais legal
O mundo não é o que eu leio
Pois de notícia negativa está cheio

A mídia quase não estimula
O compartilhamento de notícias positivas
Pra nos deixar alertas e com raiva
Usa suas estratégias sugestivas

Mas no meu círculo social
Tem um monte de gente da paz
Que leva o amor em suas ações
E tanto bem pelo planeta faz

Vou excluir tanto jornal
E conviver com mais gente legal
Já que é difícil se manter positiva
Cercada de energia negativa

Eu quero voltar a ver o mundo
Sob a minha perspectiva
Pra alegria e amor do universo
Estou novamente receptiva

Sei que não vai ser fácil
E às vezes vou querer chorar
Pois a maldade e crueldade
Não está só na tela do meu celular

Para campos desmatados
Planto mudas e sementes

Pra ignorância alheia
Abro debates indecentes

A neurociência mostra
Que a raiva prejudica o aprendizado
Com alegria, ao contrário
O desenvolvimento é acelerado

Vibrando sempre na alegria
Vou aprender mais animada
Com mais força e compreensão
Enfrento os desafios mais centrada

Eu colaboro muito mais
Quando minha mente está alinhada
Vibrando energia positiva
E sempre no agora focada

Vou voltar a fazer
Só aquilo que me faz bem
Com amor e alegria
Eu chego muito mais além

Vegana agressiva

Depois que parei de comer animais
Sempre vem alguém fazer a pergunta cretina
Acho que tentam tirar minha paz
Perguntando: “Cadê a proteína?”

Parece até uma constelação alimentar
Em que ninguém pode ser excluído
Não esquecem o porco que quiseram matar
Mesmo assassinado querem que seja incluído

Eu fico sem entender o por que dessa fixação
Quando monto meu lindo prato do dia
Incluo mais 30 plantas na minha alimentação
Mas o foco de todos é na exclusão do que eu comia

Em nutrição de vegano
Você é especialista, por acaso?
Ou continua acreditando
Na pirâmide alimentar do atraso?

Às vezes meu prato parece a atração do dia
Começam a observar antes mesmo de dar bom dia
É que se preocupam com minha saúde e alimentação
Mas estão obesos e tomam remédio pra pressão

Desde que me tornei vegana
Não tenho mais problema de colesterol
Meu intestino agora sempre funciona
E eu não queimo tanto no Sol

Ninguém quer saber do meu jiló orgânico

O prato é colorido, mas falta um bicho morto
Parar de comer transgênicos os deixam em pânico
Preferem comer veneno do que um pepino orgânico torto

Tenho várias opções de verduras na minha hortinha
Algumas conhecidas e outras não convencionais
Tem couve, tem alface, mas prefiro azedinha
Bertalha e Orapronóbis são plantas sensacionais

Eu como minhas PANCs feliz da vida
Às vezes fico triste é com seu preconceito
Suco verde é bebida fácil de ser digerida
E só me benefício com seu efeito

Foram anos me esforçando
Pra aprender a gostar de salada
Agora tentam ficar me empurrando
Doces, salgadinhos e comida industrializada

Eu não fico encarando
O bicho morto no seu prato
Por que você tem que ficar criticando
Meu almoço repleto de mato?

Já cansei de tanta ignorância
Vou comer no meu canto mantendo distância
Vá comer sua carne com pus
E me deixa em paz com meu cuscuz

APÊNDICE B – LETRAS DE MÚSICAS

Rap vegan

Eu tô aqui com a minha marmitinha
Só de vegetais porque eu não como galinha
Eu sou amiga das vacas e dos peixinhos
Por isso eu prefiro que eles fiquem bem vivinhos

Um dia ouvi que a paz
Começa no meu prato
Por isso hoje em dia eu adoro comer mato

Os bichos são de Deus
Eles não são meus nem seus
Eles querem viver
Livres nadar, voar, correr

Não, não se engane
Os bichos têm consciência
Se você duvida,
tem estudos na ciência

Sim, Deus criou, tantos seres com amor
E a gente maltratou como num filme de terror
Nos desconectamos da sagrada natureza
Que pede por socorro e clama por limpeza

Agora é a hora de nos reconectar
Senão nosso planeta não vai mais aguentar

A Amazônia está sendo desmatada

E a grande maioria não tá fazendo nada
Índios sendo mortos pra plantar monocultura
De soja transgênica pra alimentar o gado
Já é a hora de mudar nossa cultura
Pois a destruição não pode ser nosso legado

Pesquise e estude, não fique sossegado
Não se aliene e fique sempre ligado
Sendo consumidores somos todos responsáveis
Vamos mudar o mundo com ações admiráveis

Eu sou a favor da libertação humana
Da Terra, dos animais, e por isso sou vegana
Enquanto existir essa constante exploração
A paz mundial nunca chega, meu irmão

Seja a mudança que você quer ver no mundo
Mergulhe nessa ideia porque isso é profundo
A paz começa em mim e eu mudo o mundo assim
E agora o meu rap tá chegando no fim

Soltaram o balão

Foi no dia 30 de maio que o povo
Voltou pras ruas para protestar
Contra cortes na educação
Andaram pelas ruas segurando um balão

Diziam com muito orgulho
Agora
Ninguém solta a mão de ninguém
Mas se esqueceram que a Terra
E os animais querem segurar nossa mão também

Protesto pela educação
Que excluiu a educação ambiental
Porque o meio ambiente sempre fica de lado
Largado como algo secundário

E o balão voou voou voou
No outro dia
Murchou murchou murchou
Chegou no rio Uberabinha
E foi comido por uma tartaruginha

E a tartaruga
Morreu morreu morreu
Com a bexiga que comeu comeu comeu
Quando soltaram o balão
Soltaram também a minha mão

No país que mais persegue e mata ambientalistas
Onde ministro do meio ambiente desmerece quem foi Chico Mendes
Onde conhecimento ambiental é totalmente desvalorizado

Onde aqueles que defendem a floresta são tratados como lixo

Assim como a educação

O meio ambiente é um direito da nação

Somos parte dele e dele nós dependemos

Por isso seus direitos defendemos

Em vez de soltar o balão

Abrace o ambientalista e segura sua mão

Porque não está sendo fácil

Todo esse desmonte e essa destruição

Naturália Músicas. **Música: Soltaram o balão.** 2019. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=DrX9ID4ci0A&t=77s>. Acesso em 10 dez. 2019.